

Preço: Cr\$ 1,50

em todo o Brasil

Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 2

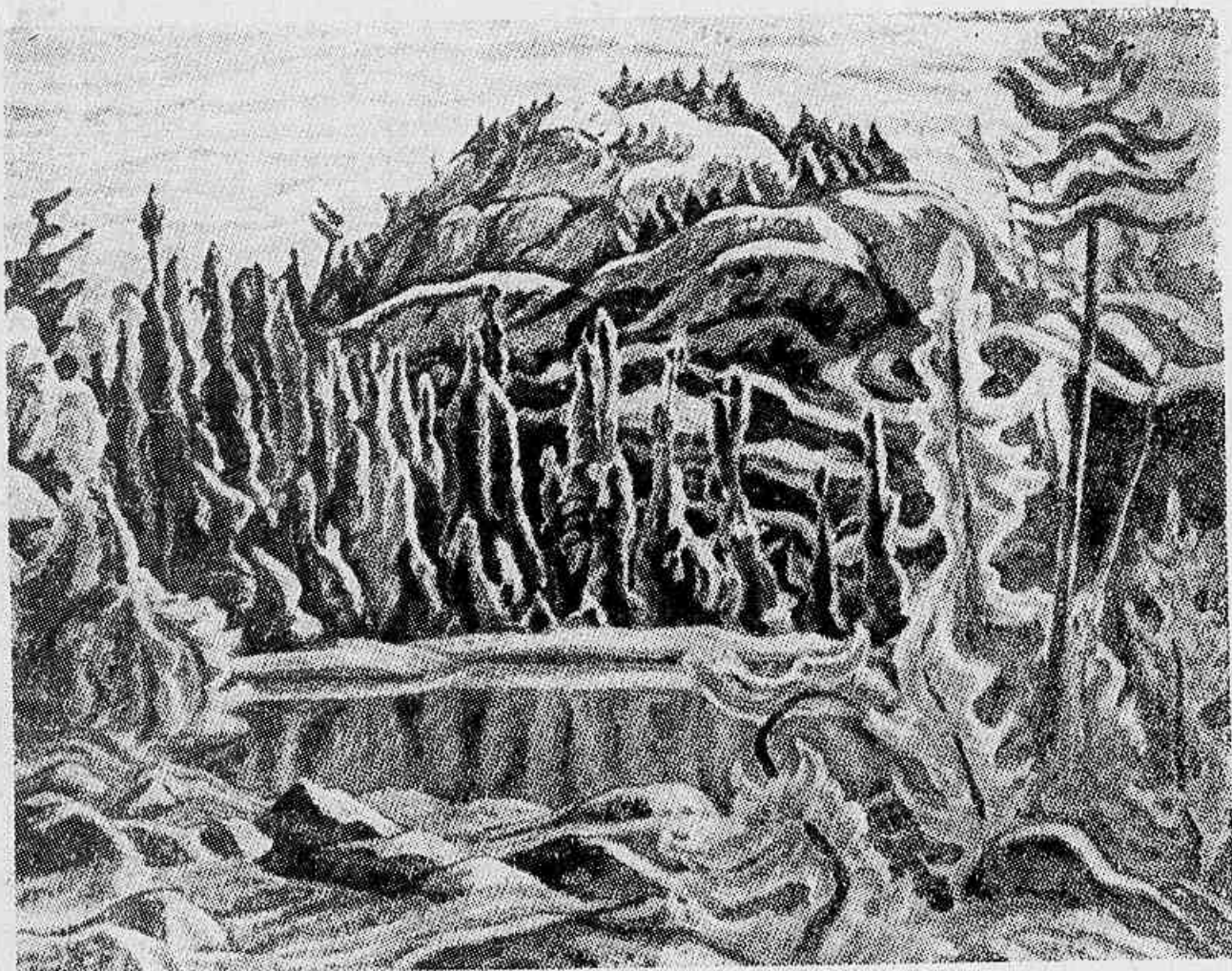
9 de Janeiro de 1943



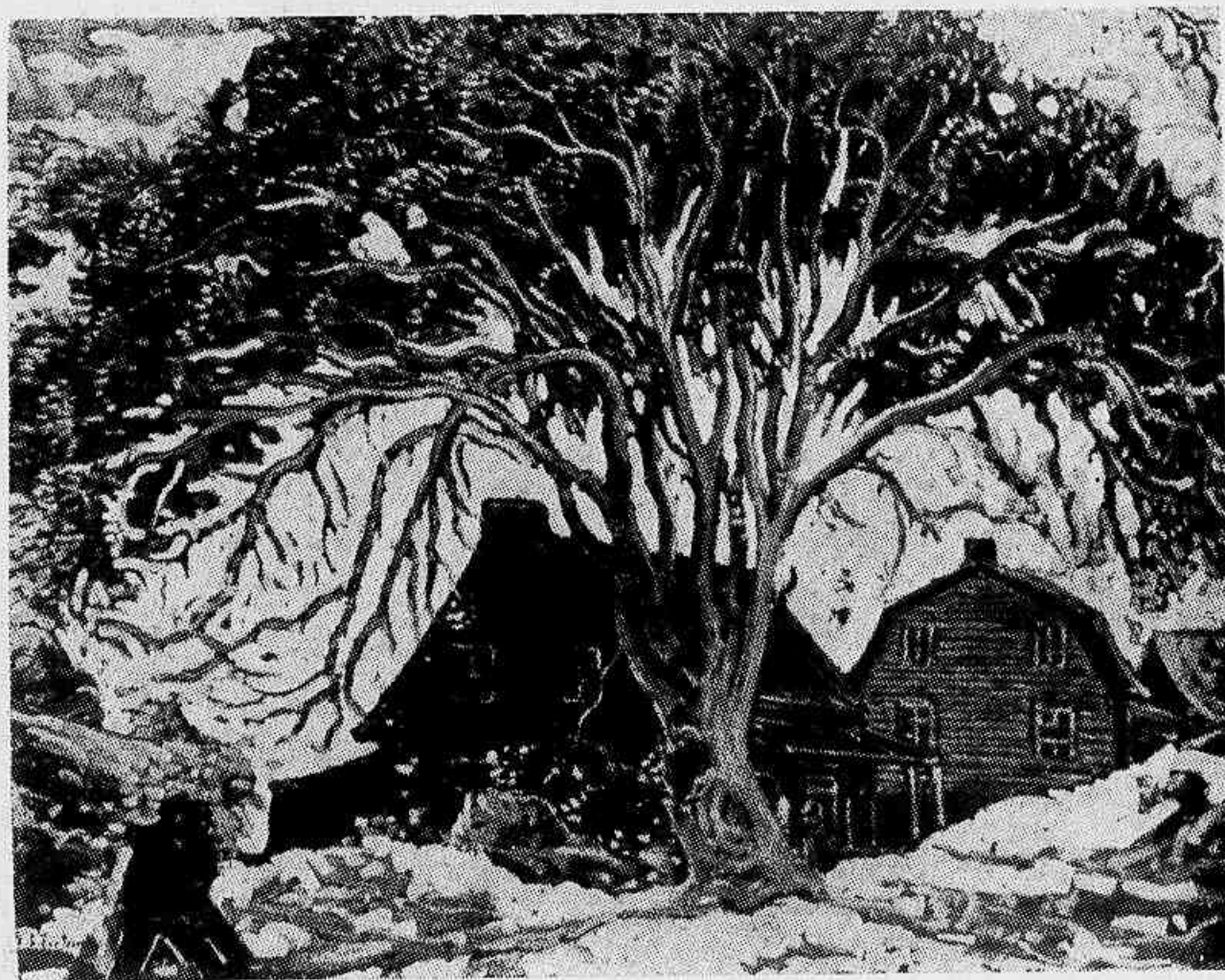
BRASILEIROS SOB A NEVE

(REPORTAGEM NO TEXTO)

Pintura Contemporânea



Alexander Young Jackson, de Montreal, estudou no Instituto de Arte, de Chicago, e na Academia Julian, de Paris. E' hoje presidente do Canadian Group of Painters e membro da Ontario Society of Artists.



Marc A. Fortin, de Ste. Rose, estudou e trabalhou em Montreal, Chicago e Paris. Fez grandes viagens através do oeste do Canadá. Mereceu os premios da Galeria Nacional, de Ottawa, e o Hessian Dow, de Montreal.



CANADA'

A atuação dos artistas canadenses na Exposição do Imperio Britânico, em 1924, foi tão expressiva que os criticos londrinos unanimemente afirmaram haver surgido na grande nação britânica da America uma escola decorativa, original e vital de paisagistas.

O primeiro artista representativo do espirito nacional canadense foi Paul Kane que, no meado do século passado, entregou-se á aventura de percorrer a costa do Pacifico em busca de motivos para

a sua arte. Entretanto a força da tradição europeia continuou imperando. Foi depois de 1890 que os artistas canadenses começaram a aproveitar as cenas de neve do pais e se tornaram finalmente tão consumados mestres no gênero que os seus trabalhos foram distinguidos nos grandes centros artisticos. E' realmente notavel o seu senso poético da natureza, as formas não representativas, a forte ênfase do desenho, o rico e brilhante colorido. Toda a pintura contemporanea canadense é acentuadamente realista, não obstante as formas extremadas do modernismo lá não tenham adeptos de grande valor.



EXPOSIÇÃO DE GILBERTO TROMPOWSKY

O conhecido pintor catarinense mais uma vez exhibe os seus trabalhos ao publico carioca. Modernista sem ser desequilibrado, o sr. Gilberto Trompowsky ostenta nas suas produções certa audácia de concepção, paralelamente a muita harmonia. Tratando sempre de temas brasileiros, ocupou-se, desta vez, da flora e fauna amazônica, fazendo-a com essa espontaneidade, essa liberdade de movimentos de quem nunca saiu de seu País em visita a um grande centro de arte. A mostra, que deveria ter-se encerrado a 31 de Dezembro, levou grande numero de visitantes ao edificio A. B. I.

A Cigarra e o Sorveteiro

Por

Octavio Tavares



Há no verão carioca dois índices vegetais que são a oferta da Terra á entrada do Sol no signo do Capricornio: a florescência das acácias e a frutificação dos cajueiros. Flora e Pomona agradem de frente o prolóquio e fazem do amarelo, com que vestem a leguminosa e a anacardícia, a pompa irresistível da natureza tropical. Predomina a terceira côr do espectro solar na polipodem, no mês de Dezembro em que pontifica Santa Luzia de Siracusa, compreender pelos olhos que as flores douradas das acácias e os frutos louros dos cajueiros anunciam o advento do estio. Faltem-lhes todos os outros sentidos e a visão bastar-lhes-á para que entendam empiricamente que Amaltéa, a cabra que aleitou Jupiter - precursora da dadivosa loba que entreteve a vida dos fundadores de Roma - sobreleva no infinito faiscante das constelações.

A Botanica acha pequena a Terra e sente a ansia do Cosmos. A fitogeografia sonha ser fitocosmografia.

Entanto, o verão carioca, apavorante estação em que nos vemos, não é de molde a merecer o tradicional perdão do mal que faz pelo bem que sabe, o bem que é o encantamento da vista no panorama unicolor dos areais cheios de frutos e dos vergeis povoados de flores. Não faltará quem amal-diçõe as acácias engalanadas e os cajueiros regorgitantes... Será que umas e outros servem apenas para a profecia idiota da mais rude das estações?

Servem também — não se lhes pôde negar a extranha valia — para mostrar que a creatura humana pode ocasionalmente vêr, com os olhos que a terra há de comer, a mutação dos signos.

O verão, porém, não é só a estação que se vê: é a que se ouve também. Dir-se-ia que a hora da entrada do Sol no Capricornio tem estrondos de girandolas, bimbalar de sinos, toadas dolentes de Ave-Marias, clarinadas de amanhecer... Quando faltarem os outros sentidos, bastará o ouvido para que saibam todos que o estio baixou sobre a terra carioca, impetuoso, terrível, inexorável. E' que ha também dois índices animais que repontam, infalíveis: a cigarra e o sorveteiro. São duas vozes que clamam e proclamam. Duas vozes impenitentes e fatais, uma a chiar, outra a apregoar. E a chiadeira e o pregão, casando-se ou alternando-se, teem o significado inequívoco de uma grande definição. Sozinhas, sem mais nada, as duas vozes, e cada uma delas, positavam uma quadra.

Tentem outros atenuar a objurgatória de La Fontaine, e não conseguirão deixar ela de ficar de pé, intangível como o pesado estigma que identifica a cigarra. Não se purificará jamais do labéu; antes, torna-se cada vez mais merecedora dele, por tudo o que a fábula imortal relata e mais ainda pelo que tem de impiedoso ao louvar e bendizer a chegada do verão com a sua estridulação enervante. Fazem-na os poetas heroína das suas estrofes, exaltam-na, dão-lhe fóros de santidade e vão ao exagero da divinização. E tudo isso porque a cigarra, mal amanhece, dissimulada nas vergôntes, ramos, galhos e troncos, se assanha toda, numa escandalosa vibração, e chia atordoadoramente, a saudar - como um Inca minúsculo e alado - a tinta inflamada dos arrebóis. A egolatria da Natureza... A Natureza venerando-se a si própria, envaidecida, soberba, imbuida da convicção de ser aquela Biblia unica e incomparável do verso de Guerra Junqueiro.

Todavia, o panegirico da cigarra é uma profanação musical. Tivesse ela a harmonia magica dos sabiás e das patativas, dos gaturamos e corruções, e ser-lhe-ia perdoada ao menos a intenção... Mas a cigarra é uma cantora selvagem, bárbara, que requinta na obstinação de fazer mal aos ouvidos humanos. E' um simbolo da pretenção.

Teve, porém, o tino sutil de eleger o companheiro de reinado, irmanando-se ao sorveteiro com uma clarividencia aturdidora. « Arcades ambo... »

O samba nasceu nos morros; o batuque é a melopéia da nostalgia africana; outros pretensos generos musicais teem berços equivocados e idiotice inequívoca. A voz do sorveteiro consegue, no mais inconcebível ecletismo, participar de todas as aberrações da musica, enxertando-as com outras muitas que o improvisado propicia, na crença de uma revelação de genio...

Entretanto, ele fala cantando, ele canta falando - ignominia incoercível e impune - e, mais que tudo, faz entrar pelos ouvidos alheios a certeza de que o barometro porfia em oprimir as creaturas com uma perfidia inevitável.

O humorista bem pôde dizer que o sorveteiro é, em verdade, um vivente singular: não ganha a vida com o proprio suor, e sim com o suor alheio... E há nele um prazer satânico, porque não só se rejubila com a canícula que resulta na exsudação abundante, como pede que ela venha, que dure, que seja cada vez maior, para se sentir bem á custa dos males do proximo. Ultima palavra em oportunismo!

As duas vozes se casam no mais sincero dos hinos ao Verão - a da cigarra e a do sorveteiro. Leibnitz pregou a harmonia das esferas e o sorveteiro e a cigarra se encarregam de ostentar a desharmonia na esfera em que habitamos. Verdadeiro paradoxo - uma desharmonia harmonica, porque os dois não se separam, antes se completam, numa integral emulação de esforços em prol do seu ideal, que é o estio eterno.

Aí está por que muita gente odeia as cigarras e amaldiçoa os sorveteiros. Elas e eles são o índice de um flagelo, de vez que não ha um vivente equilibrado que possa achar graça no verão carioca.

Mas no fundo da conciencia humana há uma voz insopitável que lembra haver nascido o Sol para todos, até para o sorveteiro e a cigarra. Teem eles tanto direito de bendizer a brutalidade do estio carioca como os outros de abominá-lo.

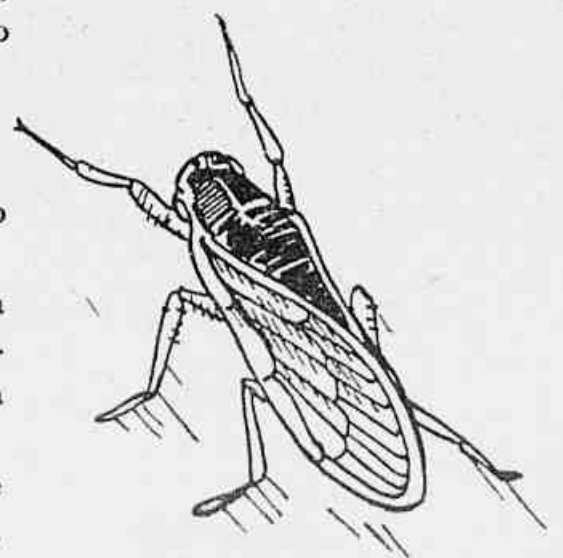
Pensando bem, há o enigma de um dilema no espirito dos observadores: são a cigarra e o sorveteiro que fazem nascer o verão, ou é este que chama o sorveteiro e a cigarra?

Seja como fôr, desejariamos todos que a estação opressora não os contivesse no bojo, porque nós saberíamos da sua existencia de qualquer maneira, sem acácias floridas, sem cajueiros pejados de frutos, sem estridulos de cigarras, sem sorveteiros estentóricos. Porque, afinal de contas, o verão timbra em nos dar a conhecer que os nossos cinco sentidos são seis...

São Francisco de Assis, com a sua doçura inimitável, com a sua bondade infinita, acolhe a cigarra e pede - como poeta mais velho da fauna - que perdoemos o insetolouvaminheiro do estio, que extravasa no seu cantico rudimentar tudo o que pôde representar a gratidão ao calor; os filantropos, que teem na fibra algo da estirpe do Irmão de Jesus Cristo, chamam a si o sorveteiro e pedem - como poetas mais novos, do genero humano - que absolvamos o mercador ambulante, que não esconde no pregão violento todo o interesse que o verão lhe dá...

No fim de tudo, a cigarra estoura o corpo, de tanto cantar, e o sorveteiro rebenta as algibeiras de tanto chamar pelo dinheiro. Dois meios iguais que levam a fins diferentes... A cigarra, que canta pela vida, encontra a morte; o sorveteiro, que canta para viver, acha a maneira de melhorar a vida...

Mas... se o Verão dependesse de uma e de outro, quanta gente haveria por este mundo de Cristo a procurar o misterioso botão com que o Eça matou o Mandarim, para acabar definitivamente com a raça das cigarras e dos sorveteiros...



Revista
da
Semana

Ano XLIV

N.º 2

9 de Janeiro de 1943

COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM OBTER

o Respeito de outros Homens

Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isto perturba todo o organismo. A língua se torna saburrosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, sobrevém mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pímulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pímulas Carter de acordo com a bula. Preço: 3\$000.

COUROS

Asituação nos Estados Unidos e a exportação do Brasil

Segundo divulgou o Boletim do Escritório de Expansão Comercial do Brasil em Nova York, em seu número de junho, afirmava-se nos círculos interessados de lá que a distribuição de couros americanos pelo WPB (War Production Board) puder-se ser demorada de mais duas ou três semanas. Acredita-se que o adiamento dessa medida é devido ao fato dos funcionários do WPB a quererem organizar de tal forma que não seja temporariamente suspenso o movimento de couros, desde as primeiras operações até os fabricantes. A perspectiva do regime de distribuição não refletiu desfavoravelmente no comércio. Há cerca de um ano que processo semelhante se tem verificado em virtude da redução das importações dos Estados Unidos, causada por pesadas compras de couros sul-americanos pelas nações européias em guerra e pela crescente procura por parte dos Estados Unidos durante suas preparações de defesa. Também há falta de praça em navios e as demoras criadas pelos regulamentos de importação tem concorrido para a diminuição das importações de couros feitas por aquele país. Desde outubro último, não é anunciada oficialmente a quantidade de sola recebida nos Estados Unidos.

Muitos importadores tem abandonado o mercado sul-americano de couros devido à falta de navios, à súbita alta dos preços, motivada pelos aumentos do seguro de guerra, e às elevadas taxas de fretes, outro fator que muito vem contribuindo para a redução dessas importações. Os negociantes afirmam que os couros da América do Sul chegados recentemente aos Estados Unidos são em média de 15 a 20 centavos mais caros do que há um ano. Esta circunstância aproxima o seu custo dos preços máximos estabelecidos, só permitindo uma insignificante margem de lucro.

A exportação de couros do Brasil no primeiro quadrimestre deste ano somou 2.006 toneladas no valor de 23.494 contos, tendo os Estados Unidos absorvido 99% deste total.

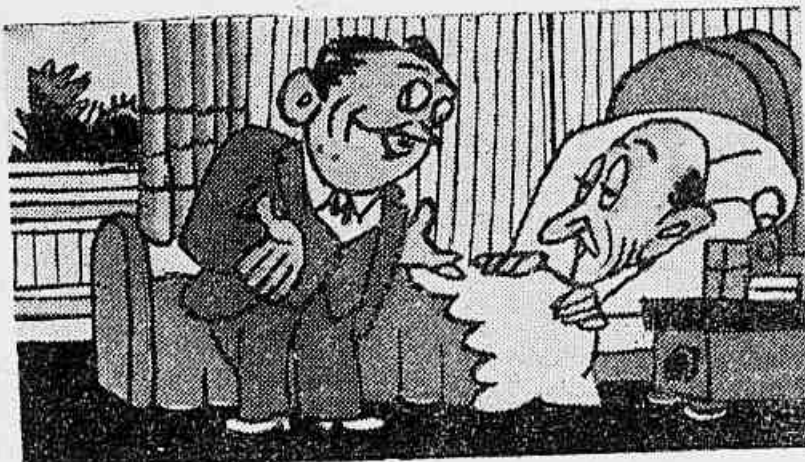
OUTROS RIRAM...



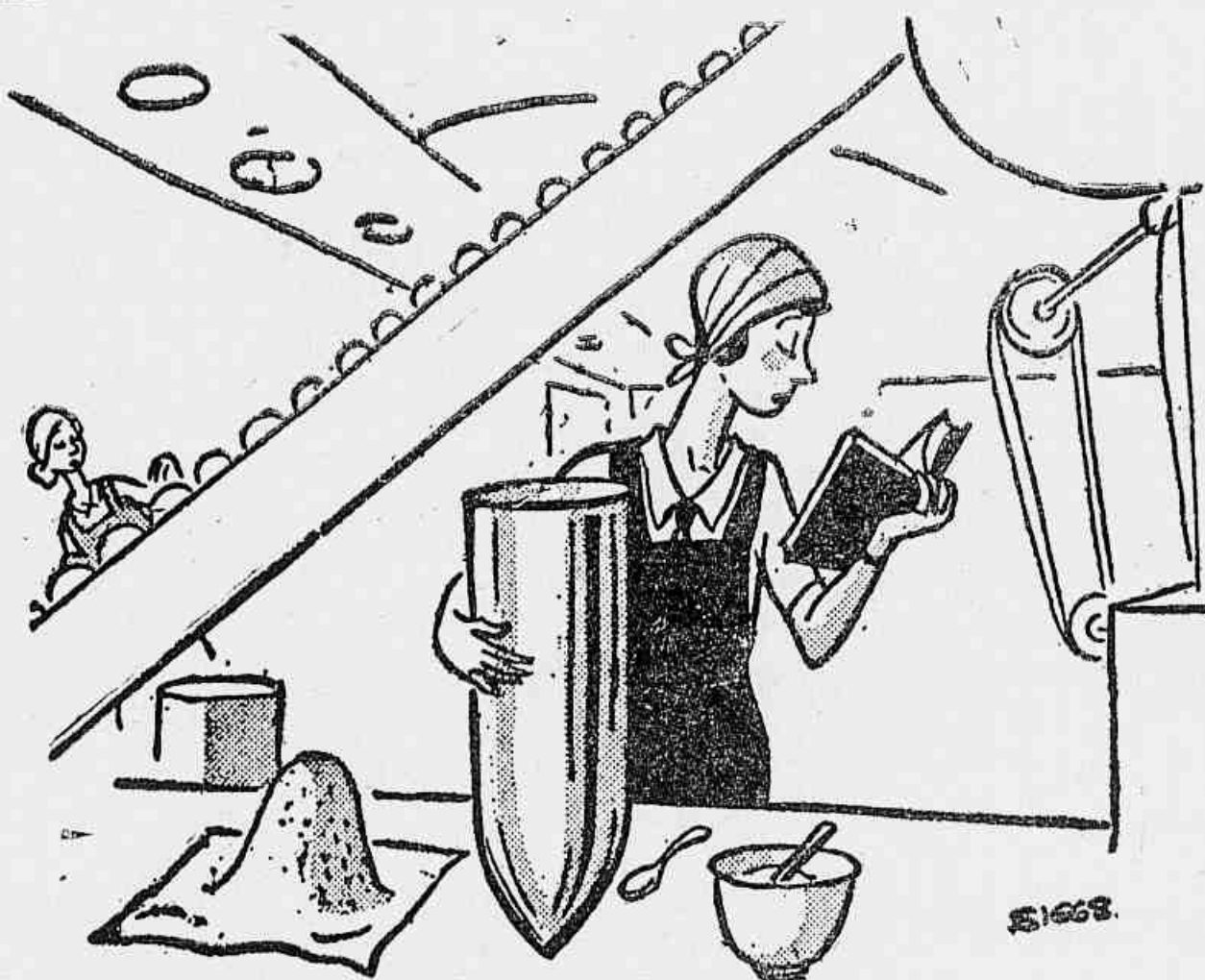
— E' a senhora mesma que faz o serviço da casa ou tem empregada?
— As duas coisas!



— Doutor, haverá perigo de eu morrer durante a operação?
— Socegue. Se isso acontecer, restituir-lhe-emos o dinheiro.



O MÉDICO — Não se assuste, amigo. Há dois anos tive eu essa mesma doença.
O DOENTE — Sim, a doença seria a mesma... Mas o médico?



A COZINHEIRA PREPARA UMA BOMBA:
— Toma-se agora uma colher cheia de T. N. T....
(Do Punch, de Londres)



Gosta de gatos?

Então leia a história das diversas raças de gatos — os tipos e as qualidades dos bichanos do mundo inteiro, na preciosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 á venda em toda parte.

Gato egipcio, gato enluvado, gato ordinário, gato semi-angorá, gato sem cauda, da ilha de Man; gato chinês, gato selvagem, gato do cabo, gato angorá, gato de Ahoras-sen, gato Chartreux, gato de Sião, gato espanhol, gato de cauda enroscada, de Madagascar, etc., etc.

A saude, as enfermidades, as afecções da pele, conselhos e tratamentos. Alimentação dos gatos.

E' este um dos muitos assuntos que enchem o maior anuário brasileiro — o ALMANAQUE EU SEI TUDO, edição de 1943, com 300 páginas, por oito cruzeiros.

Redação: Maranguape, 15 — RIO. Atende-se mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso.

Numeros atrasados desta revista na Paraíba

Pedir a EUGENIO DE OLIVEIRA
Avenida Guedes Pereira, 58
JOÃO PESSOA

Custam apenas oito cruzeiros

Custam oito cruzeiros, no Rio ou nos Estados, as trezentas páginas do "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1943.

Mediante o gasto de tão insignificante quantia, v.s. possuirá um livro interessantissimo porque além de guia seguro para o Ano Novo, é o « Almanaque » um manancial de leituras que instruem e educam. Muitos assuntos ilustrados, grande parte a cores, dão beleza invulgar á edição em apreço.

De posse de um "Almanaque" não lhe faltará distração em casa, em viagem, á noite, aos domingos e feriados.

São quasi tantas páginas quantos são os dias do ano.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" — para 1943 está á venda em toda parte, no Rio e nos Estados. Pode ser adquirido diretamente na redação, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio.

Rua Maranguape, 15 — Rio — Distrito Federal.

Numeros atrasados desta Revista no Acre

Pedir a

DIOGENES OLIVEIRA
RIO BRANCO

O O U T R O

Conto do escritor francês

JEAN MADELINE

No carro que os trazia do baile, Henrique Morgis reparou que sua mulher vinha apreensiva e logo resolveu averiguar a razão daquilo.

Ao cabo de oito anos de casados, Morgis amava a esposa como no primeiro dia. Tinha nela uma confiança simples e profunda, de que Branca era perfeitamente digna. Também ela o amava deveras. Sentia nele, cada vez mais, o companheiro da sua vida; e dava-lhe sem reservas a limpidez da sua graça, a doçura das suas mãos, a lealdade da sua alma. Ricos, amáveis, disputados na sociedade, levavam uma existência delicada e ditosa; e a sua felicidade parecia ao abrigo de todos os revezes, pois a haviam firmado num amor sincero e confiante. O seu único pezar era não terem filhos...

Na saleta que precedia o quarto de dormir, Henrique Morgis perguntou àquela que nunca para ele tivera segredos:

— Que foi, Branca? Tiveste, durante o baile, alguma contrariedade?

Branca ergueu para o marido os olhos que nunca se perturbavam e não sabiam mentir.

— E' verdade. Alguém me aborreceu com certas liberdades, certas insistências...

— Quem? Notei, com efeito, que Filipe Arnond...

— Esse mesmo: Ha tempos que mostra por mim um interesse excessivo, indiscreto. Não fiz caso, a princípio, por saber que não se evitam de todo essas práticas dos salões mundanos e só nos resta ter cuidado com elas, como temos com as carruagens quando atravessamos o *boulevard*. Pensei que assim me livrasse sózinha daquela assiduidade importuna. Mas o caso tornou-se mais grave. Esta noite Arnond me perseguiu dum modo mais que inconveniente. A sua teimosia tomou um caráter não só ofensivo para mim como até capaz de me comprometer aos olhos da sociedade. E acho, meu querido Henrique, que preciso do teu socorro.

Morgis empalidecera de raiva:

— Patife!

Logo, porém, se dominou e deu um beijo de carinho na fronte inquieta da esposa.

— Confia em mim querida. Eu saberei fazer-te respeitar e assegurar a nossa tranquilidade.

A sua intenção nada tinha de trágico. Vestia uma casaca demasiado elegante para, dentro dela, dramatizar as intrigas vulgares da vida. Foi, pois, sem nenhum ar teatral que, na noite seguinte, no clube, se dirigiu ao audacioso Arnond. Apenas o convidou, serena embora firmemente, a escolher outro objeto para as suas pretensões de conquistador.

O belo Arnond não recebeu de bom grado a observação. Respondeu com arrogância. Frias de começo, as suas palavras tornaram-se violentas. A uma frase mais insolente, Morgis freuiu de cólera e assentou a mão na face do insultador.

Foram separados. E as testemunhas logo por ambos constituídas resolveram: "Duas balas, à primeira voz, a quinze passos."

De madrugada e sob um chuveiro triste, estavam os dois homens em frente um do outro.

Branca não soubera de coisa alguma. Terminava a *toilette* da manhã, quando viu, no reflexo do espelho, abrir-se a porta do quarto e aparecer uma figura cheia de espanto... Voltou-se, tão impressionada que teve de se apoiar a um móvel:

— Henrique! Que tens? Que aconteceu?

O marido, com os olhos esgazeados, as feições transtornadas, não falava. Branca fez um esforço para correr a ele, mas tremiam-lhe as pernas, não podia dar um passo. Gritou com desespero:

— Mas pelo amor de Deus! Que foi? Fala! Dize alguma coisa!

Morgis reagiu um momento, declarou:

— Matei um homem.

— Arnond?

A cabeça de Morgis mal se moveu, fazendo sinal que sim.

Arnond rodara sobre si mesmo e caíra, abatido pelo projétil. Um pouco de espuma rósea nos lábios, uma crisão dos dedos... e tudo acabou. As testemunhas ficaram olhando, estupefactas, o cadáver.

Em certa rua, uma extremosa mãe esperava o filho para almoçar. Levaram-lhe um corpo inerte. E ainda ela teve que repartir o fúnebre despojo. O cadáver pertencia também aos jornais, à justiça, ao publico.

Henrique Morgis subiu lentamente o seu calvário, por entre os comentários da multidão, as pedradas que lhe atiravam dos "ecos" da imprensa, a tortura dos interrogatórios — até ao dia do julgamento, numa sala toda florida de chapéus da última moda.

Quando se retirava absolvido, livre, lindos sorrisos se enfileiraram à sua passagem. Passou sem os ver. Um carro fechado o levou velozmente até a casa, onde a esposa o esperava, vestida de escuro. Beijou-a

na testa como na noite em que prometera defendê-la, e, passando-lhe o braço pela cintura, disse:

— Vamos viajar. Vamo-nos embora depressa...

Nenhum lugar lhe pareceria mais adequado àquele retiro necessário do que um velho solar de sua propriedade na Bretanha, a meio de denso, augusto pinheiral. Lá chegaram por um doce fim de dia, lá entraram como num claustro à porta do qual esquecessem o mundo.

— Que bem se está aqui!

Deram-se as mãos, cheios de esperança no futuro.

Recomeçaram a sua vida de intimidade e de ternura. A natureza bretã transmitia-lhes a sua alma inocente. O pinheiral envolvia-os, isolava-os num recolhimento grave. A paz daquele refúgio penetrava-lhes o coração.

— Não é verdade, Branca, que somos felizes?

— Sim, sim, muito felizes!

Mas por que precisavam eles de o dizer tantas vezes? Seria para arredar com o sopro das palavras as sombras que de vez em quando lhes tomavam a frente? Para evitar os minutos de silêncio em que fatalmente cairiam — daquele silêncio comparavel a uma água espessa e parada de que subissem emanações malsãs e na qual só pudessem florir pensamentos venenosos?

— Ah, Branca, como tínhamos sido imprudentes, deixando a nossa ventura à mercê da outra gente. Agora, sim, trouxe-mo-la conosco e saberemos guardá-la. Viveremos longe de tudo, um para o outro.

— Sim, meu amor, sózinhos... Como vamos ser felizes!

Branca beijava o marido arrebatadamente. Ela que mantivera certa reserva em tudo, até nas manifestações da sua ternura, passou de repente a mostrar-se exaltada, cheia de paixão. Surtos impetuosos os arremessavam aos braços um do outro. Estreitavam-se com uma espécie de frenesi extranho e atormentado. Por que tal violência amorosa?

Decididamente, não bastavam as palavras para afugentar as sombras perseguidoras...

(Continúa na pag. 11)

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO

EM LIQUIDAÇÃO

PAGAMENTO DO ÚLTIMO RATEIO

A Interventoria avisa aos senhores depositantes que o rateio final de 40% será pago durante o mês de Janeiro corrente.

Comunica, ainda, que as contas cuja liquidação não fôr solicitada até 31-1-43, não mais vencerão juros a partir dessa data.

Os títulos e demais valores entregues em custódia devem ser retirados o mais breve possível, sob pena de incorrerem na comissão de guarda de 1/5%, e relativa ao ano de 1943.

Pede-se, também, aos locatários de cofre (safes) que os desocupem com brevidade e o mais tardar até 31-1-43.



MALTOGENO
"Granado"



REVISTA « A. C. B. »

Recebemos o exemplar correspondente aos números 62-63, referentes a Novembro e Dezembro de 1942, de « A. C. B. », revista que se edita sob os auspícios do Automóvel Clube do Brasil.

« NAÇÃO ARMADA »

Recebemos o número de « Nação Armada », referente a Janeiro de 1943. É o número 38, já do 4º ano. Traz, como sempre, matéria variada e interessante para civis e militares.

PRISÃO de VENTRE?



VOLTAM [A] ATIVIDADE

VARIAS MINAS DOS ESTADOS UNIDOS

Mais outra mina americana voltará a ser explorada no interesse da defesa nacional dos Estados Unidos. Desta vez trata-se da velha mina « Buckeye », de Fredericktown, Missouri, que durante a guerra passada produziu chumbo, níquel e cobalto, havendo em 1920 sido abandonada em virtude do custo de sua operação não permitir competição com o produto oriundo de outros países.

A dificuldade de importação de minerais tem originado a volta à atividade de várias minas americanas, cuja exploração em tempo de paz não seria econômica.

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

Pedir a A. MADALENA
Rua 7 de Setembro, 128 - Recife

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: «REVISTA» — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



O REFEM (O espírito da França).

Laval: Eu atiro, porem ela não cai.

(The New York Times)

INDUSTRIA DE TINTAS E VERNIZES

Cottomar Ltda

TINTAS FINAS DE IMPRESSÃO
TINTAS PARA FINS INDUSTRIAIS, ARQUITETURAIS, ETC.

Endereço:

CAMPO DE SÃO CRISTOVAM, 170

Tels: 28 - 4039 e

48 - 3243

RIO DE JANEIRO

AS MADEIRAS BRASILEIRAS NO COMERCIO EXTERIOR

Um dos maiores entraves que pesam sobre a exportação de nossas madeiras é a falta de organização de que se resente a sua produção. Embora seja o Brasil possuidor de uma das áreas florestais mais extensas do mundo, com uma variedade incomparável de essências úteis para todos os mistérios, nenhuma estatística geral e precisa existe sobre a sua respectiva produção.

Somente o nosso pinho foi objeto, em princípios de 1940, de legislação governamental criando o Instituto Nacional do Pinho, entidade autárquica destinada a coordenar e superintender os trabalhos relativos à defesa da produção do pinho.

As demais madeiras, cujo valor unitário é superior ao do pinho, poderão ter a sua exportação aumentada por meio de facilidade aduaneira e de câmbio, a serem pleiteadas junto às autoridades governamentais das nações americanas, a par de medidas capazes de contribuir para a organização de sua produção e segurança de exportação de produto, padronizado, que inspire confiança aos mercados externos, como já se verifica com o pinho.

É sabido que a exportação de nossas madeiras tem crescido sensivelmente desde 1935, quando atingiu a cifra de 167.741 toneladas até 1939 quando exportamos 404.787 toneladas. Baixou em 1940 em virtude da guerra para 291.120 toneladas, sendo que nos dez primeiros meses de 1941, alcançou 286.619 toneladas.

O valor da exportação, entretanto, tem mantido ritmo ascendente

As madeiras, em que pese a desorganização de produção e ausência de medidas garantidoras do produto padronizado para exportação (exceção feita do pinho), constituem produto que ocupa lugar de destaque apreciável no equilíbrio de nossa balança comercial.

As nossas estatísticas de exportação revelam uma grande variedade de essências. Em 1940 foram exportadas mais de 29 espécies. O pinho ocupa o primeiro lugar, sobrepujando de muito as demais. Por ordem de importância, encontramos em nossa pauta de exportação as seguintes madeiras: aguano, cedro, freijó, ipê, jacarandá, imbuia, andiroba, guarubá, sucupira, macauba, louro vermelho e quebracho.

Isto nos demonstra quais as mais conhecidas no estrangeiro, o que nem sempre coincide com o que se passa no país.

Pondo de lado certas essências consumidas para fins da indústria química, vemos que muitas madeiras de grande reputação entre nós para fins construtivos ou de mobiliária só figuram nos últimos lugares em nossas estatísticas de exportação. Nesse caso poderemos citar as nossas perobas, canela, Gonçalo Alves, cetim, pau rosa e muitas outras por nós correntemente usadas, é esta uma nova face do problema — a propaganda de tais essências no exterior.

É de esperar que uma vez regularizada a questão do pinho, possa o governo, por seus órgãos competentes, atacar os problemas referentes a estas nossas essências florestais de inestimável valor econômico e de ótimas perspectivas nos mercados externos.

A AGUA OXIGENADA

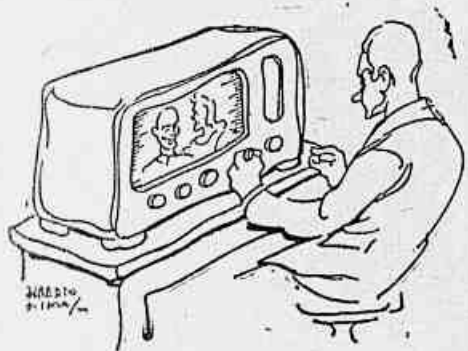
A água oxigenada é um desinfetante muito energético, completamente inofensivo. Misturada com água fervida e morna emprega-se na desinfecção e lavagem de toda espécie de úlceras, feridas, etc.

Toda classe de verduras e frutas destinadas a ser comidas cruas deve lavar-se em água potável à qual se tenham adicionado cinco por cento de água oxigenada, porque deste modo se ajuda a destruição dos microbios contidos naquelas, causa frequente de numerosas enfermidades.

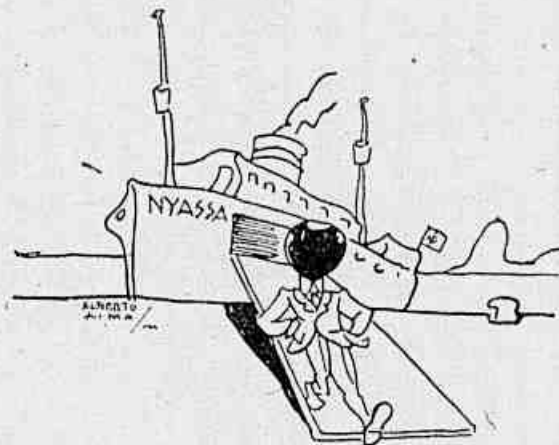
Durante o verão permanece o leite inalterável se se tiver a precaução de adicionar-lhe 2% de água oxigenada.

Emprega-se também no curtido de peles.

A SEMANA EM REVISTA



As maravilhas da técnica surpreendem cada vez mais. Quando o avião subiu aos céus e cruzou os oceanos, todos ficaram deslumbrados. Parecia o impossível, a consubstanciação da fantasia mais inverosímil. Depois surgiu o rádio, aproximando os povos, promovendo o intercâmbio dos continentes e das culturas. E agora a televisão emerge aos poucos da fase preliminar das primeiras experiências. O cientista Baird, escocês, há muito dedicado ao assunto, conseguiu realizar, com pleno êxito, experiências de televisão tri-dimensional, na qual as pessoas e os objetos aparecem em relevo, como na vida real. Perguntamos: quando este invento for industrializado convenientemente subsistirá o cinema, o teatro, conforme existem hoje? ou tudo será diverso no mundo novo?



AFINAL O DR. CASTANHA! — Tradicional o costume carioca e brasileiro de comer castanhas durante o período de festas. Tradicional como tantas outras coisas que pelo nosso hábito de imitar, aliado a uma incapacidade de criar tradição autóctone, vamos buscar noutras terras. Todos esses festejos podem ser muito pitorescos mas são perfeitamente artificiais em nosso meio. Não obstante, castanhas, nozes, amendoas são bem saborosas e foi com verdadeira « angústia » que o mundo granfino acompanhou a viagem do « Nyassa ». Tornou-se quase uma norma de bom tom preocupar-se com o « ter-ou-o-endo » entre os passageiros o almirante Gago Coutinho e o dr. Castanha. Sejam bem-vindos neste Pindorama!



CAECLO BRASILEIRO — Mais do que um tipo étnico, mais do que um espécime antropológico, o caboclo é um símbolo nacional, é como que o próprio Brasil na rudeza de uma humanização bárbara. « O sertanejo é antes de tudo um forte... » Aos poucos foi surgindo uma verdadeira « teoria do caboclo ». Ele é o homem que gosta da terra, é o batedor do sertão, bandeirante de sempre, ante o qual as florestas recuam espantadas e todos os mistérios se desfazem nos andurriais telúricos. É o lutador desprotegido, que acredita em Deus e na Pátria, que ainda guarda uma nostalgia do Império e constitui uma reserva humana preciosa do Brasil. Isto nos ocorreu por motivo de um fato recente; certo lavrador paranaense, pobre, humilde, com 60 anos, fez uma viagem de 53 dias, a pé, até o Rio, para queixar-se à Polícia Carioca das inomináveis explorações de que foi vítima. Bem merece um pouco de justiça!



GARIMPEIROS DE ALMAS — Ainda não ha, sobre os jesuitas, um conceito definitivamente firmado. O papel que desempenharam na História do Brasil, embora palpável, real, indiscutível, é exaltado por uns, diminuído por outros. Aham, por exemplo, que eles foram demasiadamente rígidos, intransigentes nos seus métodos de educação e organização, incutindo á força nos pobres columbines o « Ratio Studiorum » cheio de latim e de filosofia. Outrossim, suas reduções, centralizando ricos e extensos domínios, constituíram, incontestavelmente, os primeiros estabelecimentos capitalistas nesta Terra. Não discutimos que tudo isso possa estar certo sob certo aspecto. Mas é necessário lembrar o lado positivo no apostolado jesuítico. O que realmente fizeram em prol do Brasil e de sua gente, a capacidade de esforço, de trabalho e fé que demonstraram, afrontando selvas e feras, numa época em que nem os exércitos da salvação se aventuravam por aqui. Vultos como Anchieta, como Nóbrega permanecem hoje como símbolos autênticos de um esforço colonizador.

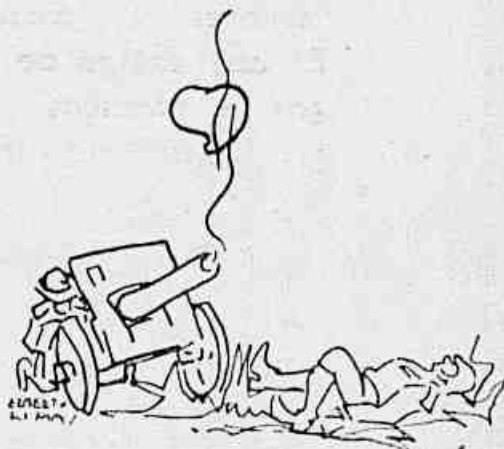
Eis porque a iniciativa da Sociedade Brasileira de Educação é digna de louvores. Ela vai erguer, em terreno doado pelo Governo, aqui no Rio, a « Casa de Anchieta », destinada ao culto permanente desses heróis da catequese no país que Cabral descobriu.

AS COISAS FICARÃO PRETAS — De uns tempos para cá, as regiões longínquas do Oeste Brasileiro começaram a ser notadas. Anteriormente aquilo era inhóspito, distante, quase inacessível. O cidadão ia para lá pelo Prata! Um verdadeiro « far west », como dizem os yankees. Agora Mato Grosso e Goyás estão definitivamente integrados na comunidade brasileira, não só na realidade física das comunicações, como pelos laços morais de uma solidariedade indiscutível e de um mútuo conhecimento.

Corumbá nos anuncia o racionamento de luz elétrica. Decretaram a penumbra! Nada de anúncios luminosos, de luzes em campos de esporte e em outros logradouros. Redução na iluminação pública e particular, cerceamento de liberdade para os motores e outros bichos. Pelo que os jornais dizem, as coisas ficarão mesmo pretas em Corumbá!



O AMOR E A GUERRA — Desde tempos quasi imemoriais existe uma relação muito estreita entre o amor e a guerra. Dir-se-ia que toda vez que se interrompe o equilíbrio social, pelos grandes movimentos populacionais decorrentes das novas circunstâncias, ha um incremento na atividade amorosa. O amor é uma especie de paz, de uma paz imensa em que todos esquecem os dramas do momento. Mas este é um ponto de vista romântico. Paralelamente, ha outros que também precisam ser levados em conta. O amor sem compromisso, esses romances ligeiros tão mais facilitados quanto é maior a liberdade da mulher, trabalhando em todos os setores, quasi sempre sósinha, com o marido prisioneiro ou morto alhures, é desastroso. Traz consequências, delapidando o próprio patrimonio moral de uma sociedade. Tentando evitar tal coisa, o governo de Vichi acaba de estabelecer uma série de penalidades - cadeia e multa - para os sedutores das mulheres de prisioneiros e para elas, também, uma vez que procedam mal. A medida chegaria a tempo?



FLAVIO.

Os lábios falam de AMOR!

O tipo dos seus lábios marca a sua personalidade! O homem que V. ama, gosta do seu tipo... e gostará mais, se V. os fizer sempre mais lindos, mais beijáveis com Batom Colgate!

O Batom Colgate, importado da América, é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o batom que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos.

Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao ardente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Batom Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda — Vermelho Amazonas — exclusiva de Colgate!



MAIOR — MAIS ECONÔMICO —

O coração bate com BATON COLGATE

QUAL O SEU TIPO?

ARISTOCRÁTICOS? — Lábios de «mulher orgulhosa», dominadora... para muitos homens, nada mais atraente!

SINCEROS? — Lábios de «mulher ingênua»... inocente e pura. Amor eterno!

ALEGRES? — Lábios de «mulher vivaz» e irrequieta! Sempre cheios de bom humor! Subjuga os homens mais sérios!

FRÍVOLOS? — Lábios de «mulher coquette»! Inquieta os corações masculinos... e como!

SENSUAIS? — Lábios de «mulher fatal»... «vampiro». Um tipo irresistível!



**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Quêda
dos
Cabellos**

JUVENTUDE
ALEXANDRE

**PODE A OFENSIVA AÉREA GANHAR
A GUERRA?**

Este tema é incontestavelmente interessante e oferece margem aos mais interessantes e descontraídos debates. Por isso, o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 dedica muitas páginas ilustradas referentes ao mencionado assunto. É um artigo de interesse para leigos e técnicos.

Calendário, informações, notas sobre o Ano Novo; contos policiais, de amor; novidades, invenções, curiosidades — tudo o leitor mais exigente encontra nas trezentas páginas do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943, à venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



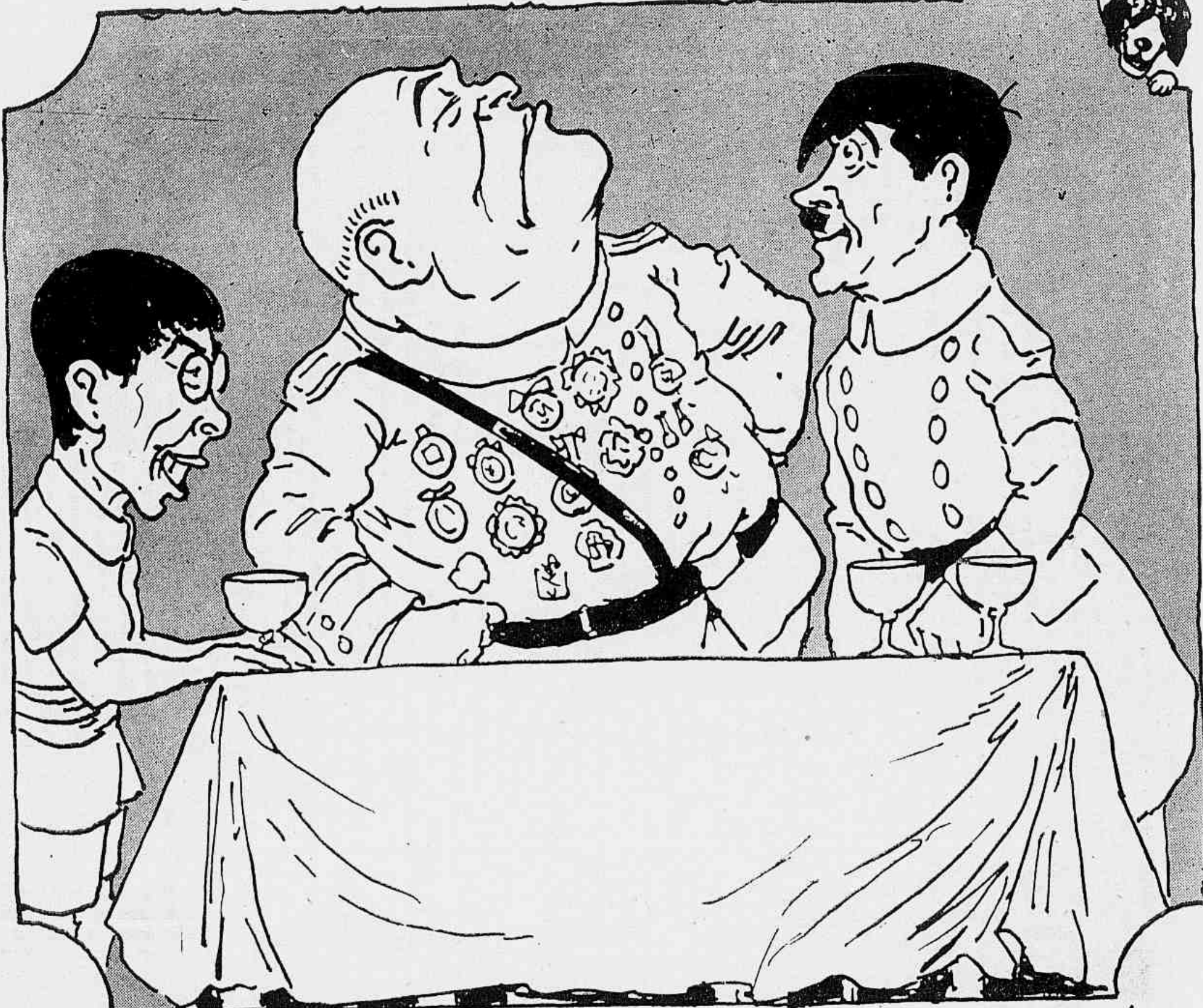
CONVEM SABER...

Se se quiser restituir o viço primitivo a plantinhas já murchas por terem sido arrancadas da terra põem-se as plantas num vaso d'água que contenha uma colherinha de sulfato de sódio. Mantem-se o vaso numa atmosfera fresca e se renova a água diversas vezes, catando de vez em quando as folhas que permanecem murchas.

Previne-se a formação de manchas na pele, devidas à ação do sol ou do ar, secando cuidadosamente o rosto e as mãos depois das abluições ordinárias; depois se empoam com farinha de trigo, que se deixa alguns minutos em contacto com a pele.

Umas gotas de terebintina espalhadas de vez em quando na biblioteca preservarão completamente do mofo os respectivos papéis.

Comêço do fim, no ano novo



"Beberêmos á saúde do eixo. Venha uma garrafã!"



...Mas, para o eixo, a garrafã é «fiásco»...

Os Reis Magos e os outros...

POR - SEBASTIÃO FERNANDES

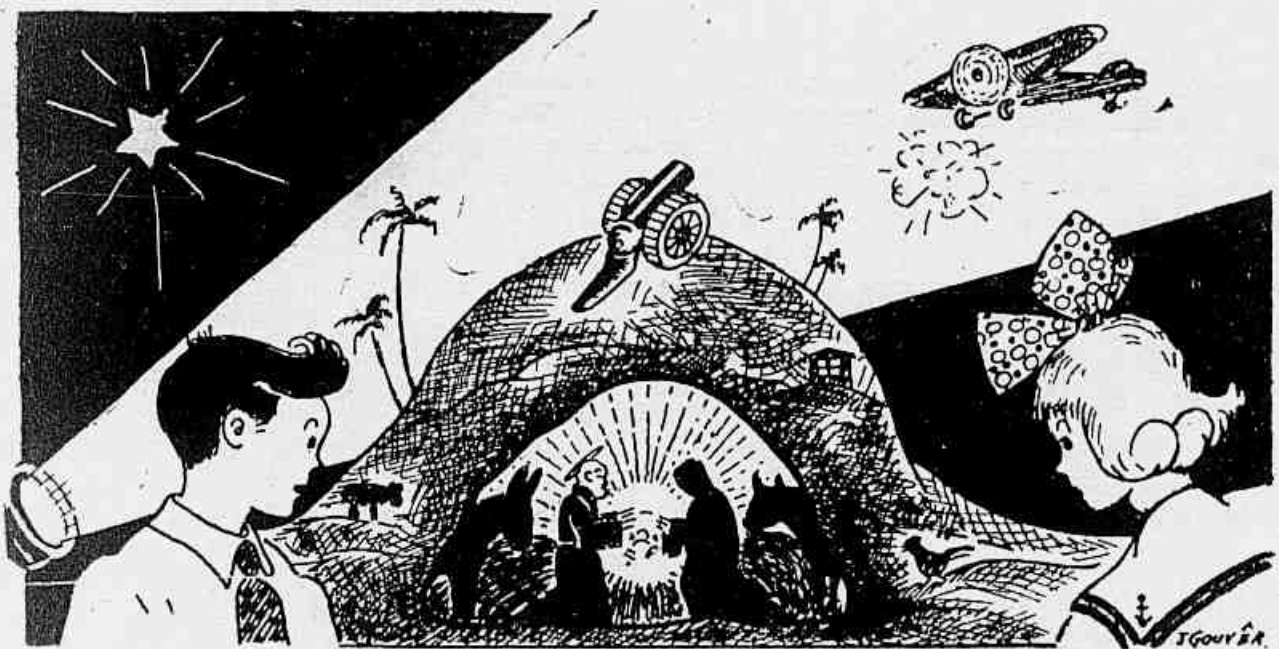
DESENHOS DE J. GOUVEA

Ha pouco uma revista publicou, na capa, lindo e alegre rosto de criança sadia e colocou o título: « SECULO XX, SECULO DA CRIANÇA ». No entanto, creio, não houve século em que se matassem mais crianças. A guerra de 1914-1918 e outros choques delas derivados e suas consequências eliminaram um numero consideravel de meninos. Perdem-se as estatísticas pelo absurdo. Agora, com esta outra continuação da guerra de 1914 o numero tem sido mais vultoso, sabido como o aeroplano invade as cidades e como não há mais trincheiras. Outra estatística mostra que morrem em maior numero civis do que militares.

Parece sem proposito, mas o pensamento nos levou rapidamente para Herodes e para aquela estrebaria de Belém, e é da Historia a primeira emoção que fica quando procuram matar a divina criança. A pobre mulher de Caná, e seu esposo, o carpinteiro de Nazaré, só encontraram repouso num humilde bairro, na ultima casa: uma estrebaria. Para ali se dirigiu a doce estrela levando os reis Magos, vindos do Oriente, e foi facil, na Provincia de Cesar aos poderosos descobrir lar tão desprotegido. Desde o berço procuraram eliminar a Criança, eleita de Deus, pelo destino que lhe daria logo traço de martírio.

Foi necessaria a fuga pelas quentes areias do Egipto e uma série de inquietações para salvar o filhinho das milicias dos invasores da Judéa.

Da noite de Natal ficou tambem a lembrança do asno e do boi na lição eterna dos que vivem para a ostentação e se apegam sempre às coisas vis e terrenas. E no meio de todos os ruidos e por causa da inquietação de outros meninos é que nesta hora precisamos levantar o pensamento, procurar um bálsamo naquela mangedoura onde, no mais apagado berço, uma criança trouxe tanta luz e tanta promessa de paz.



No aniversario de Jesus ainda alguns tradicionalistas escrevem sobre o passado, mas as comparações são sempre cheias de desencanto porque tudo mudou.

Ainda se fala na essência da paz que Ele nos prometeu, mas aqui estamos para tambem nos referirmos á falsidade do Natal presente e dos Reis Magos e dos outros...

Na verdade ainda se armam presepios. Com que sabor e encantamento procuramos fazer para nossos filhos toda aquela construção liliputiana de carneirinhos, palmeirinhas, as imagens, os camelos e a clara estrela que não falta nunca! Ha nos mais velhos a alegria de recordar, sentindo que desapareceu muita coisa, não no encanto da mocidade que não volta mais, porem na união dos próprios parentes e amigos, agora todos afastados, todos morando engaiolados nos apartamentos, ilusão de que estão vivendo. Tentar armar uma lapinha é pura tolice e passadismo, pois não haveria lugar nem para alguma visita. Não temos mais congadas. Nem se esperam mais os Reis Magos como antigamente. Foram só Belchior, Balthazar e Gaspar para curvar-se diante duma criança, numa estrebaria. Nem é bom falar nos Reis atuais, pois estão sumindo e os que existem já não têm mais mirra e incenso e agarram o ouro como a unica salvação da terra. Por isso não ofertarão coisa alguma á criança que não seja acidentalmente e puro ato de propaganda. Os autores de revistas e operetas já não os procuram como assuntos prediletos porque é tema muito versado. No entanto, vivemos presos ás formulas seculares para não dizer eternas. Aí estão os votos de felicitações que correm todas as escalas desde a amizade profunda ao melhor e interesseiro golpe político.

Se nada se perde e tudo se transforma, as reuniões familiares desapareceram e o banal cosmopolitismo que tudo iguala e faz a vida monotona e profundamente vulgar nos quatro cantos da terra tambem mostra um Natal em todas as cidades com os indefectíveis « reveillons » de casinos com « rum-ba » e « champagne ».

Bernard Shaw, escrevendo sobre a grande data do cristianismo, mostra que a essência, os mistérios e a divindade do Natal desapareceram para só dar lugar a uma data otimamente comerciável onde só aparece em primeiro plano a industria dos brinquedos, a arte culinaria, as farras dos clubes, tudo para ricos, quando devia ser uma festividade para os pobres. Por que tanta gente esquece a criança durante o ano inteiro para em Dezembro, pelo Natal, mostrar-se caritativa e um tanto exibicionista?

Falam em Natal dos humildes porque, de fato, o natal foi do mais humilde, mas a evolução tem sido para pior e hoje só vemos Natal dos maiores

e ostentação dos portentosos porque, tendo dinheiro, podem exhibir bondade; nada que se refira aos humildes, ao espirito e essência do Natal.

Atualmente tudo se embeleza e adorna porque é preciso procurar uma distração, uma ilusão, uma mentira; busca-se enfeitar de qualquer maneira contanto que haja um pouco de suposta alegria para a grande vaidade que tudo encobre.

Por isso a parte mercantil do Natal é ótima; é ótima mas paradoxal, porque vivemos macaqueando outra gente.

As casas de comestíveis abarrotam as portas de sacos e caixas com produtos de terras frias. Vivem os especialistas com programas pelo rádio, conferências em grandes salões, artigos em todas as revistas e jornais e ainda folhetos gratis mostrando que somos muitissimo mal alimentados e que não sabemos comer. Somos duma ignorância tremenda em matéria de escolher alimentos. Mas estamos na época de verão quando aparecem as pilulas gastronomicas indicando perigos do calor e os ingredientes que devemos mastigar. Em todo o mundo, no Natal, comem-se avelãs, amêndoas, nozes e castanhas. Pouco importa o calor, os conselhos médicos e as criticas dos turistas técnicos; não temos neve mas os comerciantes ficam contentes porque é vendido todo o estoque de castanhas, nozes, amêndoas, tamaras e avelãs...

Vamos fingir que esquecemos a parte comercial dos brinquedos que as crianças esperam de Papai Noel, o saco cheio de revólveres, canhões e espingardas. E ainda uma formação bélica de milicias com lanças iguais às que procuraram o menino Jesus.

Ainda que a história do velho de barbas longas e botas de quem anda na neve não seja muito nacionalista e não logre mais os garotos, ele ainda aparece com um saco mais magro.

Final sabemos que nos iludimos com muitas outras coisas como Papa Noel e continuamos armando Arvores de Natal com fios dourados, bolas multicores, velinhas coloridas e de luz vacilante, bonecos e bolas policromicas, e muito principalmente flocos de algodão para fingir que estamos num país cheio de nevada com inverno em Dezembro...

Desaparecida a ilusão de Papai Noel, morre mais um de nossos sonhos de criança. Fica a magia daquela noite encantada de nossa meninice, que acreditava nas lendas e ainda mais nos simples, ingenuos e puros brinquedos que estavam dependurados nos galhos do pinheirinho verde.

A Arvore de Natal marca para toda a vida e se repete sem que se canse, não só na imagem poetica das luzes e cores como nas figuras que a circundavam, naquelas figuras boas e amigas que vamos guardar no coração.

Durante o ano inteiro mil formas tristes que nos cercam nos fazem mais pessimistas, desaparecem, quando diante duma « vitrine », vemos a arvoredinha enfeitada, renasce o encanto da vida; sabemos então que não foram bastante fortes as aflições e desenganos para apagar a lampada ou estrela cá de dentro, renascendo a alegria da meninice despreocupada e feliz.

« SECULO XX, SECULO DA CRIANÇA »

E tornamos a lembrar-nos do Tetrarca da Galiléa porque o Presepio de Belem serve para todos os simbolos, sendo antes de tudo motivo de paz e esperança. Embora os ensinamentos daquela vida preciosa tenham sido muito deturpados e esquecidos é para lá que voltamos nossos olhos e coração. Os Reis trouxeram Mirra, Incenso e Ouro.

Mais tarde o episodio da moeda de Cesar. Que saiba até hoje não se repetiu o belo exemplo. Ninguém o quer imitar...

SECULO DA CRIANÇA...

Com o aparecimento da estrela, cumpria-se a profecia de Zoroastro e as hordas invasoras destruíram milhares de crianças. A Civilização estava nos primeiros passos.

Que foi que se modificou?

As agencias telegráficas podem deturpar muito mas não faltam herodesmirins para destruir não só puros e inocentes mas lares inteiros.

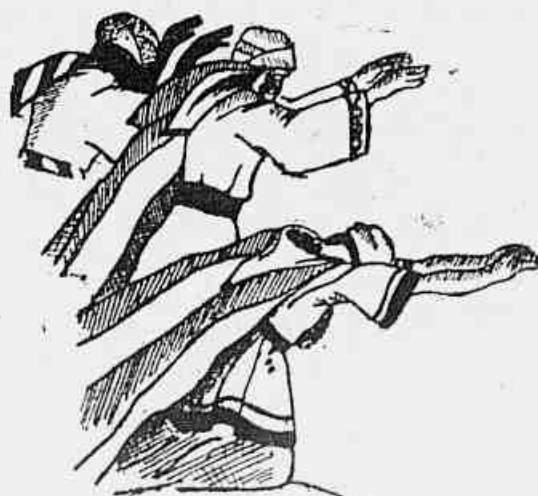
Moeda de Cesar...

Mirra e incenso são inuteis nos nossos tempos utilitários.

Será por causa da moeda-ouro que os homens continuam levando pela terra toda os ventos negros da dor e da morte?

Não ha mais Reis Magos nem estrela para iluminar as estradas, pois está tudo escuro os homens vivendo em buracos, e só os holofotes procuram os passaros da morte dentro da Noite de Nata.l.

São os servos dos outros reis...



LIVROS

NOVOS

RUTILÂNCIAS, de Simas Saraiva — Bahia, 1942.



O sr. Simas Saraiva deu ao seu livro um título que parece filacioso, mas, bem pensado o caso, não é. Com tal palavra quer ele indicar o seu ideal de poeta, a sua aspiração de artista. Não se refere à obra realizada, mas ao sonho a que desejaria dar forma e vibração, corpo e vida. Pelo menos assim nos parece que deve ser.

Divide-se o volume em três partes: *Modernos ritmos*, *Antigos ritmos* e *Metros bárbaros e modernos ritmos*. Na segunda série mostra o sr. Saraiva que sabe fazer versos e não raro os consegue plásticos e musicalmente aprimorados. As últimas páginas constituem talvez uma tentativa de novas simetrias ou correspondências estéticas. Quanto aos *Modernos ritmos* em verdade se caracterizam pela ausência de qualquer ritmo. Mas a linguagem tem elevação, tem poesia; e certas imagens assumem singular eloquência. Vejamos a primeira composição, que se intitula *A Arte*:

A arte, na graça divina de mulher predestinada,
Encheu-me o coração dolorido com o sangue de sua própria vida,
E me abriu os olhos da alma para as paisagens consteladas...

Na minha face humana, cantou um riso espiritualizado...
Nas minhas mãos humanas, pelas pontas dos dedos, resvalaram rosas de bondade...
Nos meus pés humanos, eu senti o calor de todas as estradas iluminadas...

Porque a Arte me cingiu, na frente, a coroa ensanguentada de Cristo!
E com a sua inspiração, estranhamente perfumada de luz astra!
Talhou no meu peito a Glória de ser forte e, humanamente, triste.



SONATA DA SAUDADE, versos de Eugênio Mota — Rio de Janeiro, 1942.

Este livro, cujo aspecto logo acusa a noção de gosto e o apuro gráfico mais apreciáveis, vem acompanhado de duas cartas que valem por dois honrosos prefácios. Uma é do sr. Catullo da Paixão Cearense, outra do sr. Plínio Motta, este da Academia Mineira de Letras. E assim vemos atestados e louvados pelo primeiro a inspiração espontânea e o belo sentimento, e pelo segundo a superioridade plástica e musical duma poesia que obedece "a todos os cânones da técnica moderna."

Com efeito, o sr. Eugênio Motta não abusa, como tantos verzejadores de hoje, da condição de ser um belo poeta para deixar de ser um artista rigoroso consigo mesmo

e, diante da sua obra, cada vez mais exigente. Quanto ao modernismo da sua técnica esse mesmo se mantém dentro duma singeleza e uma harmonia modelares. O autor, quasi diríamos "compositor" da *Sonata da Saudade* não se abandona a excentricidade nem a descaso de espécie alguma. Respeita os princípios e regras que não são novos nem antigos mas de todos os tempos desde que o homem sentiu e realizou a poesia. Sem dúvida esses "cânones" evoluíram, com o gênio e ansiedade criadora das gerações; não podem, porém, estar à mercê dos caprichos ou extravagâncias daqueles que, antes de dizer ao que vieram — e alguns, a rigor, nunca o chegaram a dizer — se julgam no direito de afeiar, desnaturar ou destruir e ainda pretendem impor-se pela originalidade. O sr. Eugênio Motta fez um livro que, sendo da mocidade, traz o prestígio das concepções delicadas e da simplicidade capaz de tudo exprimir e explicar ditosamente. Vejamos a primeira página do volume, sugerida pelo verso final do soneto de Camões que todos sabemos de cór:

Em lugar de Rachel lhe deu a Lia

(CAMÕES)

E Raquel foi-me um sonho, um sonho apenas:
Passou na minha vida,
mas passou,
tornando-a cheia de angustiosas penas.

Lia, entretanto, foi-me a realidade:
Ficou na minha vida
mas ficou
enchendo-a, inteira, de felicidade.

A'quela, devo a vida real de agora,
vida vivida, materializada.

A esta devo a vida ideal de outrora:
vida sentida, espiritualizada.



OS REPUBLICANOS PAULISTAS E A ABOLIÇÃO, por José Maria dos Santos. — São Paulo, 1942.

Eis um livro daqueles a que, pelas dimensões e a qualidade, classicamente se aplica a expressão "de fôlego". O sr. José Maria dos Santos conhece a história do Brasil e especialmente a sua história política como bem poucos escritores e até, sem dúvida, poucos professores. Pode discorrer de momento, perfeitamente de improviso, acerca de qualquer questão ou acontecimento da vida nacional. Se, à hora marcada para uma conferência sobre este ou aquele ponto da matéria, lhe pedissem para substituir o mestre involuntariamente em falta, ele se dirigiria para a respectiva cadeira a passos seguros, sem nenhuma altivez ou júbilo que se notasse, mas certo de a ocupar com dignidade e competência perfeitas. E verdadeiras conferências o sr. José Maria dos Santos as faz, não raro, em conversa com os seus amigos, falando baixo, acendendo, de vez em quando, novo cigarro, e, embora destituído da ambição do "sucesso", satisfeito com a atenção e a simpatia do auditório. Não se compreende bem que o autor d'*Os Republicanos Paulistas e a Abolição* leve uma existência relativamente à parte, deixando de preencher a alta situação que lhe compete nas letras ou no magistério. Talvez justamente porque o satisficam, lhe bastem as rodas íntimas, nas quais o seu talento e o seu saber gosam de tão sinceras admirações... Seja por que for, a espécie de abstenção em que este homem de letras se conserva constitui para a outra gente, para o público, para o país um prejuízo grave e uma falta que quasi não tem desculpa.

Escrevemos quasi... Sim, porque o presente volume poderá, e deverá, iniciar uma série de trabalhos de superior importância, encaminhando o sr. José Maria dos Santos no sentido da sua obrigação. Desde as primeiras páginas: "Os desenvolvimentos da idéia republicana no Brasil", até às últimas: "O dia de glória", o livro mantém a feição mais preciosamente instrutiva. Não vale apenas pelo que nos ensina, mas também, e igualmente, pela maneira como se nos comunica, pela justeza, o equilíbrio da exposição, pela linguagem espontânea, desenvolvida, cativante e a que não falta sequer a condição hoje em dia mais rara: a correção.

A edição, de vasto formato, vai a cerca de trezentas e cinquenta páginas; e já o sr. José Maria dos Santos nos promete outra obra que deve ser considerável: *Bernardino de Campos e o P. R. P.* Esperemos, pois, vê-lo entrar definitivamente pelo bom caminho que será o duma larga, radiosa e legítima notoriedade.



BREVE NOTICIA SOBRE A EVOLUÇÃO DA MARINHA DE GUERRA DO BRASIL — Rio de Janeiro, 1942.

Traz esta brochura que conta, como a precedente, cerca de cem páginas, o subtítulo *Seu renascimento sob o Estado Novo*. E não dá o nome do autor. O sr. Carlos Garrido só aparece no fim, assinando modestamente o valioso trabalho.

Valioso, sem dúvida, porque a toda a gente, aos mais profanos mesmo, dará suficiente idéia do que foi até hoje e seguramente ha de ser a força naval brasileira. Principia assinalando que ela nasceu com a própria Nação. Antes mesmo do grito do Ipiranga, já, com a divisão Delamare, ia exercer no Norte a sua acção patriótica. E daí o historiografo nos faz acompanhar-la nos grandes lances e nos episódios políticos da vida nacional. Fala das suas figuras eminentes, das leis e orçamentos que lhe permitiram desenvolver e aprimorar os seus serviços. Passa a descrever todas as unidades que lhe pertenceram ou dela fazem parte, inclusive os que recentemente lhe foram incorporadas. E conclue com esta exortação:

"Amemos a nossa Marinha de Guerra, pelo que foi e pelo que está sendo. Mas amemo-la principalmente e com fervor pelo que ha de ser, perentamente, na glória e na grandeza do Brasil."

GRIPE / RESFRIADOS / NEURALGIAS



DÓRES / de CABEÇA

TRANSPIROL

ENCANTOS TRADICIONAIS DA BAHIA, album de Edgard de Cerqueira Falcão — São Paulo, 1942.

A série de albums do sr. Edgard de Cerqueira Falcão *Brasil Pitoresco, Tradicional e Artístico*, constitui um empreendimento perante o qual, em verdade, nenhum louvor se tornará excessivo. Já a propósito dos anteriores volumes da coleção: *Roteiro de Paulo Afonso, Fortes Coloniais da Cidade do Salvador e Encantos Tradicionais da Bahia*, procuramos explicar o esforço, além da extraordinária competência técnica e do gosto educadíssimo, empregado na execução destas obras excelentes. O sr. Cerqueira Falcão, médico de seu mister e pue, não sendo rico, está impedido de se dar ao luxo do diletantismo, tem efetuado longas e dispendiosas viagens com a sua máquina ou, antes, com as suas máquinas fotográficas, pois que, para nada prejudicar o esmero das suas realizações, recorre a todos os processos modernos e todos os dispositivos especialmente adequados ao seu plano cada vez mais ampliado e de todos os pontos de vista engrandecido. Neste caso, nem o público nem a critica precisam de exigir alguma coisa do artista; a si próprio ele se exige o mais possível — e diríamos até mais que o possível. A obra a que se entregou não lhe reclama apenas um labor longo e complexo para cada edição, pois tudo ele dirige ou fiscaliza até à ultima demão na oficina gráfica; leva-o a aplicar quantias consideráveis, com o risco de contrair, em caso de acidente imprevisto ou qualquer outra forma de adversidade, dívidas para longo tempo da sua vida propriamente profissional. Não é muito de acreditar, com efeito, que dos volumes já publicados lhe tenha resultado lucro pecuniário apreciável. Se salvou as despesas, deve ter dado graças a Deus. E assim o seu êxito mais certo será o que o artista obtém quando, perante a beleza da obra concluída, sente que valeu a pena o sacrifício.

O presente volume compreende, com descrições caprichosas e criteriosos comentários, trinta e dois trabalhos que começaram por ser fotografias magistrais, foram interpretadas em aquarela pelo pintor baiano sr. Francisco Mangabeira Albernaz e estampados enfim em rotogravura policroma. São outros tantos quadros que poderíamos mandar emoldurar para as paredes das nossas salas de visitas, ou de trabalho, se não merecessem ainda mais continuar em conjunto, nesta forma aristocrática de album. Dezesseis dizem respeito a templos, reliquias de arte, trechos urbanos e tipos de rua da capital baiana, e outras dezesseis reproduzem curiosidades históricas e aspectos panorâmicos colhidos em Tatuapara, Mar Grande, Itaparica, Cachoeira, Nazareth, Bacia do Iguape, Rio Paraguassú e outros pontos do Estado. E o prefácio escrito pelo insigne sr. Afrânio Peixoto vale pela consagração completa, definitiva, do triunfo artístico alcançado pelo sr. Edgard de Cerqueira Falcão.

J. L.

A CONQUISTA ESPIRITUAL DA AMAZONIA ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS de Arthur CEZAR FERREIRA REIS — S. Paulo 1942.

Ao começar o seu livro adverte o autor que a Amazonia não é ainda um espaço incorporado pelo progresso á civilização creada em outras partes do Brasil. Segundo Ferreira Reis muito deve a Amazonia a esforços de comunidades religiosas, a dos franciscanos e jesuitas outr'ora, a dos salesianos hoje.

Na Amazonia a catequese é problema secular resolvido pouco a pouco e a historia do muito feito no pouco a pouco pelos pacificos soldados da fé cristã é o que se propõe demonstrar Ferreira Reis revelando franciscanos, jesuitas e salesianos no trabalho de chamar á religião e á incorporação nacional o gentilismo amazonico.

Quem desejar inteirar-se do que na Amazonia teem plantado os semeadores jesuitas, franciscanos, capuchinhos e salesianos é só recorrer ao livro informativo em alto gráo de Ferreira Reis.

O que aqueles religiosos teem conseguido é digno de louvor e admiração. Inspirados outr'ora em Inácio de Loyola, em S. Francisco de Assis, em D. Bosco, a triplice linha de combatentes por Deus, pelo bem da Amazonia obra prodigiosos. Registra-os o livro de Ferreira Reis honrando aqueles que buscam por varios modos, espirituais, caridosos, científicos ou higienicos tornar a Amazonia um Brasil feliz.

HISTORIA DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO — BIBLIOTECA MINEIRA DE CULTURA, de Geraldo Dutra de Moraes — Belo Horizonte — 1942.

Entre cultores de letras mineiras é distinto o autor do livro acima citado. Dedicado á pesquisa honesta e portanto meditada e paciente, Dutra de Moraes votou-se ao município de Conceição e ao auxilio ao Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional, sob a esclarecida direção do dr. Rodrigo Mello Branco de Andrade, defensor acerrimo daquele Patrimonio de tantos e culposos desfalques através os tempos.

Em volume de 282 paginas repletas de documentação e reforçadas por uma copiosa bibliografia, Dutra de Moraes apresenta Conceição, antiga freguezia da Conceição de Mato Dentro, por ocasião da sua elevação a município, destacado do Serro do Frio, na comemoração do primeiro centenario de sua promoção a município.

Não se contentando com o grande serviço prestado, Dutra de Moraes prestou outro serviço qual o de salvar os arquivos de Conceição fadados a sumiço e ricos de preciosos codices espalhados aqui, ali, acolá pelos diferentes distritos do município. O verdadeiro arquivista sabe o perigo de documentos aqui, ali, acolá.

Estão resumidos assim os meritos de Geraldo Dutra de Moraes, colaborador pois da grande obra da cultura. Os que por ela se interessam, os que a estimam, estimem o autor mineiro.

E. D.

O OUTRO

(Continuação da pag. 5)

Certa tarde estavam sentados à beira duma lagoa. Morgis andara colhendo flores silvestres, depuzera-as no regaço da esposa. Branca, porém, acariciando as flores, mantinha-se imóvel; absorta, o olhar perdido ao longe.

De repente, Morgis perguntou:

— Estás pensando... nele, não é verdade?

— E' verdade. E tu?

— Também.

E então compreenderam que não estavam, que nunca estavam sózinhos.



O Outro estava entre eles e não os deixava. Sentava-se na varanda do solar. Entrava-lhes no quarto. Acompanhava-os pelo pinheiral. Em vão se escondiam, se fechavam a chave. Para onde quer que fossem, o Outro lá ia ter, spectral, implacável.

Morgis e a esposa concluíram que era o cenário, o ambiente da Bretanha que lhes influa na imaginação. E' sabido que os fantasmas teem acentuada predileção pelos solares antigos, pelos bosques de pinheiros. E justamente a Bretanha constituia para eles um domínio de eleição, com a sua melancolia debaixo dum céu misterioso e presago.

— Vamo-nos embora! Vamo-nos embora!

Percorrem a Espanha, a Suíça, a Itália. Não conseguiriam fugir ao algós, libertando-se dele, escondidos na multidão das cidades estrangeiras?

Não. Por toda a parte ele aparecia. Para onde quer que se mudasse aquele lar, Filipe Arnond lá estava, imutável, definitivamente instalado com a autoridade do seu rosto pálido e do seu corpo ensanguentado. Era um hóspede imperioso e sem piedade, que intervinha sempre, impedindo a mais leve distração, destruindo toda a intimidade, arruinando a união a que impunha a sua presença terrível.

Por fim eles compreenderam que nada podiam fazer contra aquilo. Enquanto vivessem juntos não poderiam ter um momento de alegria nem de socego, apesar de serem um para o outro irrepreensíveis, apesar da sua inocência, apesar do seu amor.

Uma noite, diante do golfo de Sorrento e do mais maravilhoso pôr de sol, Henrique Morgis disse à esposa.

— Não podemos continuar a viver juntos, minha querida.

— Tens razão. Não podemos.

O sol engolfava-se numa espécie de esplendor funéreo. Assim agonizava a sua bela e nobre união.

Pela ultima vez se deram as mãos.

— Eu te amo, Branca...

— Eu te amo, Henrique...

E afastaram-se um do outro, irremediavelmente separados.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS

DESCONTOS

CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

ESCRAGNOLLE DORIA

ZACARIAS E RIO BRANCO

Nas alturas do terceiro decênio do Segundo Reinado, Zacarias e Paranhos eram luminares na vida nacional, grandes e valiosas suas fés de ofício de servidores da nação. Militando em partidos políticos opostos, estimavam-se nas refregas daqueles partidos. Mantinham-se em respeito mutuo, encontrando-se na polidez, excelente meio de conservar amizades e de entreter correspondências epistolares. Cartas de Paranhos conservadas por Zacarias o demonstram até á saciedade. Examinemos algumas.

A 3 de Agosto de 1867 organisára Zacarias o seu terceiro ministerio, o seu grande ministerio subsistente até Julho de 1868. Dous outros gabinetes formára Zacarias: um em Maio de 1862, gabinete por assim dizer de sopro por durar seis dias, e outro gabinete em Janeiro de 1864 existente até Agosto do mesmo ano. Zacarias organisára os dous ministerios como deputado geral, cargo de relevo, mas temporario. Presidente do conselho de ministros em 1867, Zacarias já senador tinha todas as vantagens de posição vitalicia permitindo esta aos seus detentores uma vés fóra de governo dirigir-m-se tranquilamente ao Senado imunes de reeleições e dissoluções.

Primeiro ministro em 1867, Zacarias no governo recebia sobretudo uma questão magna, a da guerra do Paraguai com tres anos de sangrenta vida e ainda de problemático termo.

Para as pastas militares, da Guerra e da Marinha, Zacarias chamou tres ministros civis, Ferraz, Paranaçu e Afonso Celso, o ultimo dos quais até a demissão do ministerio suportaria todas as responsabilidades da pasta da Marinha em atividade bélica dia e noite.

Paranhos entrara em 1866 para o Conselho de Estado, ano aquele de muitas nomeações para a instituição, entre elas as de Bom Retiro e Caxias. Ao Conselho de Estado refere-se a seguinte carta inedita de Paranhos a Zacarias em vespéras de primeiro ministro.

"Illmo. Exmo. Snr. Conselheiro. — Os papeis estão promptos e podem ir mais cedo d'aqui a uma hora, si V. Exa. quizer.

Quanto á transferencia para a secção de Fazenda (uma das secções do Conselho de Estado) é de certo uma honra e sendo vontade do Governo Imperial a minha regra é nestes casos obedecer promptamente e de bom grado.

Ausentar-me-ei da secção de Guerra e Marinha, a cujos trabalhos já me tinha novo afeiçoado, com pezar, e saio agradecido ás atenções de SS. Exas. os Srs. Ministros da Marinha e da Guerra (Pinto Lima e visconde de Camamu).

Empernada e desempernadamente sou de V. Exa. Amigo attento, collega e cro. obo. — J. M. da Silva Paranhos — Rio 1.º de Maio de 1867.

Na carta Paranhos alterou a denominação da secção do Conselho de Estado, designada ela de Marinha e Guerra. Cabia a mesma designação a duas comissões do Senado e da Camara, para elas escolhidos senadores ou deputados officiaes ou civis entendidos em materia militar.

Solicitado por Zacarias, precisado de atas e pareceres do Conselho de Estado, disia-lhe Paranhos: "Em primeiro lugar, apesar de copiar como nunca me julguei capaz, cadernos e cadernos de pareceres, ainda não pude vêr o fim da primeira (ata) cuja extensão é espantosa.

Da segunda (ata) faltão-me os pareceres dos Snrs. Visconde de Jequitinhonha e Salles Torres Homem, que provavelmente esperão que eu os minute como já se deo. A 2.ª acta não cede á primeira em comprimento". (Topico de extensa carta de 22 de Maio de 1867).

Paranhos copista, infatigavel, não parece ainda haver sido descoberto.

A 14 de Julho de 1868 o visconde de Itaboraí era chamado pelo imperador a São Cristovão a organizar gabinete em substituição ao ministerio Zacarias. Não occorreria com isso apenas mudança ministerial, sim também quédia da situação liberal e da ascensão ao governo do partido conservador fóra de poder desde 1862.

Desde 1866 presidia Zacarias á maior das assistencias publicas do Brasil, a da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Por antiguidade de fundação em 1582, pela secular continuidade de serviços, a Santa Casa carioca encabeçava as outras Misericórdias brasileiras, no recolher enfermos, no educar crianças, no hospitalisar loucos, no sepultar indigentes.

Ministro dos Estrangeiros do gabinete Itaboraí, gabinete sucessor immediato do ultimo ministerio Zacarias, Paranhos sem constrangimento dirigio-se a Zacarias provedor da Santa Casa e portanto superintendente geral da então unica e centralizada assistencia publica do Rio de Janeiro.

No momento estava a chegar á capital novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Argentina, o general Wenceslão Pannero. Trazia consigo sua esposa presa de grave e cruel enfermidade. Pedia Paranhos a Zacarias a transferencia immediata da doente para estabelecimento hospitalar especial da Santa Casa. Fasia-o Paranhos em carta a Zacarias e nos seguintes termos, a 16 de Novembro de 1868.

"A V. Exa. não preciso ponderar quanto convem que sejamos obsequiosos e solícitos para com aquele distincto Argentino, que tem seu nome escripto no feito de Uruguayana e n'outros na campanha actual conta o Paraguay". E subscrevia-se o solicitante do solicitado — Muito attento collega, amigo e obediente servo". J. M. da Silva Paranhos".

Acudindo ao apelo, não tardou Zacarias em



O conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos (Visença da Bahia 1815 — Rio de Janeiro 1877).

providenciar urgente. Logo a Secretaria da Santa Casa, sempre de sede no Hospital Geral da praia de Santa Luzia, recebeu a seguinte ordem do punho do provedor: Expeça-se a portaria necessaria.

Pedir é arte muito praticada, de manhã á noite, arte outra a de agradecer, do gosto de poucos. FAVOR feito, gratidão desfeita. Apenas servido, Paranhos no dia immediato ao favor escreveu a Zacarias:

"Exmo. Amigo e Snr. Conselheiro — Agradeço a V. Exa. a summa bondade com que attendeu ao meu pedido relativo á Senhora do General Argentino Pannero. Hei de dar conhecimento ao Imperador desta acção meritoria de V. Exa. O Imperador condeou-se muito com a infelicidade daquelle nosso bom amigo.

Eu sou, com censura ou sem censura, de V. Exa. affectuoso amigo, collega e criado obediente. J. M. da Silva Paranhos — Rio 17 de Novembro de 1868.

Em outras ocasiões valeu-se Paranhos de Zacarias, provedor da Santa Casa, para casos dolorosos ou funebres, um funebre tocando de perto o proprio Paranhos e sua esposa feridos pela morte do filho Pedro.

Zacarias foi, e é, por quem não o estudou de perto, taxado de empedernido. Conhecemos provas do seu animo generoso quando mistér. Uma prova é dada por Zacarias provedor, encaminhando e pleiteando junto á Princesa Imperial Regente a commutação da pena de morte imposta a um marinheiro da armada nacional que apelou para a Santa Casa e sua misericórdia. E' pagina desconhecida a honrar Zacarias.

Em Março de 1871 Paranhos, pela confiança da corôa, occupava o cargo não muito antes prestigiado por Zacarias, o de presidente do conselho de ministros. Formára Paranhos o gabinete que, entre desassombro e acesa guerra politica, devia immortalisar-se na lei do Ventre Livre, fazendo cessar "a pirataria ao redor dos berços nas aguas da jurisdicção divina", consoante futuro discurso de Salles Torres Homem no Senado.

Dias depois de organizar ministerio fadado a longevidade, Paranhos endereçava a Zacarias a seguinte carta, inedita como as demais missivas das quais nos servimos. E' prazer especial trabalhar no inedito isentando-se de patinhar no já muito dito.

"Illmo. Exmo. Snr. Conselheiro — Desejo muito agradecer a V. Exa. o recado que mandou-me pelo (não se consegue na carta lêr um nome) e que este sujeito deo-me fóra do tempo. Tenho também necessidade de conversar com V. Exa. Creio que V. Exa. não me poz interdicção, porque estou no Ministerio de 7 de Março (não ha caso chronologico se regula a reforma gregoriana).

A minha duvida é onde V. Exa. será accessivel, e quando o poderei encontrar no seu palacete da Cidade (a vasta residencia de Zacarias na rua do Conde d'Eu, hoje Frei Caneca). Sou com perfeita estima e consideração. De V. Exa. Attento collega, amigo e obediente servo — Visconde do Rio Branco. Casa de V. Exa. 27 de Março de 1 71.

Em Abril desse ano agitava-se a questão da primeira viagem de D. Pedro II á Europa ficando a reger o Imperio a princesa D. Isabel.

Pela variedade dos cargos de sua carreira, Rio Branco adquirira grande cultura em certos ramos de saber. Professor de ensino superior como Zacarias, valeu-se Rio Branco das luzes juridicas, que não tinha, dirigindo-se ao colega e amigo. A 6 de Abril de 1871, por carta, consultava Rio Branco a Zacarias sobre a regencia proxima. Uma das interrogações da consulta: A Assembléa Geral pôde limitar as atribuições da regencia, quando esta cabe á Princeza Imperial ou ao Parente do Imperador de que falla o artigo 122 da Constituição do Imperio?

Outra pergunta de Rio Branco, o matematico, a Zacarias, o jurista. Qual a forma porque deve ser requerido e dado o consentimento da Assembléa Geral para o Imperador poder sahir do Imperio?

No ministerio 7 de Março figuravam quatro ministros formados em Direito, um deles professor romanista na Faculdade de S. Paulo, o conselheiro Duarte de

Azevedo. E' provavel que Rio Branco os tivesse ouvido, mas se não dispensou de ouvir também Zacarias, o antigo lente de Olinda. Entretanto este, parlamentar, quando entendesse, criticaria o ministerio 7 de Março como o fez opondo-se á lei de 28 de Setembro. Por nada abdicava Zacarias da liberdade absoluta de pensamento e critica assegurada então a todos e mormente aos inviolaveis representantes da nação. Tanto assim que em bilhete intimo disia-lhe Rio Branco que o senador Zacarias lhe causára "dóres de maternidade". No bilhete a expressão é mais obstétrica.

Contudo as relações particulares dos dous estadistas, merecedores de tal nome, estendiam-se até ao interesse pela descendencia dos dous amigos discordes em política, acordes em estima.

Vae comproval-o a carta abaixo: "Illmo. Exm. Snr. Conselheiro — Recolhi-me com minha familia á nossa casa da Cidade. Agradeço a V. Exa. e a sua Exma. Senhora a bondade com que nos tratarão as vezes que fomos ouvir missa na sua Capella. Queira V. Exa. dispôr da boa vontade com que procurará cumprir suas ordens o de V. Exa. attento collega, amigo — Visconde do Rio Branco — Corte, 10 de Março de 1874".

Tais sentimentos, tal polidez na intimidade epistolar devem parecer hoje obsoletos. A carta refere-se a algum veraneio de Rio Branco e dos seus no morro de Santa Teresa onde Zacarias tinha casa propria e capella na rua dos Junquillos, ora Felicio dos Santos. Nessa casa Zacarias expiraria ainda vigoroso. No correr da vida soubera inspirar respeito aos que não o estimavam ou aos que ele não considerava. Senão amor temor.



Visconde do Rio Branco

O Visconde do Rio Branco (1819 — 1880) Salvador — Rio de Janeiro

CONFIRMAÇÃO

de Gonzaga Duque

A oito da noite, sob um céu claro de lua cheia e num friozinho penetrante de inverno, Carlos Fragoso bateu á minha porta.

— Não temos tempo a perder — disse-me da soleira, negando-se a entrar por inconveniência de delongas. — São oito em ponto. Dentro de trinta e cinco minutos devemos estar com mestre Poncio.

Desci pressuroso, abafado num *mac-fertland* e, postos em caminho, tomei o braço de Carlos.

— Não te abala essa experiência?

— Um pouco, pela curiosidade. E a ti?

— Com franqueza, temo mais pelo insucesso do que pelo sobrenatural.

Carlos, com o seu costumário tique de torcer o pescoço sobre o colarinho, á direita, objectou-me:

— E' porque não conheces bem o Dr. Poncio. Eu sou como tu és, um incredulo; considero isto uma bruxaria e por mais que monsieur Boraduc e mister William Crooks constatem a existencia de uma força consciente extra-humana, estaciono precavidamente nalgumas experiencias magneticas do coronel de Rochas, ainda assim com esse enviezado sorriso voltairiano que nos sublinha a emancipação mental sob a duvida condescendente... e tolerante... Mas, a justissima reputação científica de mestre Poncio, a sua propriedade profissional e, particularmente, esse razoavel sigilo com que ele cultiva o ocultismo, me fazem crer que, realmente, há alguma coisa de verdade nas suas experiencias...

Deixei Carlos Fragoso falar. A sua voz era quente e meiga, com um quasi imperceptivel tremor nervoso que, acentuando as sílabas, lapidava certas palavras com o esmero facetado de pedras preciosas. Ao demais, o seu intelectualismo cultivado, independente de ortodoxias limitadoras, tinha o encanto duma ardorosa imaginativa e, por isso, seus exageros teóricos, expostos numa cintilante linguagem de ineditos neologismos, lhe davam ás imagens e ás ideias o feitio bisantino duma arte meticulosa e requintada.

Estava, então, no periodo floral dos vinte e seis anos, possuia uma carta de medico, a inquietadora noticia de um avô que morrera escabujando na cela dum manicomio e a perigosa aureola donjuanesca dos amorosos irresistiveis.

Dizia-se que, havia uns três anos, uma formosa e ardente Flavia, num arremesso de paixão livre, desenastrando os lindos cabelos negros para ocultar na sua carinhosa treva perfumada a cabeça de Carlos, matara de dor e vergonha o seu proprio pai! Dizia-se mais que a formosa Flavia, não obstante esse devotamento, fôra impiedosamente despresada pela preferencia de uma satanica beleza outonica, que fazia o orgulho dos salões ricos com um titulo comprado ao Vaticano e o escandalo de seus vestidos de luxo... Uma legenda! Mas, ao certo, Carlos Fragoso devia impressionar as viajeras do Amor, não por beleza, que essa lhe faltava, sim por seus modos singulares, dos quais resultavam estouvamento de impulsivo e melancolias romanticas de cabeça desenhada em 1830; pela expressão apaixonada do seu moreno rosto viril, a que a firmeza dos traços substituia a escassez da barba; e mais do que por tanto, pela rapida celebridade do nome, vindo de uma familia afortunada e engrandecida na publicidadelouvaminheira das gazetas.

— Estamos chegados — disse Carlos, parando em frente da larga porta de um predio vasto e vistoso.

Dentro, no saguão assoalhado de quadradinhos de marmore preto e branco, o porteiro fumava o seu cigarro, tranquilamente recostado numa cadeira de vimes e no claro muro do fundo, vivamente iluminado pelo farol pendente do teto branco, negrejavam as enormes letras do distico em curva: *Casa de Saude do Dr. Poncio de Almeida*.

Subimos. Logo á saleta de entrada, encontramos mestre Poncio com o seu eterno sorriso apagado. Saía do quarto dos seus doentes. Brilhavam-lhe os olhos através das lentes dos seus oculos de ouro. As suas faces escanhoadas e amarelas tinham uma expressão de cansaço, em que a tristeza do seu sorriso apagado deixava um vago

de resignação. Um longo bigode grisalho pendia-lhe sobre a boca e o cabelo falho, devastado pela calvície, que lhe alongava a testa, era negro e reluzente.

Estendeu-nos os dedos macios, com moleza, e nos foi empurrando, delicadamente, para o seu gabinete, guarnecido de altas estantes de livros. O seu olhar percorreu-me de alto a baixo, mas Carlos explicou-lhe: — E' o meu amigo Lucio, de quem tenho falado...

Poncio inclinou a cabeça, atencioso:

— Sim. Tinha-me dito que o traria.

E para mim: As nossas emoções são identicas nas suas causas. Sou um dos seus leitores...

La corresponder á gentileza, mas ele fez-nos sentar junto da sua vasta mesa de canela escura, onde os utensilios de escrita e as brochuras de leitura conservavam a ordem e o asseio dos interiores ingleses.

— Confio nos senhores, disse-nos, por isso admito-os numa das experiencias que vou fazer. Em outras tenho colhido resultados extraordinarios!... Mas, sobre ela nem uma palavra!... Se transpirar o que vamos assistir, a minha reputação estará perdida...

— Guardaremos o segredo, respondeu Carlos, não obstante ser um fato científico.

— Sim, é um fato científico. O que lhe falta é assentimento á experiencia que contraria a educação sentimental dos homens. A prova, de hoje, devemos-la unicamente ao acaso, porque se trata de moribunda sem amizade ou parentes aqui. E' uma rapariga que me foi entregue, já agonizante, por proteção oculta... São raras, são rarissimas, essas *provas*. Ah! os senhores não avaliam as dificuldades com que luto! Depende tudo de um feliz acaso, como este, e é sempre em segredo que trabalho. Nem os meus *internos* nem os meus empregados sabem do que se passa. Bem. Vamos.

Ergueu-se, encaminhando-nos por um corredor monotonamente branco. A fria, intensa claridade dos aparelhos de gás fazia-o mais frio e mais longo. Respirava-se um ambiente acre de desinfetantes, que acordavam imagens incomodas de trabalhos cirurgicos, avivadas pela sucessão de portas equidistantes e numeradas, rasgando escuros quadros oblongos nalguma envernizada dos muros. Os nossos passos abafavam-se no capacho corrido do soalho cerado.

(Continúa na pag. 50)



A Companhia Siderurgica do Brasil

na vanguarda da mineração e industrialização do ferro

Levando a efeito o nosso programa de difundir o mais possível entre o publico as obras e as idéias que visam engrandecer o Estado Novo Nacional, a reportagem ouviu a respeito da Companhia Siderurgica do Brasil o seu diretor-gerente fundador, Dr. Israel Jacob Averbach. figura de destaque em nossos meios técnicos, sociais e políticos. Trata-se de um conhecedor do assunto, ex-engenheiro da Estrada de Ferro Sorocabana, onde iniciou os seus primeiros trabalhos na construção da linha Mayrink a Santos, além de ex-engenheiro do Parque Central de Aviação Militar, e que foi prefeito do rico município fluminense de Magé, onde deixou traços de uma administração modelar.

Ao receber-nos nos luxuosos escritórios daquela Companhia á praça Floriano, 19, 9º andar, no Rio de Janeiro, suas palavras foram estas, após se inteirar de nossa visita:

— Tenho o grande prazer em receber a visita de um jornalista, representante de um periodico que se impõe ao publico pela serenidade e pelo criterio dos seus conceitos e dizer ao mesmo algumas palavras sobre a Companhia Siderurgica do Brasil.

No momento agudissimo que vivemos, quando o mundo se incendeia nas chamas da guerra, produzida pelos inimigos da humanidade, o incremento ás industrias de ferro deve ser a maior preocupação do administrador moderno e do patriota. O Brasil no tocante ás reservas de ferro é, dentre todos os paises do universo, o mais rico e privilegiado pela natureza, em cujo solo e subsolo se encontram camadas fortissimas do precioso mineral, montanhas formidaveis, cujas sondagens e estudos técnicos constataam um volume de minério de ferro que pode resistir a séculos de exploração, e exportação do util minério de ferro, que serve para a preparação do material bélico de todas as forças de mar, terra e ar, quando é manufaturado nas suas diversas transformações metalurgicas das grandes usinas. Na entrevista concedida pelo presidente Dr. Getulio Vargas á imprensa carioca, em S. Lourenço, de 24 de abril de 1938 afirmou S. Excia.: « a solução do problema está, portanto, na grande siderurgia - grande para nós, porque não poderá ser, é claro, a grande siderurgia européia ou norte-americana. Falta-nos o carvão? Teremos de importá-lo, pelo menos enquanto o nosso não se acha em condições de substituí-lo. Encontrar-se-á uma formula para compensar essa importação com a exportação do minério. Esta é que não se deve fazer pura e simplesmente. É a unica arma que possuímos para interessar os grupos metalurgicos estrangeiros na instalação da siderurgia nacional.

Cumpra utilizá-la com segurança e proveito.

Resumindo as nossas considerações podemos concluir que a instalação siderurgica pode ser feita:

1º—Pelo Estado, com o levantamento de capitais estrangeiros ou mediante financiamento á base de minério exportado;

2º—Com capitais mistos do Estado e de empresas particulares nacionais;

3º—Por empresas particulares nacionais, com capitais próprios e estrangeiros, e controle do Estado.

O governo está disposto a resolver o problema e pronto a receber quaisquer propostas idoneas, dentro das condições indicadas ».

Foram estas palavras claras e precisas do nosso digno presidente, Dr. Getulio Vargas, con-

Fala á nossa reportagem o
Dr. Israel Jacob Averbach,
seu diretor-gerente e um dos seus fundadores

cretizando a nossa futura politica de emancipação economica na base da siderurgia que levaram o grupo de fundadores da Companhia Siderurgica do Brasil a torná-la um fato realizavel e realizado. Prova mais cabal dessa realidade é a aceitação que tem merecido o acolhimento de colocação de nossas ações que estão sendo subscritas por todo o povo brasileiro. Tanto nos Estados do centro, do sul e do norte, as ações da Companhia Siderurgica do Brasil estão ao alcance de todos e custam apenas Cr. \$100,00 pagaveis em dez (10) quotas de dez mensalidades.

— E de que capital dispõe a Companhia - interrogamos cheios de curiosidade para corresponder a tão alevantado programa do Estado Nacional?

—O capital da Companhia Siderurgica do Brasil, para enfrentar a fase preparatória de sua instalações, é de trinta milhões de cruzeiros, no município de Santa Bárbara, Estado de Minas Gerais, nas Fazendas do Machado, Rosa da Costa, Varzea do Sapé e outras, assim como as concessões outorgadas pelo governo federal ao incorporador das jazidas e minas, ao Sr. Leon Averbach, cujos estudos e prospecções estão sendo executados por uma pleiade de técnicos, obje-



Dr. Israel Jacob Averbach

tivando nesse rincão a instalação de mais uma usina siderurgica para produzir o ferro gusa e futuramente laminação. Dirigem os destinos da Companhia Siderurgica do Brasil homens experimentados no comércio e na industria e na administração, técnicos e elementos capazes de elevar a bom termo a empresa patriótica, brasileira organizada, e de fomentar objetivamente a industria siderurgica que será o aliado sólido para a construção do futuro da nossa nacionalidade e emancipação economica do Brasil.

A objetivação do nosso programa é contribuir para a criação e solução no Brasil do problema siderurgico que será para a nossa pátria uma das maiores conquistas sociais, politicas e comerciais, concorrendo para a sua emancipação definitiva conforme as diretrizes traçadas pelo eminente presidente Dr. Getulio Vargas, criador e impulsionador da industria siderurgica.

—Como poderia determinar os trabalhos da Companhia Siderurgica do Brasil na sua fase atual?

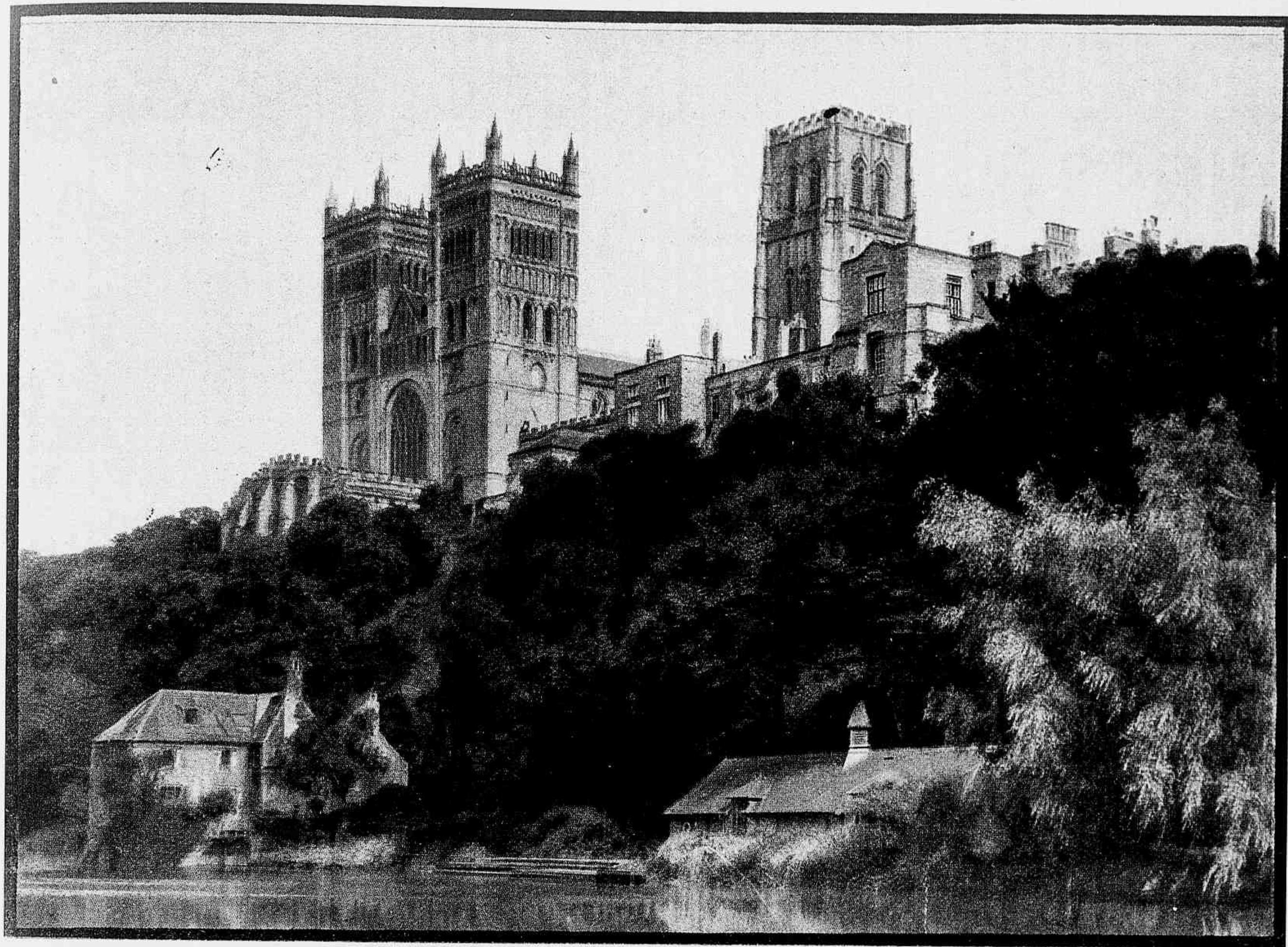
—Estamos na primeira fase da vida da Companhia, temos já completado o primeiro ano de funcionamento. Já estamos em contacto com os técnicos americanos e brasileiros para a cons-

trução dos nossos altos fornos para produzirmos ferro gusa, e dentro em breve irá aos Estados Unidos uma comissão dos nossos diretores e técnicos para a conclusão do plano da instalação das nossas industrias cujos projetos estão sendo ultimados.

Temos a dirigir os nossos dest'nos homens de saber e competência profissional, dentre os quais se destaca o Sr. almirante Americo Ferraz e Castro, um grande técnico em assuntos siderurgicos, cuja reputação, eficiência e vida passada são padrões de garantia para o nosso triunfo industrial. Tudo que a Companhia Siderurgica do Brasil realizar é visando o engrandecimento do Brasil e o faz claramente, sem segredos. Qualquer acionista pode examinar os nossos contratos, os nossos estatutos, as bases da nossa formação. Qualquer acionista pode visitar os nossos trabalhos nas nossas jazidas. O minério no Brasil é tão abundante e os produtos nos são tão necessários, que há possibilidades para se montarem diversas usinas em diversos locais do país, e todas elas terão pleno sucesso de sua exploração comercial, não havendo, pois, razão nem para monopólio, nem tampouco para competições de mercados. O Brasil precisa manufaturar o seu ferro, para com ele poder produzir os seus tratores agricolas para a industrialização da lavoura, fabricar a sua maquinaria tão necessária para o desenvolvimento de energia elétrica no aproveitamento do seu potencial hidraulico e carbonífero. Precisamos produzir trilhos para cobrirmos o território do país de estradas de ferro para o intercambio comercial do Norte com o Sul. Da industria siderurgica obteremos todos os elementos necessários para construirmos os nossos navios e elevarmos a nossa esquadra ao potencial bélico para a defesa e construção da nossa defesa de costa. Com a industria bem desenvolvida iremos desenvolver a produção do material bélico para o Exército. Com a siderurgia e suas usinas instaladas em diversos locais do Brasil evitaremos transportes inúteis, e importações de produtos similares que essas industrias podem perfeitamente produzir para desenvolvermos o comércio e para a industria civil, fabricaremos a maquinaria tão necessaria para o seu aproveitamento util e melhoria do padrão de vida das industrias textis, concorrendo desta forma para aumentarmos o progresso do Brasil.

Este é o programa da Companhia Siderurgica do Brasil; é com ele que nos apresentamos ao publico e é com ele que havemos de vitoriar na solução do problema de exportação de minério de ferro e sua industrialização, nada nos afastando da trilha que temos traçada dentro de um itinerário de ordem, de trabalho, de honestidade, de brasilidade. A Companhia Siderurgica do Brasil pertence aos brasileiros e todos os brasileiros podem adquirir as suas ações que representam uma futura e sólida renda, podendo ser fiscalizada pelos acionistas num todo harmonico para uma grande vitória, que é a vitória da industria do ferro no Brasil.

Como homem publico, conhecido no meu país pelos elementos de maior responsabilidade, tenho um rumo cívico, uma formação democrática por indole, por educação e por atos, combato o fascismo e o nazismo. Não mudei de conduta, nem de idéias. Sou o mesmo homem encarnando as mesmas aspirações dentro do mesmo ponto de vista social e político, colaborando pelo futuro do Brasil na politica da boa vizinhança panamericana que é a do nosso governo.

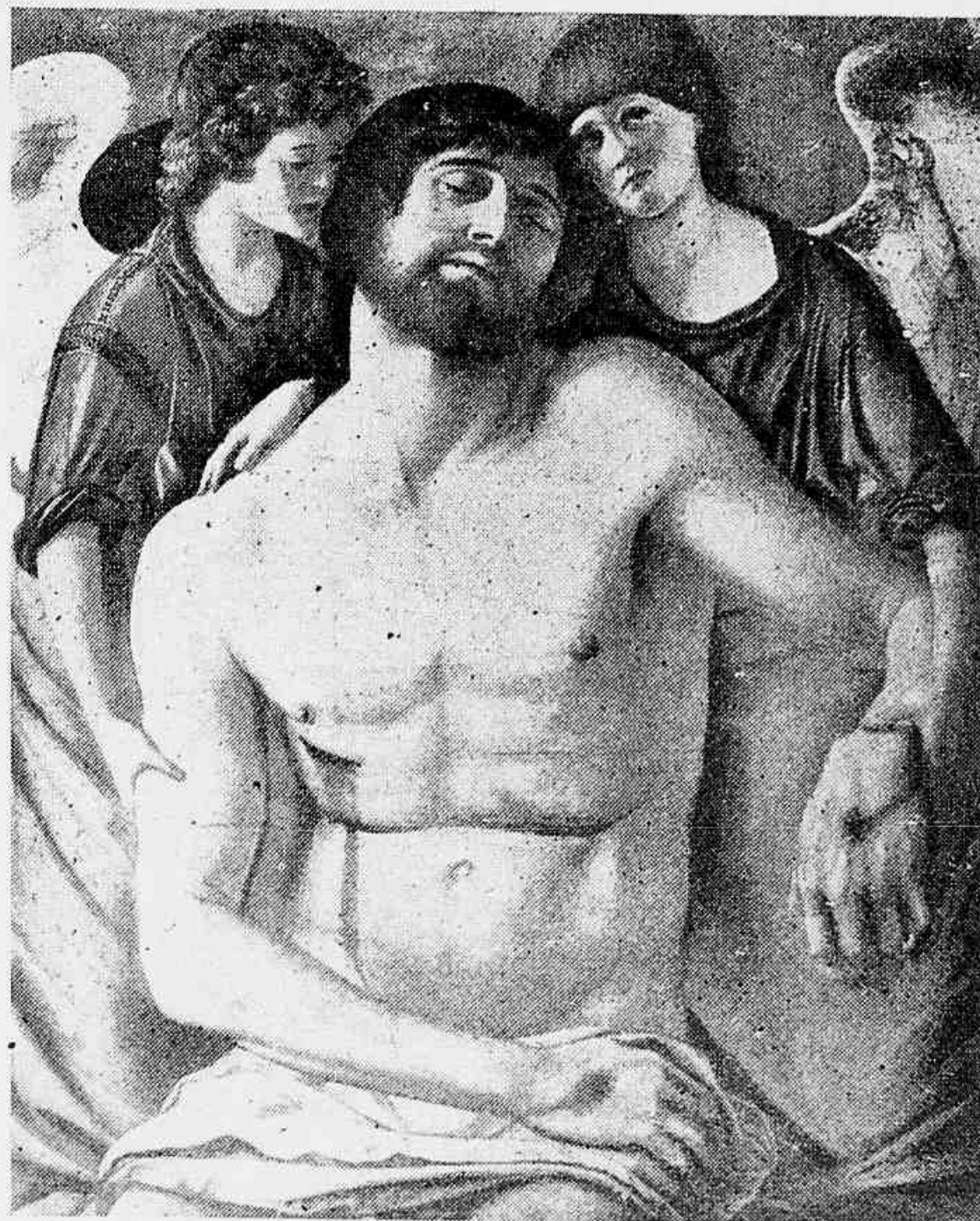


TAPETE MAGICO

A Inglaterra é um dos países mais ricos em catedrais suntuosas. Vindas, na sua grande maioria, dos tempos do domínio romano e principalmente do período da conquista normanda. A pequena ilha da Mancha ponde, afortunadamente, através das grandes lutas civis e religiosas de tantos séculos, preservar quasi intacto o seu tesouro artistico, que a brutalidade dos raides nazistas haveria de profanar um dia do modo mais odioso, desfazendo, em minutos, o que o peso dos séculos não conseguira alterar. Canterbury, Salisbury, Norwich, Gloucester, Winchester, tantas outras cidades ainda possuem como padrão maior de sua gloria o esplendor de suas maravilhosas igrejas, qual delas famosa em particular pela existencia dum tumulo de santo, pela nota dum milagre preterito, pelo feito dalgum heroi da cristandade. Entre esses gloriosos monumentos do passado, figura, como exemplar dos mais perfeitos, a catedral de Durham, fundada por volta do ano 1000, para acolher os restos mortais de S. Cutberto. Deante de visões como esta, o coração se confrange, á idéia de que a estupidez dos homens seja capaz de atentar contra semelhantes obras primas da antiguidade, que nenhuma civilização será capaz de substituir, uma vez vitimadas.

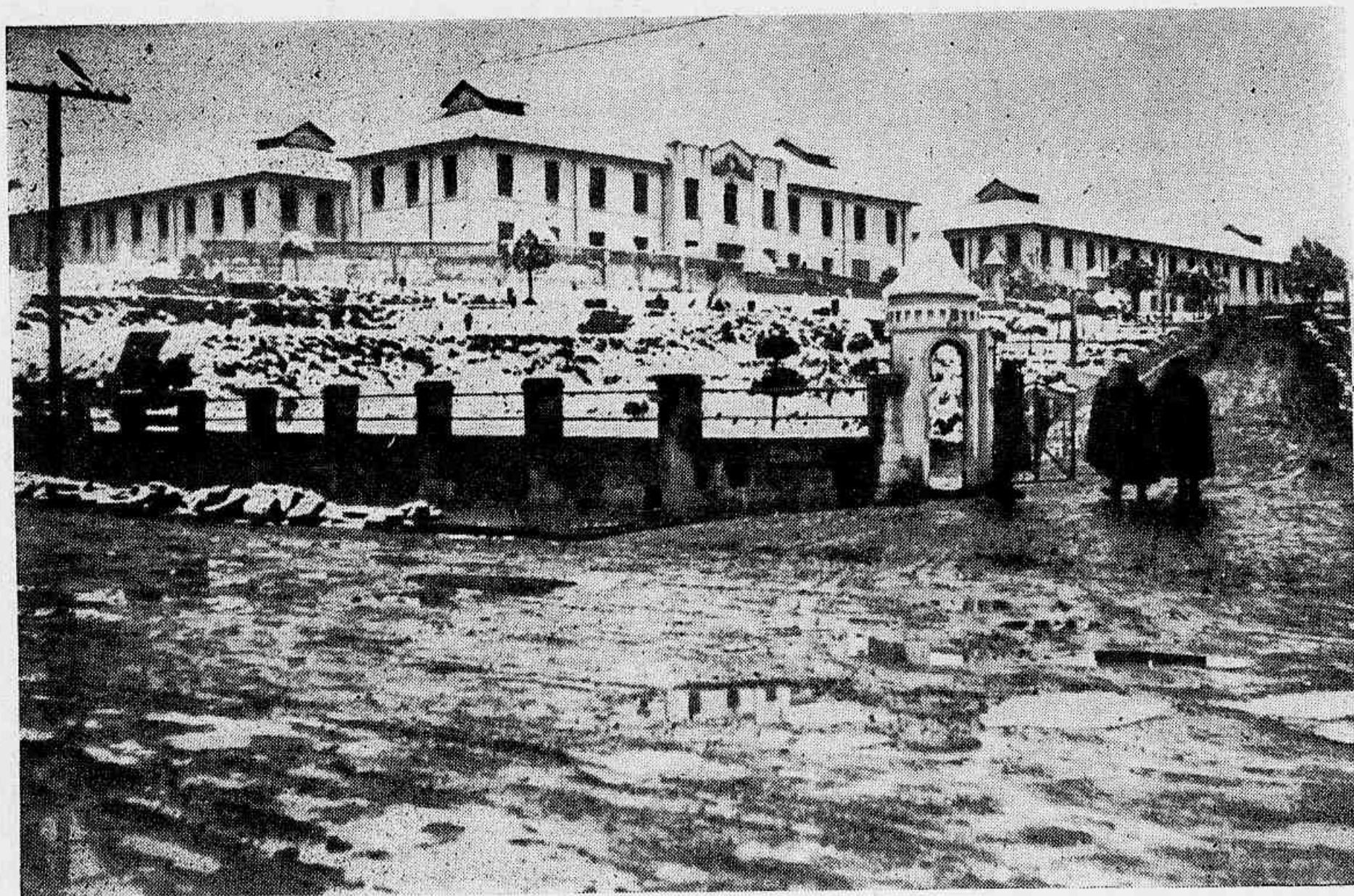


No coração da Suecia, na Dalecarlia, que Selma Lagerlof tanto amava, os camponeses, nas festas populares e nas ceremonias religiosas, vestem ainda o traje secular dos seus avós. Aqui vemos, no museu nacional de Skansen, armado ao ar livre, em Stockholm, para trazer aos visitantes toda a vida da nação, ao natural, um numero de dança popular dalecarliana, deliciosa de colorido e de graça.



Os pintores italianos foram inimitaveis na evocação das grandes cenas da vida de Cristo. A «Pietà» de Giovanni Bellini, que se vê acima, é uma das mais estupendas de quantas saíram do pincel dos grandes mestres dos séculos XV e XVI.

NOSSA TERRA



qualquer estampa da frente russo-germanica.

Os garbosos oficiais e praças ali acantonados, vestindo os pesados capotes requeridos pelo frio intenso, posam em meio do cenário branco, enquanto o céu, dum tom fosco, parece pesar violentamente sobre a terra.

Aqui e ali abrem-se trincheiras, onde os homens se metem, ressaltando em negro contra a brancura nivea.

O horizonte se perde, sob a bruma formada pela poeira dagua esparsa no ar.

Para qualquer ponto que

A' primeira vista as fotografias destas paginas darão a ideia de paisagens europeias, sob a ação dum inverno rigorosissimo, como as da Russia, por exemplo.

Não ha, porem, nenhum motivo para sobressaltos dessa especie uma vez que os aspectos aqui apresentados são simplesmente instantaneos colhidos no Rio Grande do Sul, em Caxias, durante as manobras do 14 B. C., em Julho do ano passado.

Vemos, assim, o quartel daquela unidade, com o largo pateo fronteiro, branquinho de neve, como se fosse





Brasileiros sob a neve

Fotos do 1.º tenente José Maria de Figueiredo Guedes, gentilmente cedidas à "Revista da Semana" pelo tenente-coronel Alcino Nunes Pereira.

se volte, a mesma infinita claridade imaculada.

Terra prodigiosa, este Brasil!

No norte, o sol de fogo, escaldando as varzeas, dourando as praias de areias fuzilantes.

O céu, de puro anil, ofusca. O verde das árvores tem qualquer coisa de metálico e polido, como placa de esmalte de Limoges.

Meses e meses sem uma gota d'água. A mesma impassibilidade azul mirando o homem que luta, de sol a sol, ao calor africano, para salvar as reses e a minguada agricultura de suas pobres plantações.



Noutras zonas, a eterna abundancia das águas pluviais, como no Amazonas encharcado de humus, tal como nos primeiros dias da criação. A terra explodindo em furia vegetal que tem qualquer coisa de alucinante, qualquer coisa de delirio telurico, assim como a celebrou um dia a prosa de Euclides da Cunha.

Mais para baixo, do nordeste até as paragens cariocas, o país da eterna primavera, onde o verão é uma festa de cores, a mais bela cenografia natural para que a beleza da mulher brasileira se mostre em todo o seu esplendor, enfeitando



as nossas praias com a grinalda da sua mocidade morena, como se fosse um retalho do friso do Parténon, ardentemente policromado.

Afinal, as grimpas do Paraná, o ressaltado das terras gauchas, para além das coxilhas, e a Europa que se projeta até nós, com as suas frutas mais saborosas, os pessegos de pele feminina, as maçãs, coradas como bochechinhas de bebês ingleses, os vastos parreirais lusitanos trazendo para a nossa terra a festa das vindimas — e o céu que se desfaz em flocos branquinhos, numa estranha floração de pétalas sutis, para cobrir o país do tropico com o manto régio das nevadas siberianas.

Nem sempre é assim, todavia. A natureza do Brasil, caprichosamente, não se desperdiça de contínuo em façanhas destas.

A nevada do ultimo ano foi excepcional e por isso mesmo é que as fotografias por nós apresentadas se revestem dum aspecto quasi inédito, bem digno com certeza das honras deste registro.

H. L.



PANAMERICANISMO OU IBERO-AMERICANISMO?

Silvio Julio nos conta a história de suas campanhas e de suas ideias --- Rumos da America --- Contra os "caçadores de viagens".

"Alguém afirmou que Bolívar ainda tem muito que fazer na América. De fato. Agora, e só agora, é que suas palavras se corporificam e, de norte a sul de leste a oeste do Novo Mundo, ouvem-se com sincera reverência. A fraternidade continental, que ele aconselhou, além de indicar-lhe os processos, aqui inicia caminho firme um século após seu falecimento".

(De CÉREBRO E CORAÇÃO DE BOLIVAR, pag. 404 — 1.ª edição)

Silvio Júlio é um dos vultos mais curiosos da intelectualidade brasileira. Apaixonado, combativo, talvez até um pouco violento é, não obstante, detentor de cultura apreciável no campo da literatura, da história e da sociologia.

Consagrando-se ao estudo da realidade americana tornou-se o escritor brasileiro contemporâneo mais conhecido na América inteira. Entre os numerosos trabalhos sobre temas nacionais e continentais de que é autor, contam-se:

APOSTOLICAMENTE, REAÇÕES NA LITERATURA BRASILEIRA, ESTUDOS HISPANO-AMERICANOS, PAMPA, FUNDAMENTOS DA POESIA BRASILEIRA, TERRA E POVO DO CEARÁ.

Mas ele não é somente o publicista fecundo e polígrafo. Distingue-se também, na sua figura, o jornalista vigoroso, o homem das lutas — e o professor. Sempre foi professor. No Rio Grande do Sul ou no Ceará, em Niterói ou no Rio de Janeiro, através das cátedras é que ele vem exercendo o seu apostolado con-



O AUTOR E O TEMA - Tendo escrito um dos livros mais completos sobre o LIBERTADOR, Silvio Julio é, incontestavelmente, a maior autoridade brasileira em assuntos bolivianos. Independente do que significa apenas « erudição », ele alimenta pelo seu herói um verdadeiro culto. Este flagrante foi fixado no dia 23 de julho de 1938, na Academia Colombiana de História.

tinentalista e patriótico. No momento ocupa a cadeira de História da América na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Por todos os motivos é uma das pessoas mais autorizadas para dizer uma palavra sobre a solidariedade americana nesta hora crucial do nosso destino. Por isso mesmo fomos procurá-lo, metralhando-o de perguntas.

— QUAL O SEU CONCEITO DE AMERICANISMO?

— O americanismo eficaz é apenas o que se baseia no mútuo-conhecimento dos povos do Novo-Mundo. Devemos estudar a geografia, a economia, a história, a cultura em geral de todas as democracias de nosso continente, para depois sabermos o que cumpre dizer e praticar. Não compreendo que se improvise coisa alguma, muito menos o programa de que depende o futuro das nações americanas.

— COMO PODEREMOS ORIENTAR AS NOVAS GERAÇÕES NESSES ESTUDOS?

— Iniciando-as no castelhano. Felizmente o estudo deste idioma será, a partir de 1943, obrigatório nos cursos secundários do Brasil. Nas faculdades de filosofia criaram-se cátedras de História da América. Considero nobre e acertada a medida. Atribuo tudo isto ao sr. Getúlio Vargas, e a mais ninguém, primeiro chefe de governo brasileiro que realiza uma política de verdadeira aproximação continental.

— DESDE QUANDO SE ENTREGOU AO ESTUDO DE ASSUNTOS AMERICANOS?

— Era eu aluno do Colégio Militar quando, em 1911, comecei a escrever sistematicamente sobre assuntos espanhóis e americanos. Colaborei assiduamente em *A Aspiração*, revista do corpo discente daquele estabelecimento, até 1914. Além disto, vivem os colegas que testemunharam as minhas atividades neste sentido: Osvaldo Aranha, Edmundo Luz Pinto, Gastão Franca Amaral, Alcio Souto, etc.

Naquela época ninguém queria saber de assuntos ibero-americanos no Brasil. A única exceção, no terreno da história política, creio que era o saudoso e digno Oliveira Lima, cujas páginas concernentes a temas do Novo Mundo, embora incompletas em sua visão dos fenômenos da vida cultural, étnica e antropológica dos povos desta parte da Terra que não falam o português, merecem acatamento e leitura.

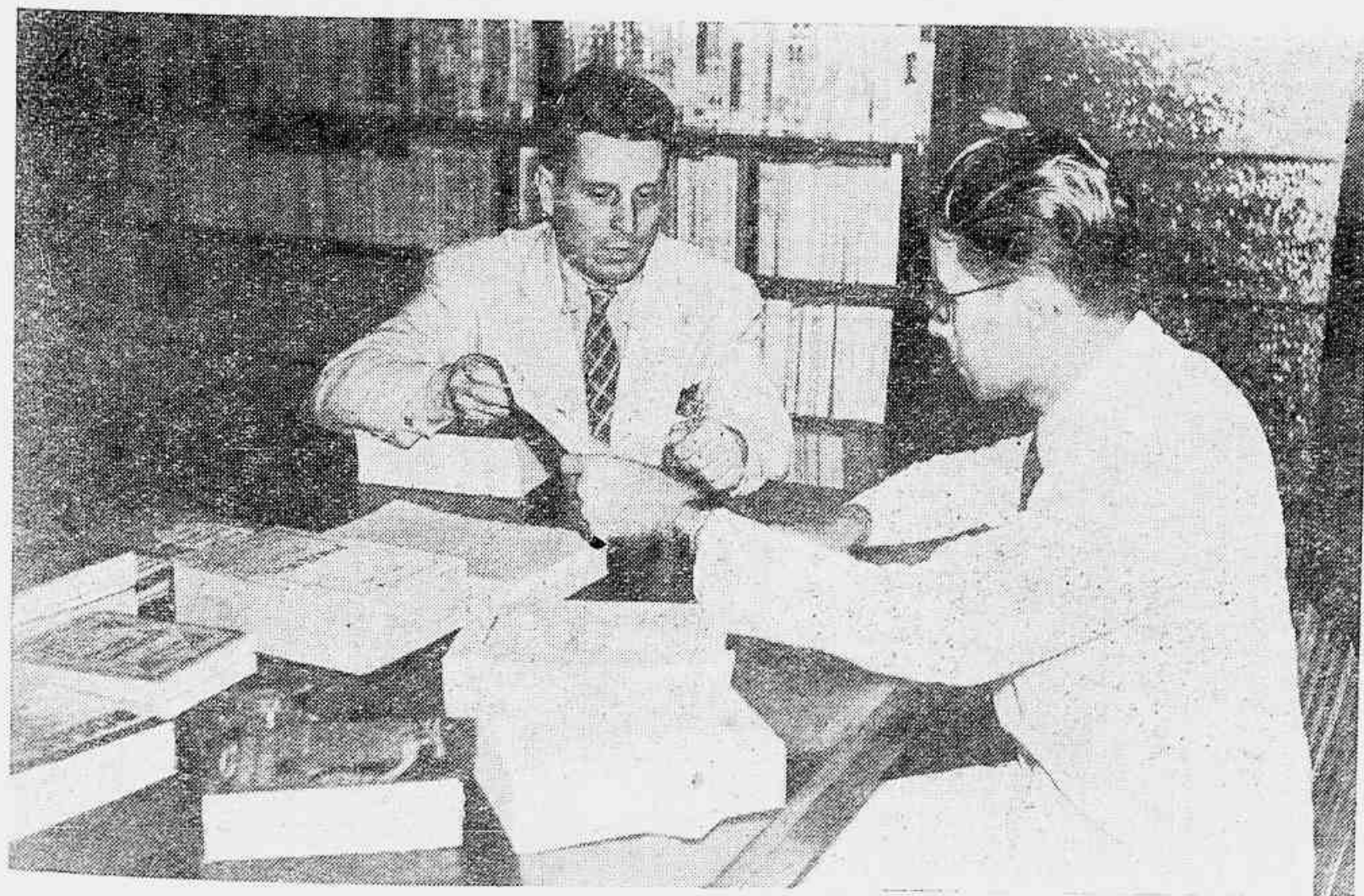
— QUAL A SUA ATITUDE NO MOMENTO?

— Não abandonei um só dia a campanha de solidariedade e mútuo conhecimento das repúblicas americanas. Jámais quizei receber condecorações nem dinheiro por meus serviços. Ajo pelo mesmo idealismo de Bolívar, de Hostos e de Martí. Se pertenço a muitas academias, a institutos culturais, a grêmios literários das Américas é que estes títulos me foram conferidos singular e espontaneamente, além de que não os ostento em momento nenhum.

Não participo das exibições nem aplaudo a subserviência dos que, caçadores de viagens, reduziram todo o americanismo a um certo vantajosismo. Eis porque tais empresários de uma doutrina que foi genial em Bolívar não me desejam a seu lado.

— RECONHECE ALGUMA DIFERENÇA, PARA OS BRASILEIROS, ENTRE IBERO-AMERICANISMO E PANAMERICANISMO?

— Ha diversas feições de americanismo. A sua feição econômica é o panamericanismo. O ibero-americanismo é a sua feição cultural-étnica. Do conjunto de tantas formas é que extrairemos o conceito geral de americanismo, que foi defendido desde 1813 por Bolívar e está pouco a pouco triunfando. Por esta razão é que Martí afirmou que *Bolívar ainda tem o que fazer na América*. E tem mesmo.



DE TODA A AMERICA - Encontramos Silvio Julio na Livraria Espanhola, examinando as ultimas novidades literárias do Continente. Ai, também, costuma ler as cartas que recebe de toda a America. Ei-lo no momento em que mostrava uma epistola do grande novelista boliviano Alcides Arguedas, autor de RAÇA DE BRONZE, atualmente ministro do seu país na Venezuela.

O Submarino Fantasma

De René La Bruyère

AS HISTÓRIAS DESTA GUERRA TEM ULTRAPASSADO EM HORROR TUDO O QUE A IMAGINAÇÃO MAIS ARDENTE DOS ESCRITORES PUDESSE CONCEBER. AS MAIS DRAMÁTICAS, NO ENTANTO, NÃO SÃO AQUELAS DE MAIS FRAGOROSA REPERCUSSÃO. NA CALADA DE CERTOS ACONTECIMENTOS, POR ISSO MESMO POUCO CONHECIDOS, HA MUITA VEZ UMA TRAGÉDIA QUE SUPLANTA EM TENEBROSO MISTÉRIO E EM ESPANTO INFERNAL OS MAIS ESPANTOSOS COMUNICADOS DE BATALHAS GIGANTESCAS E MORTICÍNIOS EM MASSA. DESSE NÚMERO É O EPISÓDIO EVOCADO PELO JORNALISTA FRANCÊS RENÉ LA BRUYÈRE, E DESENRROLADO NOS PRIMEIROS MESES DA GUERRA, QUANDO ESTA APENAS SE TRAVAVA NOS MARES DA EUROPA.

Entre os incidentes dramáticos que se têm desenrolado no mar do Norte, não ha nenhum mais característico nem mais impressionante do que o encalhe dum grande submarino alemão que se descobriu no princípio de novembro de 1939, nos bancos dos Goldwins, deante do Tamisa.

Essa descoberta constitue uma vantagem extremamente preciosa para os aliados que se acharam assim, desde o princípio da guerra, de posse dum submarino inimigo. O fato lhes permitiu conhecer todos os órgãos, aperceber-se principalmente dos melhoramentos que tinham sido introduzidos, fosse ao proprio submarino fosse a seus diferentes organismos, fosse aos torpedos e a extrair conhecimentos em proveito da represalia anti-submarina.

Constou nos jornais ingleses que fora mesmo possível apoderar-se de todos os códigos secretos e dos papeis de bordo, porque a agua não havia entrado no submarino e fora achada dentro da sua concha toda uma tripulação fantasma, com alguns homens ainda nos postos de vigília. Nada mais alucinante do que tal descoberta! Mas, também, dir-se-á, nada de mais inverosímil!

Ora, segundo se lê no livro do comandante Herbert Sauer, comandante do submarino U. C. 55 na guerra mundial, livro intitulado "O inferno debaixo d'agua" pelo meio de 1915 a Ingla-

terra conseguira apoderar-se dum dos mais recentes submarinos alemães inteiramente intacto e o comandante Sauer fazia esta pergunta: "Por qual invenção demoníaca o inglês chegou a esta descoberta?" Não era admissível que um só homem da equipagem deixasse vivo seu navio, sem ter antes assegurado a destruição completa? Ora, o comandante do U. C. 55 acrescenta:

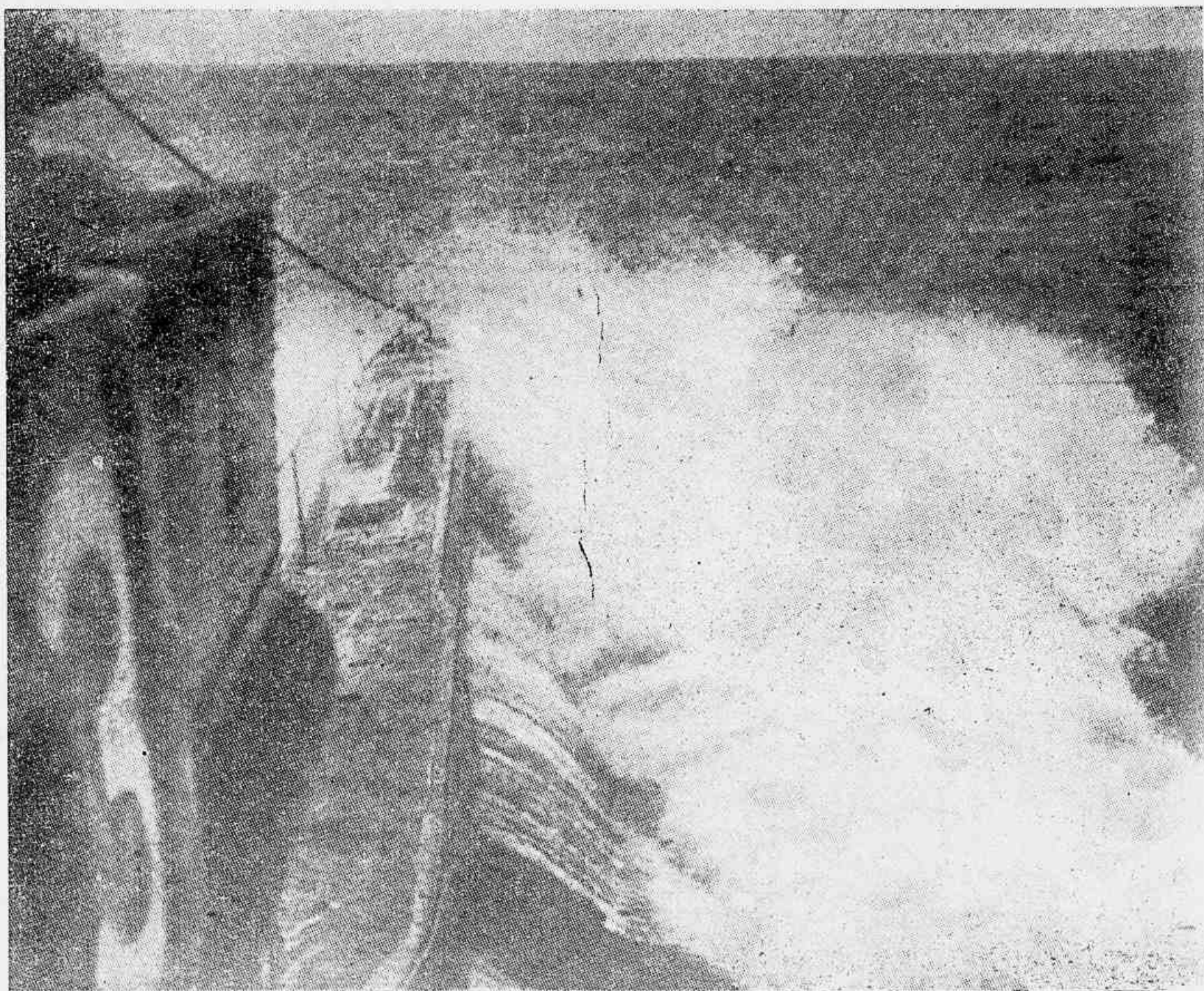
"Relatórios de agentes muito controlados trouxeram-nos esta terrível notícia, sem a menor explicação. Só muito mais tarde foi que novos esclarecimentos chegaram ao almirantado alemão. Um dos nossos colaboradores do outro lado da agua, particularmente arguto, conseguiu enfim adquirir detalhes e nos fornecer a solução do enigma".

Aqui está, efetivamente, a explicação que se deu a esta singular aventura, podendo-se indagar se o submarino dos bancos dos Goldwins não teria passado por outra identica. Não é, aliás, apressamo-nos a dizer, senão uma simples suposição. A história que vamos contar, e da qual deixamos a autenticidade ao seu autor, tem muito de romance, romance dos mais sombrios, lembrando um dos contos mais sinistros de Edgar Poe ou dos mais abracadabrantes de Wells:

Sabe-se que um dos problemas mais difíceis da navegação submarina consiste em assegurar no interior do submarino uma atmosfera permitindo a numerosos efetivos vivendo numa concha estreita e perfeitamente fechada, uma de-

Um submarino, aflorando á tona d'agua.

Navegando na superfície a toda velocidade.



hora bastante longa sob a água, para efetuar cruzeiros, sem expor os homens a um perigo de asfixia.

Esta precaução é sobretudo útil para as equipagens alemãs. Estas têm sempre que contar com a vigilância severa que exercemos ao longo das costas e com os nossos reconhecimento aéreos. Além disso, são obrigados a esperar durante muito tempo a passagem dos nossos comboios, o que os obriga a ficar muito tempo sob a água. À noite mesmo, os submersíveis alemães são perseguidos pelas nossas patrulhas de superfície e do ar, assim como provou o caso do "Siroco", surpreendendo e afundando um adversário em plena noite. Ainda mais, quando um submersível alemão executa um ataque é obrigado a fugir à detecção da matilha de navios de escolta e lhe é muitas vezes impossível subir à tona, sem se arriscar ao aniquilamento.

O problema da renovação do ar submerso foi portanto muito seriamente estudado pelos alemães que o resolveram, aspirando o ar viciado no interior, através de cartuchos de potassa, para o purificar e reter as partículas estranhas. Mas, acontece rapidamente que o ar fica de tal modo saturado de impurezas e principalmente de vapores de petróleo que as massas filtrantes se tornam impotentes para qualquer serviço. São em realidade as garrafas de oxigênio que constituem o remédio mais eficaz contra a asfixia.

Salvou-se a tripulação do U.C.55, fornecendo-se-lhe os meios de renovar o oxigênio consumido. Mas esse oxigênio que salva pôde também matar e é agora o caso desse submarino de que fa-



Em observação, à espera da hora de acertar no alvo.

lamos no princípio deste artigo que foi capturado no meado de 1915, pelos ingleses, com toda a sua equipagem. Os toxicólogos, que estão a par das propriedades do oxigênio, poderão controlar a veracidade dos fenômenos que vamos descrever e esse exemplo nos convencerá das provas misteriosas que esperam os sub-marineiros. Essas provas, acrescentadas a tantas outras, explicam a falência da campanha submarina alemã que se desenrola em pleno drama.

Eis a narração do comandante Sauer, tal como foi traduzida do alemão, pelo comandante de corveta P. Teillac:

Depois de uma rude operação diária, no curso da qual os homens tinham ficado um tanto exaustos, o navio deixara-se descansar no fundo, no meio do mar do Norte, para escapar à perseguição dos aliados e ao mesmo tempo dar à sua tripulação um repouso que lhes permitisse retomar as forças para novas façanhas executadas com despesa do direitinho das gentes. A explicação estava próxima. Como é de uso em tais casos, o navio tomara uma forte sobrecarga, enchendo d'água todos os compartimentos disponíveis, de maneira que se mantinha solidamente no fundo do mar e não havia lugar para temer uma volta inesperada à superfície.

No posto central, mantinha-se uma turma de vigilância de dois homens que era substituída de duas em duas horas. Essa turma tinha como senha acionar o sinal de alarma se se passasse alguma coisa de anormal, afim de acordar todo o pessoal e mandá-lo aos postos de combate. Esses homens deviam também de meia em meia hora por em ação as bombas para depurar o ar sobre os cartuchos de potassa e renovar o ar consumido, abrindo o oxigênio.

Ora, o oxigênio tem propriedades comuns com o gás hilariante.

Quem o respira em excesso fica alegre e folgazão, sem notar a mudança que se operou no seu estado; mas a fadiga vem depressa e a pessoa adormece, quer dizer que muitas vezes perde os sentidos. Continuando-se a respirar uma atmosfera sobrecarregada de oxigênio, passa-se do sono para a morte sem se aperceber.

Foi provavelmente o que se passou naquele navio, diz o comandante Sauer. A turma de quarto do posto central abriu a torneira do oxigênio para renovar o ar que fôra consumido. Mas, fosse por desleixo fosse porque estivessem muito fatigados, os homens esqueceram-se de

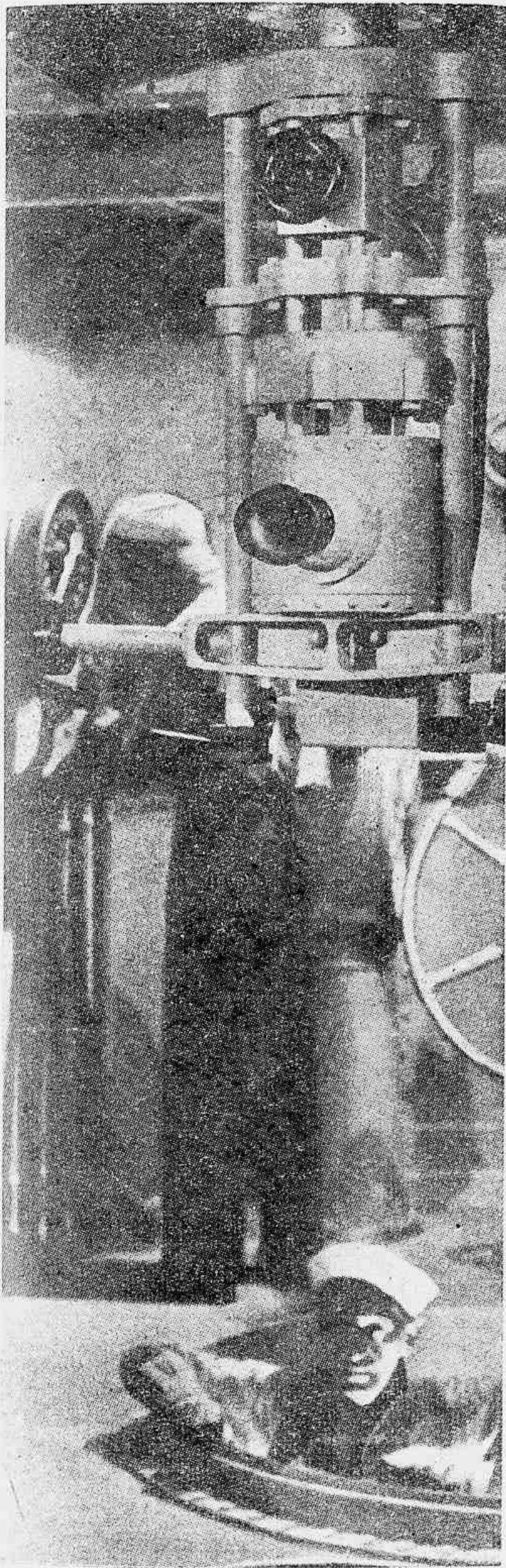
fechar de novo a torneira. O excesso de oxigênio do ar fê-los perder os sentidos, como aliás a seus companheiros que, no sono, respiravam o gás mortal e os asfixiou sem o menor sofrimento.

Entretanto, as torneiras de ar comprimido nunca ficam completamente estanques e, no curso de semanas e de meses, a pressão das garrafas de ar abriu caminho até os recipientes de submersão e acabou repelindo pouco a pouco a água ali introduzida para o mergulho. Em consequência do escapamento dessa água e do resultante acréscimo do coeficiente de flutuabilidade, o navio lentamente se tornou mais leve e ganhou a superfície. Impelido ora pelos ventos, ora pelas correntes, o submarino fantasma vagueou mais de dois meses depois da morte da tripulação até que se achou finalmente encalhado nos bancos de areia da costa inglesa, deante de Great-Yarmouth. Existe uma viagem mais horrenda? Qual o diretor cinematográfico que a escolherá como assunto de um filme?

Depois dum violento e rápido fogo pelas baterias inglesas da costa, sobre a parte do submarino que aparecia deante do porto, os ingleses se decidiram enfim, uma vez que nenhuma resposta vinha e ninguém dava sinais de vida, a se dirigir até o lugar com barcos costeiros e estudar a coisa de perto. Descobriu um submarino absolutamente intacto, as baterias da costa não tendo acertado um só tiro no alvo.

Liguemos agora nosso pensamento ao submarino que veio encalhar nos bancos dos Goldwins. Não terá sido também joguete duma catástrofe análoga? Deve-se notar a este respeito que, por ocasião da captura do navio, em 1915, "foi encontrada a tripulação na atitude em que se pusera em repouso e mesmo, no posto central, os dois homens de quarto ainda assentados nos seus bancos. Fato notável, diz Herbert Sauer, os cadáveres não estavam ainda em decomposição!" Imagine-se o sorriso apaziguado desses marinheiros que vão morrer, na sua prisão glauca, repousando docemente e para sempre nos braços das sereias!

Foi a reminiscência desse antigo e lugubre episódio que levou os jornais ingleses a darem ao submarino dos Goldwins uma descrição análoga ou nos achamos deante da repetição do mesmo acontecimento? Seja como for, esta guerra marítima, que apenas está começando, nos terá reservado todas as surpresas, todas as emoções. Ela terá ultrapassado os limites do horror e do fantástico.



Passando de um compartimento do submarino para outro.



UMA GRANDE ALMA, a deste mendigo que se chama Antonio Campos e vive da caridade publica há dezoito anos. Ele estava apoiado ao paravent da igreja da Lapa quando o interrogamos. Com convicção e estranheza, como se não se pudesse esperar outra cousa de 1943, disse-nos:

—Eu acho que havendo paz no mundo...Olhe, eu só espero que se acabe essa guerra. E' o melhor que pôde acontecer.

Uma grande alma, repetimos, a de um homem que vive a esmolar o pão e tortura o espirito com o sofrimento universal que o ódio dos homens implantou em terras distantes.

ESTE ENGRAXATE, Rafael Spenito, que veio há quarenta anos da provincia de Salerno, Itália, há anos que dá lustro aos sapatos de muita gente, inclusive de muitos que por esse mundo afóra só se preocupam com o lustro dos sapatos.

—Saude e felicidade - disse ele - Quero felicidade para mim e para todos os homens. Tocamos no assunto « guerra » e ele deu sua opinião: « É quem é que não quer a paz? » O fotografo atraiu muita gente curiosa. Queriam saber de que se tratava. Soltamos o boato:

—Rafael Spenito tirou 500 contos na loteria. O que você vai fazer com tanto dinheiro?

—Não era mal - disse o engraxate, condicionando folgadoamente, dentro de 500 contos, os projetos que ele deve alimentar para o futuro de quatro filhos.



Que é que

A paz é o anseio de todos -- Eva Tudor deposita esperanças no futuro do teatro -- O açougueiro quer trabalho e dinheiro -- Em 1943, todo mundo fala inglês - diz frei Mauricio

Reportagem de Adhemar Nobrega



UM ARTISTA tem, constantemente, projetos, esperanças, planos e toda sorte de antevisões para transformar em realidade ou em desenganos... É um artista do teatro, que vive, além do seu, muitos outros papéis, na vida, é um arsenal de esperanças que sempre se renovam à proporção que vai vivendo as vidas « alheias ».

Eva Tudor, que terminára o último ato de « Julho, 10 », logo que lhe falámos, foi respondendo:

—Para 1943 eu tenho muitas esperanças no teatro. Não só do ponto de vista pessoal, em relação ao que pretendo realizar, tenho muita fé na arte e nos artistas.

Indagámos se pretendia continuar no genero comédia e a resposta foi afirmativa.

—Ingressei no teatro em 1934, com 14 anos de idade, tomando parte numa revista. Depois, passei para o gênero mais sério da comedia e não pretendo deixá-lo. Nele, repito, tenho muita confiança e tenho entusiasmo pelo que espero fazer em 1943.

—E além disso, que espera mais?

—Fôra do palco, não espero nada. Sou casada: não posso esperar um noivo, - concluiu, revelando o objeto dos sonhos de muitas jovens, no limiar do Ano Novo

você espera do ano novo?

Todo mundo tem sua maneira de encarar a vida. Uns são pessimistas e só procuram motivos para sofrimentos; outros vêem em torno de si os horizontes cor de rosa, dormem ao som da música maravilhosa que é a confiança no futuro e acordam com novas esperanças feitas, muita vez, dos desenganos de ontem; outros são indiferentes: sejam lutadores ou se dissolvam numa preguiça corrosiva e amolecedora, não veem por que lutar ou não lutar. E argumentam: se a vida não vale o esforço de viver, se a gente sabe que vai ser vendido, por que preocupar-se com ela?

É o que é mais doloroso, ninguém até hoje conseguiu dar a última palavra sobre o assunto. Cada um encontra argumentos para sustentar seus pontos de vista e acredita religiosamente que achou a verdade, como se a verdade sobre um problema fossem mil e uma soluções diferentes. Todavia, constatamos que, embora senhores da ciência de viver, intimamente todos estão insatisfeitos com a existência: o pobre com o vazio de sua miséria; o potentado com o peso de sua grandeza; o homem de negócios, com as suas ambições irrealizadas; o crente, com a centelha de dúvida ameaçando constantemente a sua fé; o artista, torturado para atingir a perfeição; o incredulo, dominado pela obsessão da inconsistência e inconsequência de tudo. Só há harmonia quando se confrontam a ausência de uma convicção absoluta de princípios e a esperança num futuro melhor, dois fatores comuns a toda alma humana.



NOVOS PROJETOS - Enquanto virava o café, Paulo Macedo, garçon de uma casa da rua Treze de Maio, ia-nos confiando os seus projetos para este ano. Vai voltar para o Rio Grande do Norte, a chamado do pai que o empregará num escritório. Permanecerá no Rio somente o tempo necessário para arranjar o dinheiro da passagem. E tem muita confiança no sucesso da atividade em que vai empenhar-se.

O seu colega (em primeiro plano) ouvindo a conversa, tomou o lugar e ofereceu-nos outro café, enquanto ouvíssemos também a sua história... para o futuro. Alberto Correia de Melo é de menor idade. Não podendo continuar nessa atividade, vai ingressar no Corpo de Bombeiros. E confia em que vencerá na vida, lutando contra o fogo...

Ninguém pode lutar, toda a vida, a envenenar a alma com o culto da dúvida que se apura na análise das cousas e das pessoas, nem tampouco com esperanças a se esbaterem contra as paredes da adversidade. É preciso que de tempos em tempos se renovem os programas de ação. Todos sentem a necessidade de identificar o seu caminho, no emaranhado de todos os caminhos alheios. A exemplo do viandante que se detém á sombra de uma árvore para repousar da fadiga de uma longa caminhada, nós paramos, por assim dizer, a 31 de dezembro para aliviar os ombros, do peso de ilusões que outrora eram esperanças; para nos refazermos do sabor amargo das derrotas sofridas; para deixar á margem do caminho os destróços dos nossos projetos frustrados e para reconduzir o que ainda nos é grato, o que ainda nos apraz conservar como restos amáveis de um naufragio.

E quando o relógio assinala os primeiros minutos do Ano Novo, já todos estão de pé, corajosos, confiantes, como que renascidos, com os desesperos de ontem travestidos de otimismo.

Interessante, ouvir o que os outros pensam, planejam e estabelecem para os futuros 365 dias. Saimos á rua com um fotógrafo, afim de colher as impressões de algumas pessoas de diferentes profissões e classes sociais.

Vejamos o que esperam de 1943 as seis pessoas que a nossa objetiva apanhou em atividade.

O AÇOUGUEIRO, essa figura curiosa, que vive da fome dos seus semelhantes e da morte dos animais, fala sumariamente:

—Quero trabalho e dinheiro, no ano que começa. Espero, em 1943, tudo o que é bom.

—Mas o sr. não formulou nenhum plano de vida especialmente para o futuro?

—Nada. Acho que tudo está muito bem. Basta que haja trabalho para eu ganhar dinheiro, - concluiu, dando-nos o exemplo de um tipo dos que tem menos dificuldades na vida, porque as suas preocupações não resistem á presença de um maço de notas de banco.



FREI MAURICIO, da Escola Carmelitana anexa á Igreja da Lapa, tem a complexão espiritual dum missionário - ele o foi em Mato Grosso - e fala com a confiança e a serenidade de um católico convicto da sua fé:

—A paz! A paz, antes de tudo, em 1943. E para ilustrar a sua confiança no fim da guerra, diz-nos acreditar no vaticínio condicionado nestes ditos do povo:

1939 - Ninguém se move.

1940 - A França não aguenta.

1941 - Três contra um.

1942 - Sóem dois.

1943 - Todo mundo fala inglês.

Frei Mauricio ainda fala sobre outros assuntos, mostra-nos um « Paraíso Perdido », em edição raríssima de 1884, traduzido por Xavier da Cunha; alguns livros sobre pintura, inclusive um album « Van Gogh » sobre a obra do seu genial patricio; e outros motivos e sugestões que fazem a vida útil e bela, ao mesmo tempo - tudo, porém, em segundo plano, desde que há um incêndio a apagar, sobre a Terra.

VIDA UNIVERSITARIA



NOVOS PROFESSORES—Colou gráu, a 23 p. passado, a primeira turma de licenciados pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. A sessão, que se realizou no Teatro Municipal, desenvolveu-se num ambiente de elevada cultura e acendrado patriotismo, contando com a ilustre presença dos membros da Congregação da Escola e do sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação.

Pelos diplomados falou o sr. Guilherme Sully Muller, do Curso de Ciências Sociais, cujas palavras concisas e fortes exteriorizaram, de maneira admirável, o pensamento da moderna geração brasileira.

O discurso do paraninfo Nilton Campos foi uma verdadeira aula, cheia de sabedoria, de espiritualidade e de fé.

Finalmente, encerrando a sessão, falou o prof. San Tiago Dantas, diretor da Faculdade. O mestre, em conceitos tão substanciosos quanto sintéticos, disse como se deveriam « construir » os homens para a sua missão no tempo. Missão essa que se integra na missão da Pátria e da Humanidade. As fotografias acima, fixam momentos da solenidade.



Festa de encerramento no Atheneu S. Luiz

Com uma bela festa de arte encerrou o « Atheneu São Luiz », em 27 de Dezembro p. passado, o ano letivo de 1942. As solenidades tiveram lugar no Teatro Municipal, que se encontrava literalmente cheio. Na entrega simbólica dos diplomas aos vinte e cinco bacharelados, foi oradora do 5º ano a aluna Dina Rosemayer, destacada com distinção em todas as matérias, e do 4º ano a senhorita Helena Maria de Azevêdo Alves. O diretor

do « Atheneu São Luiz », professor Roberto Pereira da Silva, espírito dinâmico e empreendedor, não mediu esforços nem sacrifícios no sentido de dar á festividade o maior brilhantismo possível. Serviu de paraninfo para o 5º ano o dr. Helio Gomes e do 4º o professor Ely Mendes Lopes. A parte artística representada pelo Teatro do « Atheneu », a cargo do Dr. José da Silva Aranha foi muito aplaudida, distinguindo-se a pequena bailarina Oneide Rodrigues Craveiro, exemplo raro de precocidade na arte da dança e a aluna Layla Maria da Gama Lobo, em números de musica mexicana.



MEDALHA DE OURO. — Flagrante apanhado quando a senhorinha Maria Luiza Muller, que fez todo o seu curso secundário com distinção em um dos educandários desta Capital, recebia em Dezembro p. f.ndo a medalha de ouro que conquistou.



Walkyria, filha do capitão Amphiloquio Cardoso de Araujo e de sua exma. esposa sra. d. Laura Gonçalves Cardoso, terminou brilhantemente o curso ginasial na "Escola Brasileira de São Cristovam". Estampamos acima um flagrante da entrega do diploma da senhorita Walkyria, realizada na A. B. I. no dia 23 de Dezembro p. passado.

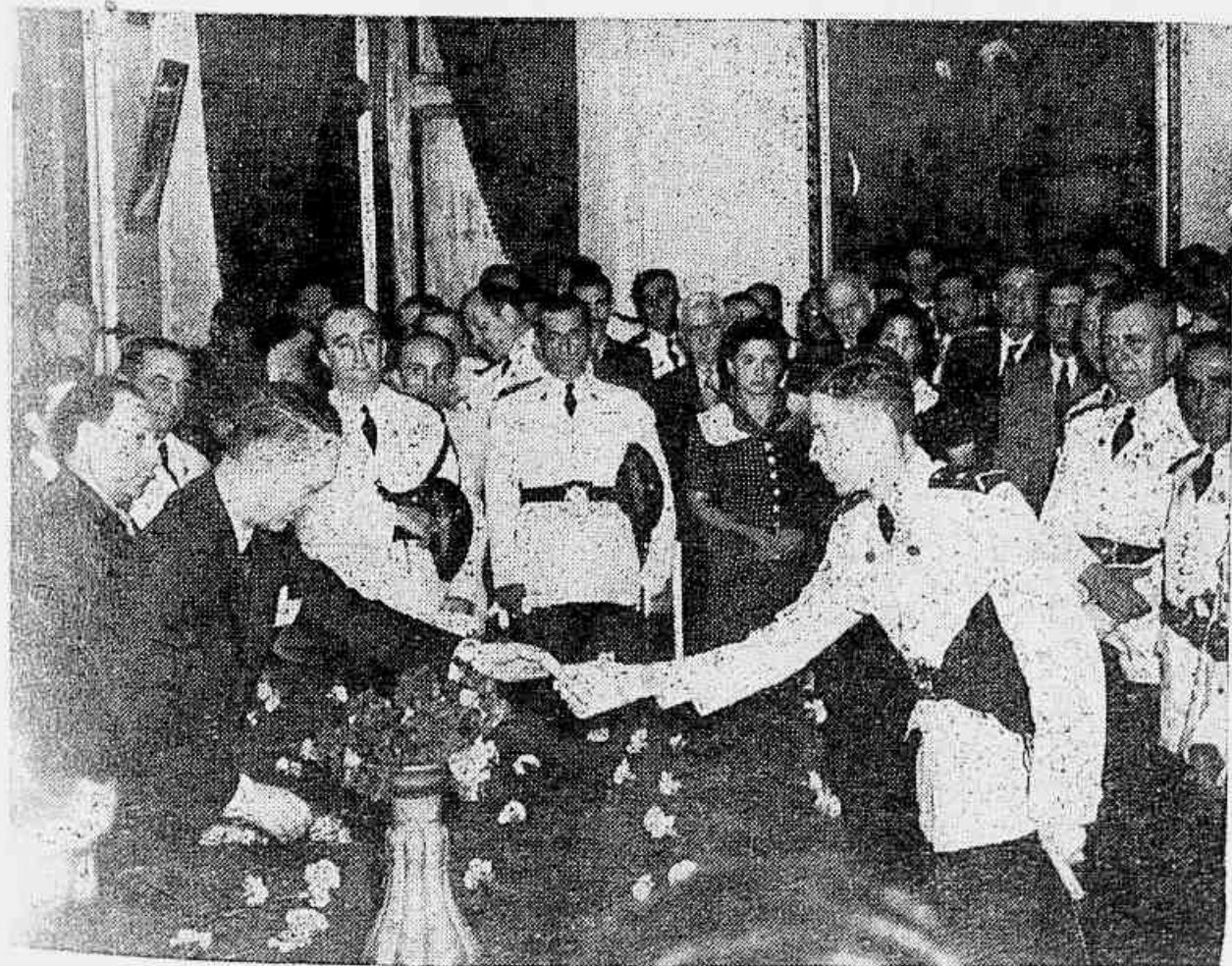


CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA — Neste importante instituto de ensino da Capital da República realizou-se a cerimônia de colação de grau às novas professoras de piano e canto. Foi paraninfo da turma o ministro da Educação Gustavo Capanema. A gravura fixa o momento em que a senhorita Maria Idália de Lemos Britto, filha do escritor Lemos Britto, recebia o seu diploma.



Turma que concluiu o curso do Externato Sacré-Coeur em 1942

Da esquerda para a direita : — 1.º plano — Gilda G. Gama, Regina L. Mafra de Souza, Margarida Andrada B. Oliveira, Nora Secco, Lourdes M. Vasconcelos, Dalila Benicio Garcia, Maria José B. Carvalho, Sylvia Andrada B. Oliveira. 2.º plano — M. Lourdes L. Moraes, M. Vitorias Dale, Ilza Braconot, Sonia M. Guimarães, Gilda Uflaker, Dulce Leite Pinto, Marília Tostes, Vera Simões, Regina Souza Coelho. 3.º plano — M. Genoveva Dale, Tereza Camargo, Ely Alves, Gilda Joppert, Sylvia Vizeu Carvalho. 4.º plano — Gilda Calaza, M. Helena Novaes, M. Adelaide Novaes.



Flagrante da cerimonia de entrega dos diplomas aos novos aspirantes a oficial da Polícia Militar, sob a presidência do ministro Marcondes Figueiredo.



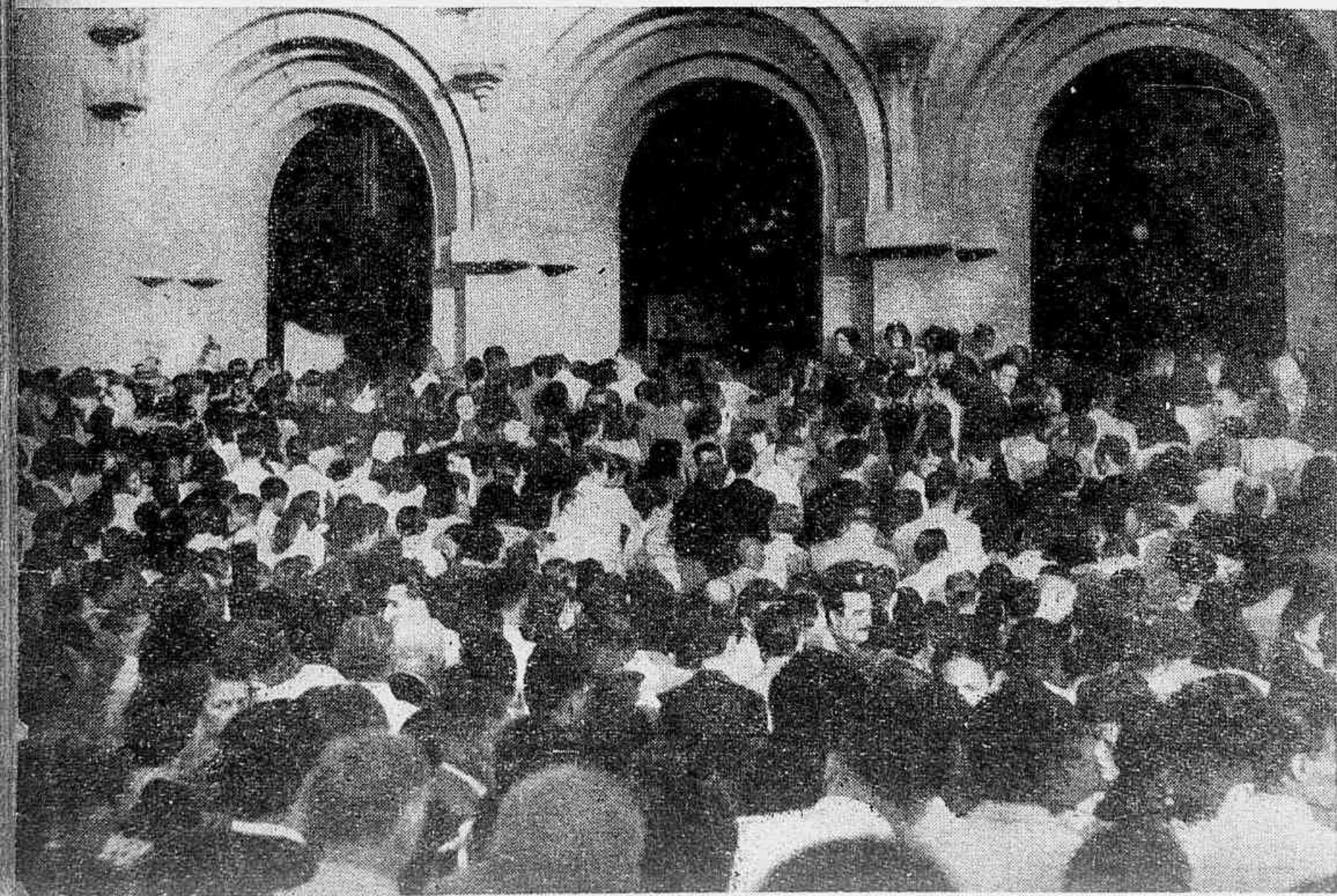
COLAÇÃO DE GRAU — Flagrante colhido no Ministerio da Agricultura, durante a colação de grau dos Veterinarios. No flagrante vemos o ministro Apolonio Salles, ministro da Agricultura, quando saudava os novos Veterinarios.

Crenças e do An



A crença é o simbolo da fé ou, melhor, é a propria fé. Felizes aqueles que a possuem, pois é iniludivelmente o dom supremo de Deus. Sómente nela pôde o homem encontrar o gozo de uma feliz tranquilidade. Conformando-se com o determinismo, quasi sempre hostil, da vida terrena, correndo aflitivamente em busca de uma felicidade que não alcançará jamais, curtindo uma dôr fisica ou moral, mas sempre apoiado na crença, confiante nos dias melhores, na esperança de um desejo que tomará forma concreta ou de um milagre que se realizará. Quanto pôde a crença! Na concepção filosofica, o desejo é infinito e a realização limitada, porém a crença desconhece estes principios e impele o homem a cultivar essa alegria das grandes almas que é a fé em si proprio e na humanidade, a confiança no poder sobrenatural, na força creadora, no proprio Deus. A credence, entretanto, apesar de ser uma forma ilogica da

crença, não deve ser abominada nem ridicularizada, pois de qualquer maneira vale pelas boas intenções dos que a praticam, se é verdade que devemos crêr que todos os meios são bons, quando visam um nobre fim. A civilização não conseguiu destruir as mitologicas e lendarias credences dos povos orientais. Assim também, no Brasil, o nosso povo, obedecendo biologicamente às leis de hereditariedade, ainda cultúa a credence dos nossos antepassados, predominando, no Norte do país, a influencia do indianismo e do africanismo.



Crendices Novo

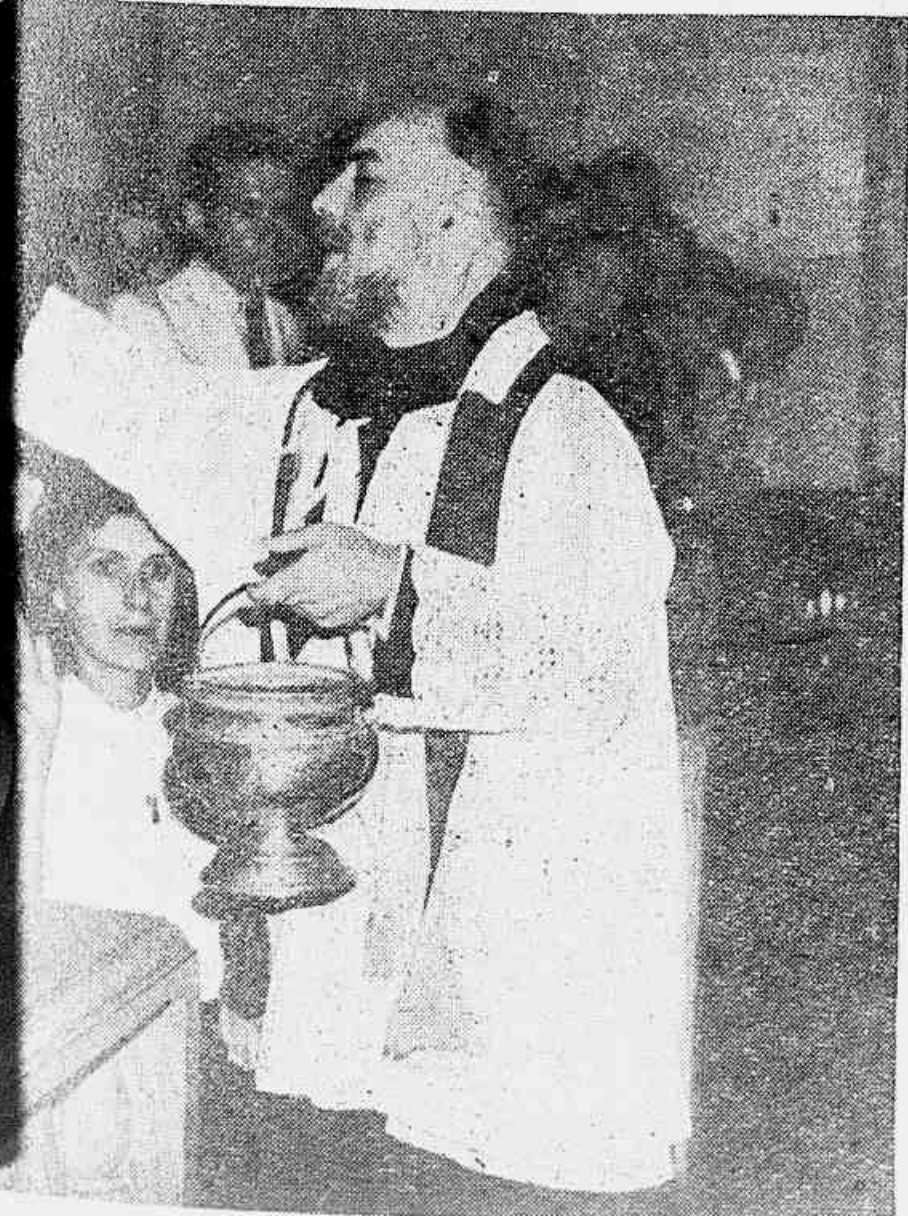
(fotos de ARNALDO VIEIRA)



Lá estão, no Alto Rio Negro, os homens fazendo as suas preces ao *Japi* — a lua — e as mulheres acreditando no *boto encantado* que aparecerá numa festa, em forma de homem, para desposa-las. Os navegantes, evocando a “mãe d’água” — *Iara* — e os pescadores pedindo à *Iemanjá* — a mulher de cabelos verdes que habita o fundo do mar — que lhes permita uma boa pesca, mesmo nos dias tempestuosos. As fotografias que ilustram estas páginas são um assertivo eloquente da crença e das crendices.

Quanto à primeira, aí estão os flagrantos d’aqueles que, cumprindo a velha tradição, fôram no dia 1.º do ano, cheios de fé, ao convento dos Capuchinhos, receber a benção de São Francisco, agradecer a Deus os favores recebidos e fazer as suas preces para que outras graças, materiais e espirituais, lhes sejam concedidas no ano novo.

Quanto às outras, vêem-se curiosos aspectos da multidão que se aglomerava no caes Faroux, esperando a barca das 11 ½, na qual iriam atravessar a baía para no primeiro minuto do ano fazer um pedido à “mãe d’água”. Segundo a crendice, o pedido deve ser acompanhado de uma dádiva. Jogam ao mar: flores, dinheiro e objetos de estimação. Entre os pedidos, predominava o desejo da Vitória dos Aliados, seguida de uma paz duradoura, sem odios, sem misérias, sem aflições. Velho sonho da humanidade, quiçá irrealizável enquanto o homem fôr dominado pela ambição...



NOTICIÁRIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

9 Senhora Zilda Deschamps Cavalcanti Nazareth; senhorita Marcionilla de Almeida Araújo; drs. Olavo Freire Jr., Francisco de Paula Rodrigues Alves de Carvalho e Paulo de Campos Porto, coronel Luiz Sá de Affonseca, capitão Fabio de Noronha.

10 Senhoras Alberico de Moraes, Judith Varela Paranhos e Zulmira Ferreira; ministro José Americo de Almeida, poeta Guilherme de Almeida, dr. A. Junqueira Freire.

11 Senhoras Sarah Verne de Abreu, Paulina Rego Guimarães e Alcina Palmeira da Silva, cantora Marieta de Verney Campelo; general Manoel Rabelo, drs. Candido Campos, Galdino Travassos, Alarico Silveira, Cornélio Vaz de Melo e Ernesto Cony Filho.

12 Senhora Maria de Lourdes Valim Baltazar da Silveira; dr. Celso Vieira, da Academia de Letras, drs. Luiz Lira e José Rodrigues Barbosa.

13 Senhora Nair Teixeira de Melo Milanez; embaixador P. Leão Veloso, coronel Costa Neto, drs. Abel Guimarães Porto, Juvenal Murtinho Nobre e Armando Vidal Leite Ribeiro.

14 Senhora Mazzini Bueno; drs. Sergio Barreto, Eloy de Andrade e Edgar Soutelo.

15 Senhora Giselda Feijó Pereira Pinto; ministro plenipotenciário João Severiano da Fonseca Hermes, coronel Teodoro Pacheco Ferreira, sr. Manoel Ferreira Gomes, drs. Alberto Toledo Bandeira de Melo e Alberto Ision Ponte.

Boas Festas

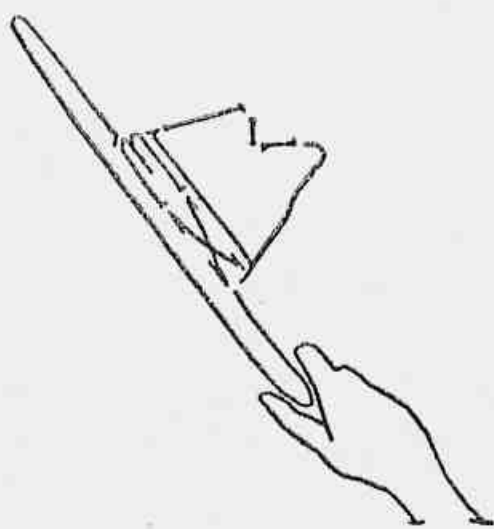
A REVISTA DA SEMANA recebeu, e retribue expressando os seus agradecimentos, votos de Boas Festas e feliz Ano Novo, de

Arthur Sievers & Cia., Klabin Irmãos & Cia., a Gerencia do Palace Hotel, Radio Club do Brasil S/A, Banco do Comercio S/A, J. Rasina, Oswaldo Costa e Familia, Empresa de Propaganda Poyares Ltda., Automovel Club do Brasil, a Gerencia do Edificio Gaetano Segreto, Expresso Luso-Brasileiro Ltda., Albino Mesquita & Cia., Academia Scientifica de Belleza de Mme. Campos, Brito Oliveira & Cia., T. Janer & Cia., o Centro Carioca, a Companhia Importadora Sueca Ltda., Banco do Distrito Federal, Tintas Sprimo S/A, Eugenia Fiorenza & Cia., Andrade Cabral & Cia. Ltda., Manuel C. Garcia Lazcano, o Banco Português do Brasil, Sul America Capitalização S/A., Levino Fanzer s, Dorival Hipolito Ferreira Pena, Tintas do Brasil Ltda., Companhia Lanston do Brasil S/A., S/A Prosper Publicidade, João Alves de Melo, a Panair do Brasil, Warner Bros., E. Wolff, Diretoria do Liceu Literario Português, M. Guilherme, Gráfico Concentra Hartmann Irmãos S/A, Ismael Alberto de Souza, a Cruzada Nacional de Educação, Ateliers Esto, dr. Mozart da Gama, Bruno Mandarino & Cia., Atlantic Refining Club, George Mattox pela Linotypo do Brasil, Cezar Bianco pela Sociedade dos Auxiliares da Imprensa, M. Vasconcellos pela Revista Publicidade, a Papelaria União, o Orfanato Monsenhor João

Filippo, Nabor Fernandes, Publicidade Light, Banco do Credito Real de Minas Gerais S/A, S/A Mercantil Anglo-Brasileira, Luiz Francisco Lima, J. Walter Thompson Company do Brasil, Nello Garavini, a Caixa Beneficente do Sanatorio Padre Bento, Bernardino Gomes & Cia., a Loteria Federal do Brasil, a Associação Atletica do Grajaú, o Club dos Contadores, a S/A Radio Tupi, o British News Service, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, o Ministro do Canadá.

AS BOAS FESTAS DE RAUL

O original cartão que aqui reproduzimos enviou-o Raul, nosso companheiro e notavel artista do lapis, aos amigos desejando-lhes felicidades no ano de 1943. Somos entretanto de opinião



que apenas quem decifrar o que aí está expresso será agraciado com essas felicidades. Raul afirma que a felicidade só se consegue através de arduo esforço...



ENLACE SIMÕES DA COSTA - BERLANDES PEDROSA — Flagrante apanhado pela nossa objetiva durante a cerimonia religiosa.



Aspecto da assistencia, vendo-se ao lado, em primeiro plano, o pai da noiva, sr. Antonio Simões da Costa.

Realisou-se no dia 24 de Dezembro o enlace matrimonial da senhorita Neyde Simões da Costa, filha do casal Snr. Antonio Simões da Costa, conhecido engenheiro e industrial — d. Maria Amelia Thedim Costa, com o tenente Hervé Berlandes Pedrosa, oficial de engenharia do nosso Exercito. A cerimonia religiosa teve lugar na igreja N. S. da Paz, paraninfando o ato por parte do noivo o casal Romeu Camargo e por parte da noiva o casal Luiz Lyra. O ato civil realizou-se na residência dos pais da noiva, á Avenida Copacabana 162, servindo de padrinhos, respectivamente, os pais dos noivos Snr. Antonio Simões da Costa e senhora, Snr. Luiz Pedrosa e senhora.

Em seguida os nubentes deram uma elegante recepção ás pessoas de suas relações mais intimas.

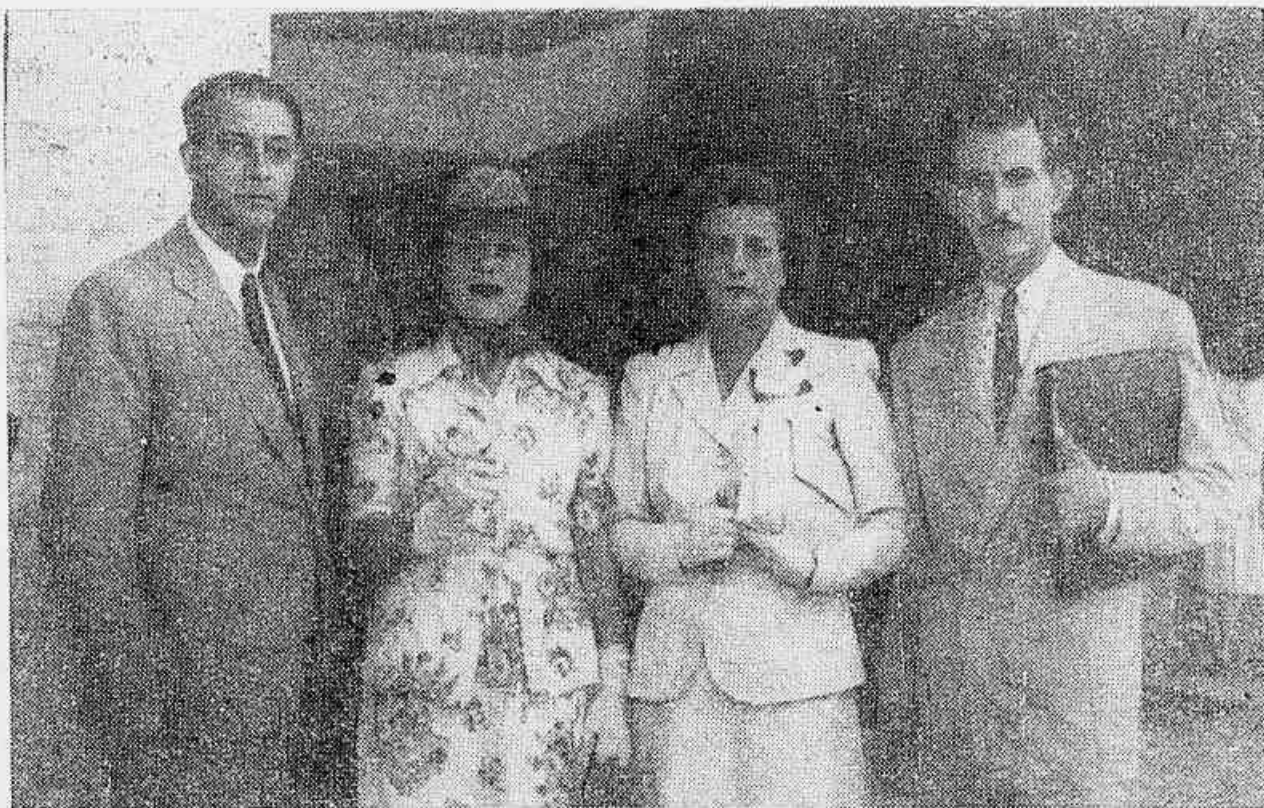
NOSSA CAPA

A sensacional fotografia da capa da REVISTA desta semana será uma surpresa para muita gente.

Os aspectos do inverno no sul do país,



o ano passado, deram motivo aos lindos instantaneos que ilustram as paginas de Nossa Terra com uma nota de admiravel pitoresco.



A EMBAIXATRIZ DA BELEZA NORTE-AMERICANA NO RIO DE JANEIRO

Chegou na semana passada Mrs. Marie Weber Ball, inspetora geral da Elizabeth Arden - New York, procedente de Buenos Aires. Mrs. Marie Weber Ball encontra-se numa viagem de inspeção aos mercados sul-americanos, introduzindo ao mesmo tempo os ultimos processos e produtos de beleza da Elizabeth Arden. Já tendo percorrido 62 países e conhecendo os problemas de beleza feminina em todos os continentes, Mrs. Ball apresentará muitas novidades em beneficio da clientela selecionada dos salões Elizabeth Arden. Apesar das dificuldades da guerra, a organização Elizabeth Arden procura manter o contacto com suas filiais sabendo que a beleza feminina, mesmo nos tempos atuais é de grande importancia. A mulher brasileira deseja e deve apresentar-se bela nas multiplas atividades de hoje. A nossa gravura fixa o desembarque de Mrs. Ball no Aeroporto Santos Dumont onde ela foi recebida pela Directora do Salão Elizabeth Arden, Mrs. Lucy Hargreaves, e pelo gerente da Organização Elizabeth Arden no Brasil, Sr. Luiz Marçal.

O QUE AS SAGAS IRÃO CONTAR

Por ANSELMO MACIEIRA.

Dois últimos sobreviventes dos Meurs — antiga família de fundidores de sinos — ainda residiam em Corcum. Cornelius era policial; possuidor de uns belos dentes, alto, feições másculas, contrastava em tudo com o irmão, um debil mental achaparrado e feio.

Gyse admirava Cornelius como só as crianças admiram seu protetor. Todas as tardes esperava o policial na porta de casa, festejando-o com risos e agradecimentos. Tal qual um cão.

Até que sobreveiu a invasão alemã. Cornelius perecera na luta que se travou ao redor da prisão. Conduziram o cadáver à casa, onde o depositaram. Gyse gritou, sofreu como se marcassem diabolicamente a sua carne, no capricho de algum suplício asiático.

Daí por diante não sossegou mais. Arvou-se nos delírios intermináveis. Iritava-o particularmente a presença dos soldados estrangeiros. Não que compreendesse, não que medisse a extensão exata dos fatos. Mas, relacionava o aparecimento desses homens com a morte de Cornelius. Responsabilizava-os em uma trágica intuição.

Suas gesticulações, suas ameaças, acabaram sendo notadas. Tornou-se mesmo um espetáculo burlesco, uma palhaçada que serviu para fazer rir, naquela Corcum em que se morria de tédio.

Assustavam-se com elas os prudentes burgueses da Cidade. Aquele louco iria estragar tudo. Melhor deportá-lo quanto antes. Entretanto Gyse ia ficando, cada vez mais agitado e arredio, percorrendo os mesmos caminhos e estacionando nos mesmos lugares.

De resto Corcum já se habituara aos alemães, como, aliás, toda a Holanda. As oficinas locais receberam grandes encomendas; transformaram um velho pardieiro em cinema e reabriram a antiga igreja dos huguenotes. Decididamente ninguém poderia estar descontente com esses moços delicados que falavam na família, cumprimentavam os mais velhos e não cometiam violências.

O louco observou longamente um moinho imprestável, em que se alojava um pequeno contingente de soldados. Depois de muitos dias resolveu agir. À noite, quando regressou o último soldado, aproximou-se com uma escada, galgando a grade exterior. No interior, fechou a porta de acesso ao comodo que servia de dormitório e se colocou no extremo do tirante, onde atrelavam o cavalo. Acionou-o com furor. A trepidação derrubou uma lampada de querosene, acêsa, sobre o assoalho ressequido. Todo o madeirame cedeu à voragem das chamas. As águas tranquilas do Maeve resplandeceram estranhamente, com neuroses de fogo.

Morreram treze alemães e duas mulheres. Gyse teria cúmplices. Aquilo era uma conspiração. Uma conspiração contra o exército germanico! E os pelotões de fusilamento da Gestapo, cedo deixaram vestígios de sangue, no pátio sombrio das prisões.

Colhido nas páginas da literatura de guerra contemporânea, este fato emite relumbrâncias invulgares de um drama; um drama espantoso. Talvez um paradoxo mas uma sátira também.

Contemplando-se a floresta de ruínas, o espectro das cidades mortas, as catedrais destruídas, temos uma dessas visões quase apocalípticas do epílogo de uma civilização, dos estertores de uma nova babilônia. Essa realidade ateradora tem a sombra lógica de uma penitência, última pletora de um sonho faustico. Esse continente tomado pelas searas de morte, pelas plantações de



cruzes, foi a oficina que forjou os instrumentos de sua auto-destruição. Foi o laboratório do próprio delírio.

Ao redor das universidades abandonadas tumultua o pranto imenso da ausência. Paris está morta, sob as mortalhas da melancolia. As cidades antigas da Itália, ainda tão cheias da Renascença, com os seus palácios duais e as suas igrejas, também estão ficando vazias, sob a ameaça dos raids inimigos.

Nas fabricas, homens e mulheres de todas as nacionalidades trabalham de estrela a estrela, submetidos ao dominador. Prolongam a tragédia, construindo novos canhões, novos aviões, novos tanks... É a convivência dessas legiões heterogêneas muito se assemelha à daqueles homens que desejaram construir, outrora, a torre de Babel.

É possível que acabem vencidos, pela confusão. Depois, certamente, abandonarão as máquinas, fugirão da técnica e retornarão às origens, em companhia das árvores — se ainda houver árvores — e da gleba.

A ruína das metrópoles européas do século será mais um capítulo na cronica dos séculos, mais uma torre de Babel perdida nos tempos. E a humanidade de amanhã compreenderá, como nós já estamos compreendendo, que dos sonhos de grandeza, dos coliseus monumentais, ficam apenas algumas pedras e muito pó...

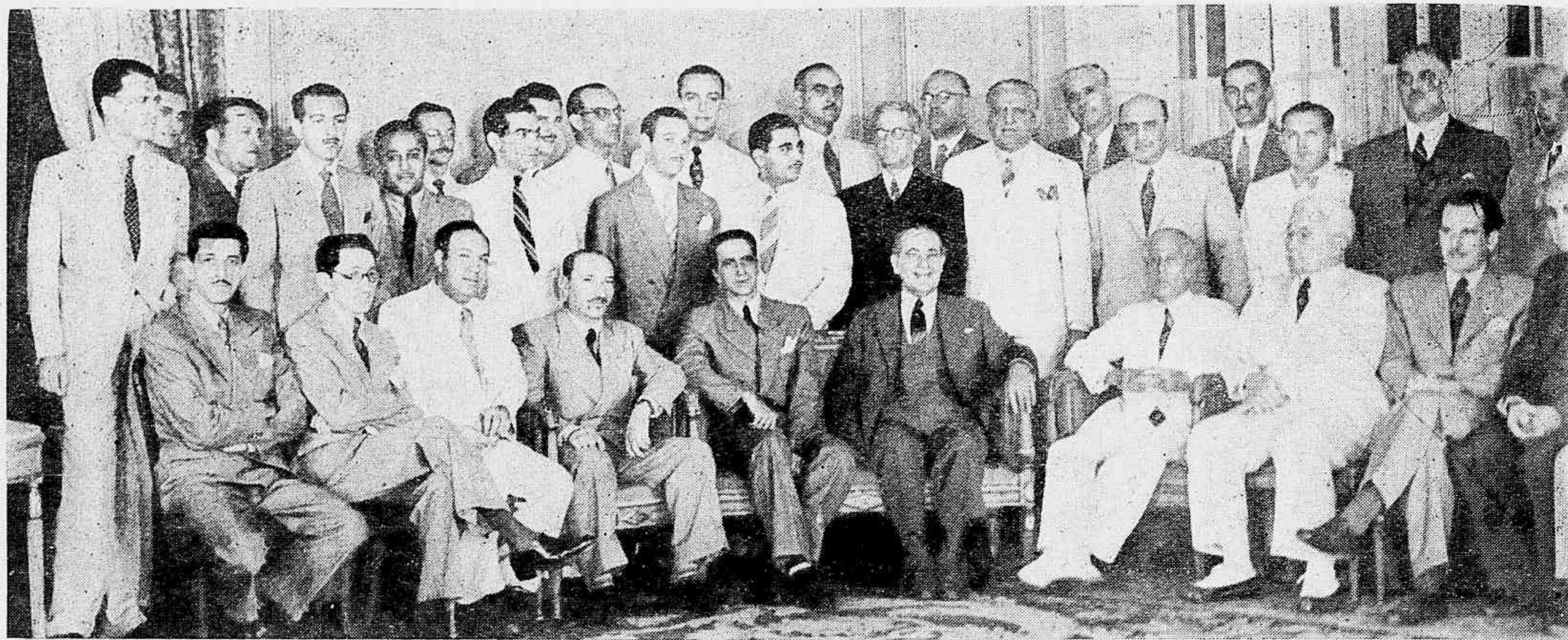
Que os homens retornem à terra, companheira eterna dos derrotados' criadora pródiga da vida e da esperança. E a felicidade ainda iluminará os corações para a aventura tranquila de uma outra vida.

E depois, e depois? Ressurgirão os impérios no milagre das idades novas — ou tudo ficará soterrado nas comoções do dilúvio? Assim como a Grécia de Péricles e a Roma dos Césares?

Pouco importa. Mas as tradições permanecerão porque a história é a única herança dos séculos. Até hoje conhecemos as lendas niebelungicas e as sagas escandinavas. Principalmente as sagas contando-nos, com a doçura nórdica, os amores e a poesia dos heróis das civilizações extintas.

Amanhã as crianças ouvirão: "Hitler foi um rei muito mau..." Os historiadores, atônitos, dirão que o século permanece um enigma para eles. Porque, ante o terror e a morte, o delírio inconoclasta das hordas opressoras, só os loucos reagiram. Só eles acenderam as benéficas fogueiras da vingança, no seio abissal dos incendios.

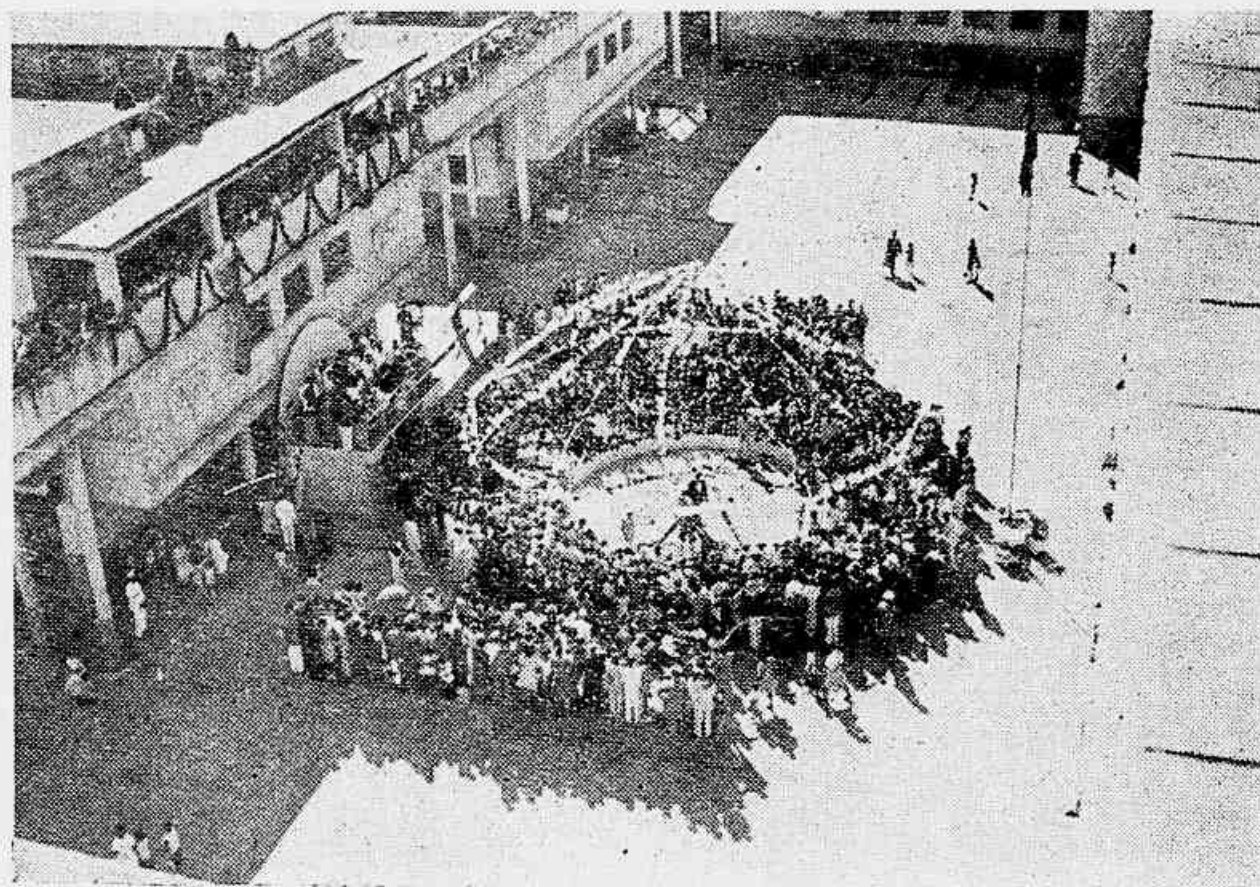
FIGURAS E FATOS



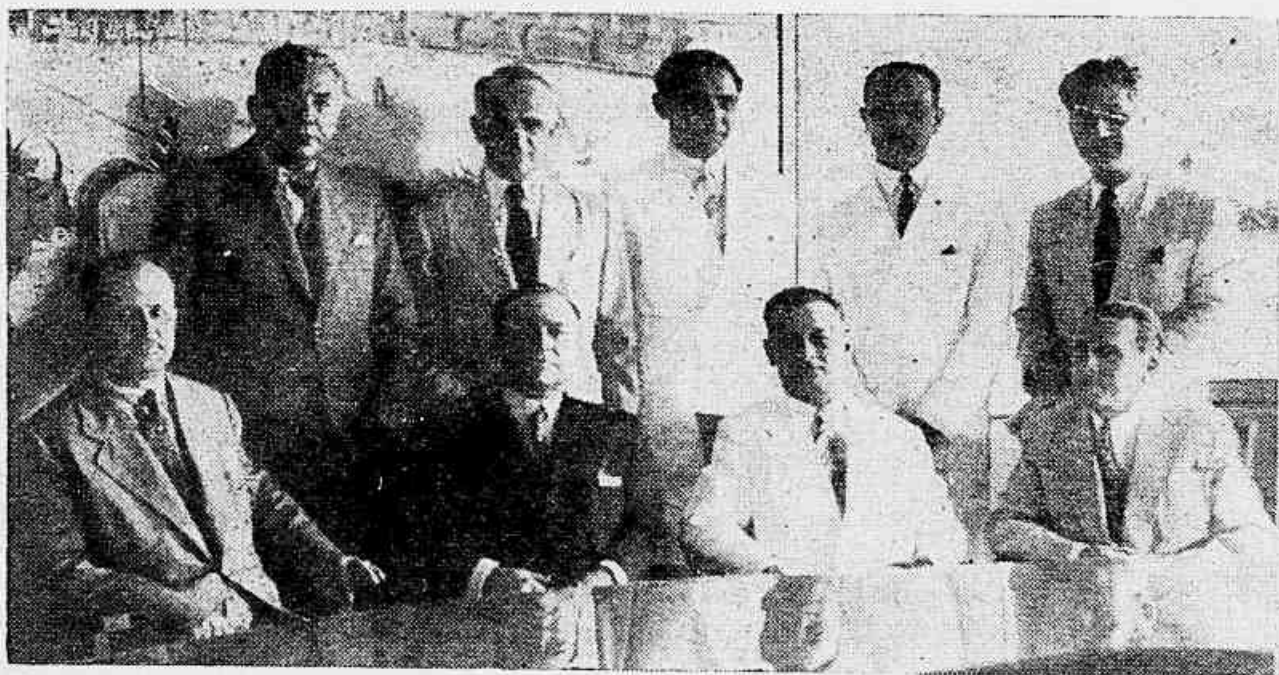
O NATAL DOS JORNALISTAS — Como vem fazendo há dez anos, o Touring Clube do Brasil ofereceu, na véspera do Natal, um almoço aos representantes da Imprensa e do «broadcasting» cariocas. Foi uma festa encantadora, em que imperou a cordialidade e que se levou a efeito no salão de banquetes do Hotel Glória. Fizeram uso da palavra o dr. Juvenal Murinho Nobre, presidente do Touring Clube; o escritor Berilo Neves, nosso prezado colaborador, vice-presidente da mesma instituição e professor do Colegio Militar; Oswaldo Orico, da Academia Brasileira de Letras; Herbert Moses, presidente da A. B. I. e do Comité de Imprensa do Touring Clube; major Coelho dos Reis, Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda e o dr. Edmundo Miranda Jordão, Consultor-Diretor Jurídico do Touring Club. Este ultimo levantou o brinde de honra ao Presidente Getúlio Vargas. A gravura fixa um aspecto dos que tomaram parte nesse agradável ágape, em que a REVISTA DA SEMANA se fez representar pelo nosso companheiro Celso Furtado.



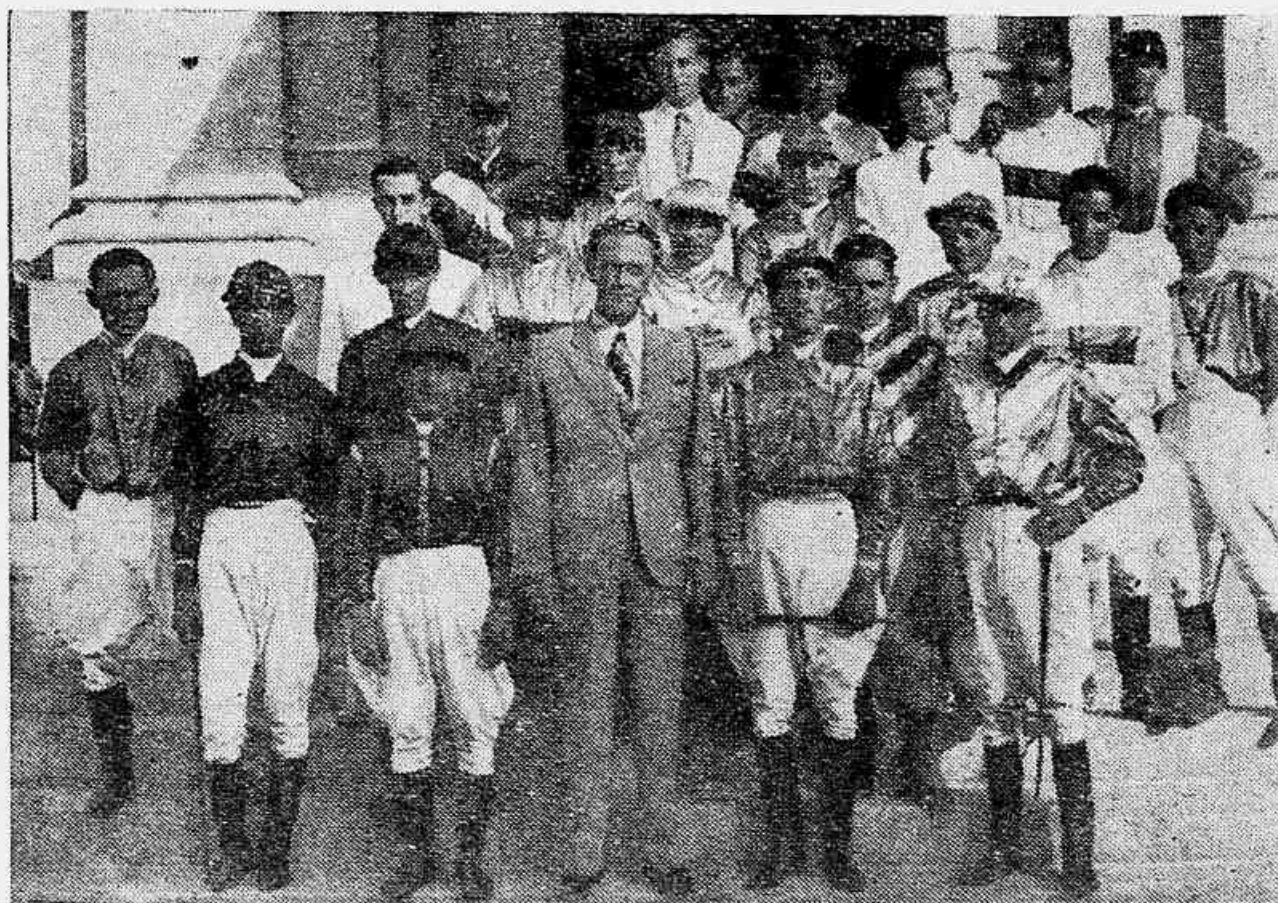
“CAMPANHA DA SIRENE” — A Liga do Comercio iniciou com grande sucesso louvável movimento para oferecer á Diretoria Nacional de Defesa Passiva Anti-Aerea as sirenes necessarias ao serviço de defesa desta Capital. Várias firmas e estabelecimentos bancarios já aderiram de bom grado á « Campanha da Sirene ». O « clichê » acima focaliza o sr. Marques dos Reis, presidente do Banco do Brasil, quando dava apoio áquele movimento de grande significação para o momento que atravessa o país.



O NATAL NA IMPRENSA NACIONAL — Constituiu um acontecimento de grande cordialidade o Natal dos filhos dos servidores da Imprensa Nacional. Uma das características da festa é a de que os presentes, ornamentações e artistas, tudo foi obtido com os recursos dos proprios servidores e alguns amigos da I. N. Mais de 2000 (duas mil) crianças foram obsequiadas. A administração da I. N., que não regateou sua contribuição aos que promoveram a festa, está de parabens.



BACHAREIS DE 1917 — Ocorrendo, a 14 de Dezembro passado, o 25º aniversario de formatura, na Faculdade de Direito do Recife, da turma de bacharelados de que foi o laureado o sr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, os seus colegas residentes nesta Capital reuniram-se em almoço, para comemorar a data. Essa turma foi das mais brilhantes que cursaram aquele tradicional estabelecimento de ensino. Durante o ágape, o sr. Barbosa Lima Sobrinho leu a relação dos nomes dos seus companheiros, cada um dos quais era lembrado com palavras de afeto e de emoção. E, ao « champagne », saudou os colegas cujo jubileu se comemorava, envolvendo na sua homenagem os mortos e ausentes. O sr. Dioclecio Dantas Duarte, que foi o orador da turma em 1917, pronunciou carinhosa oração e o sr. Armando Vasconcelos, bedel da Faculdade de Direito do Recife, telegrafou ao sr. Barbosa Lima Sobrinho nos seguintes termos: « Lembrando a data de hoje o jubileu da formatura da turma de 1917, na qual foi o digno laureado, envio prezado amigo cordial abraço - Armando Vasconcelos ».

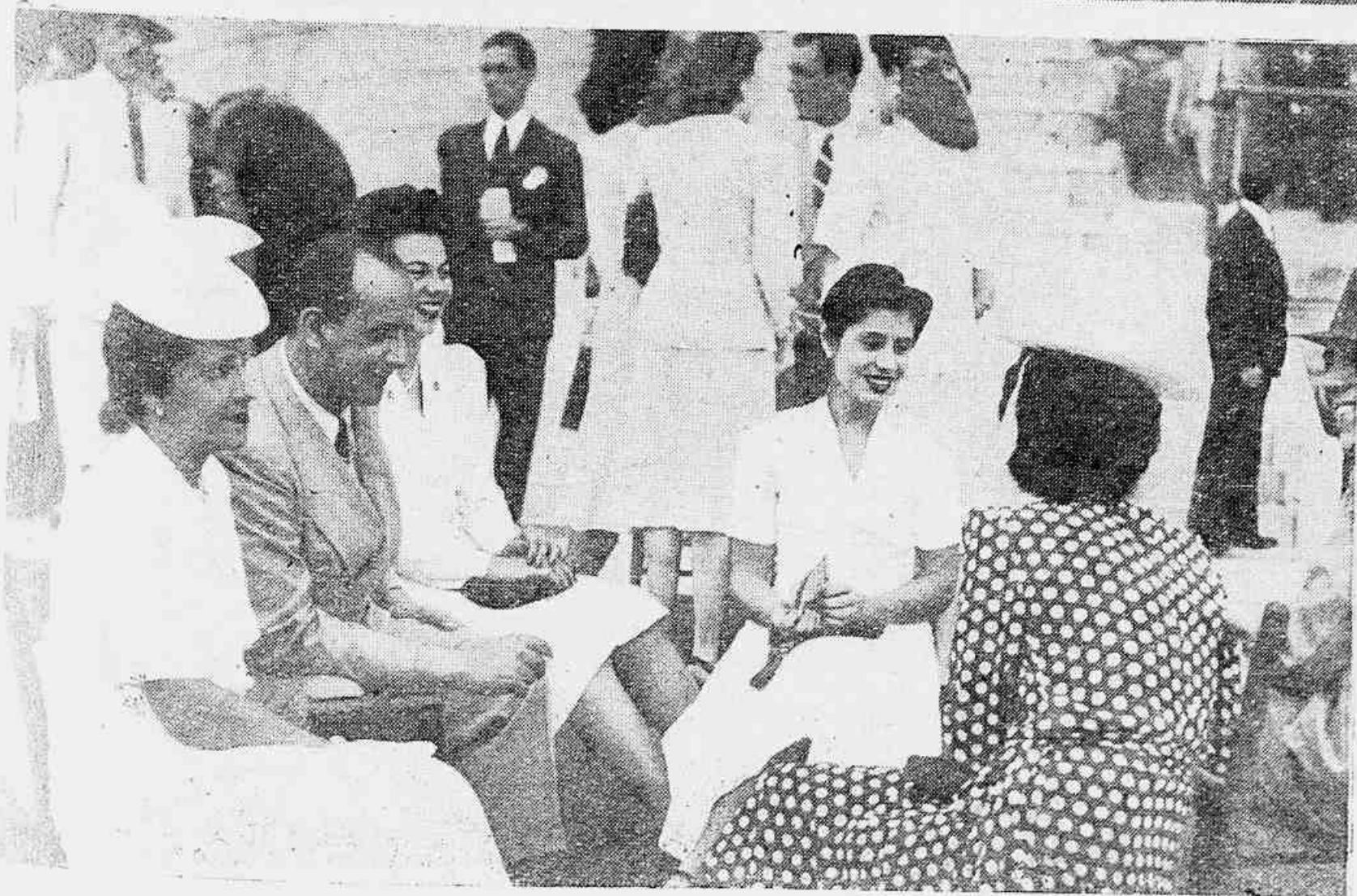
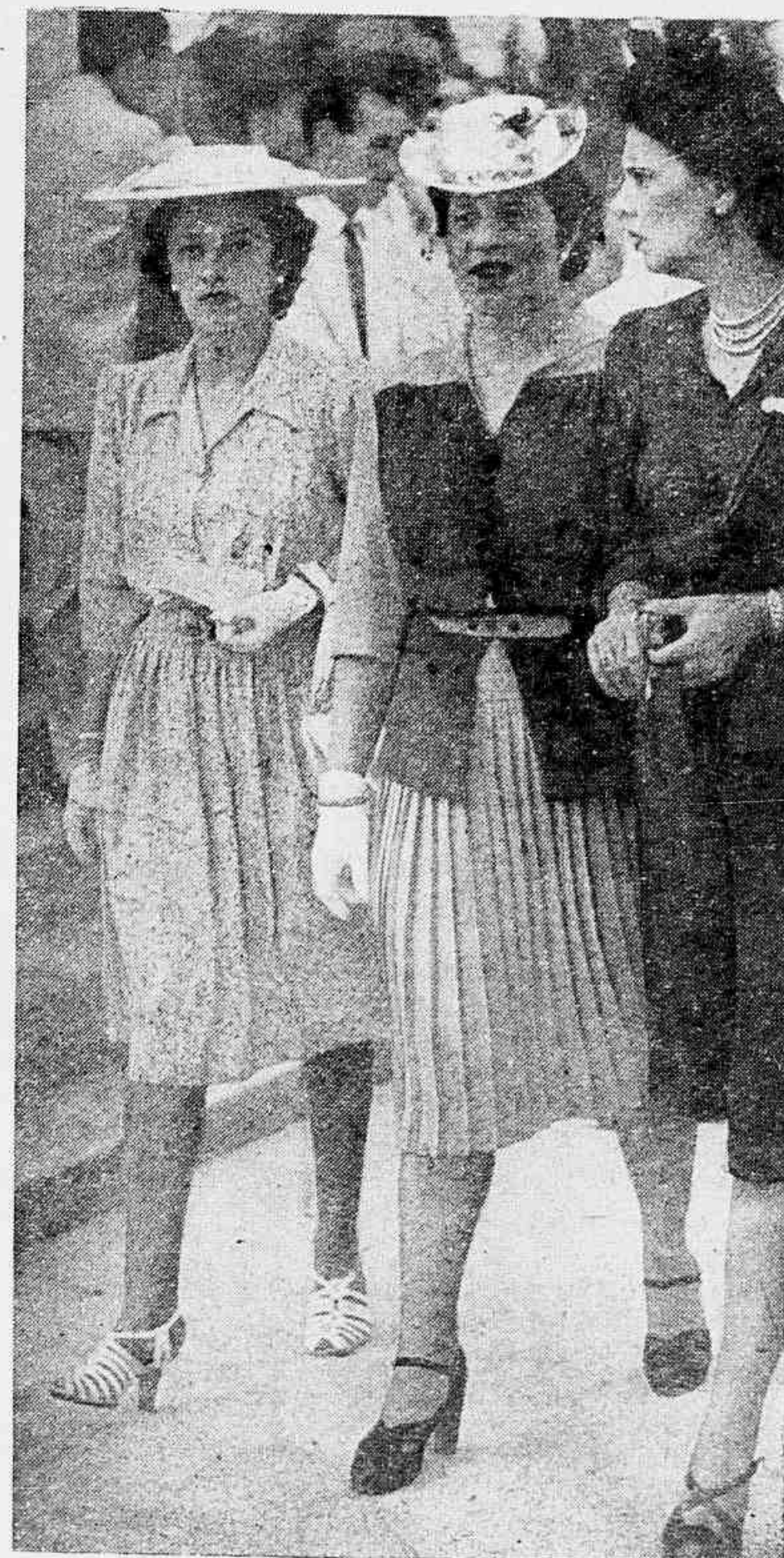


JOCKEY CLUB — Os profissionais do « turf » prestaram no ultimo domingo uma homenagem ao capitão Fernando Carvalho, juiz de pesagem do Jockey Club Brasileiro. Na foto acima vê-se o homenageado rodeado pelos manifestantes.

Jockey Club Mundano

A abertura da estação turfista carioca de 1943 marcou um êxito sem precedentes. Ultrapassou a expectativa mais otimista a corrida de sábado, e a de domingo suplantou a anterior, enchendo as tribunas do Hipódromo e oferecendo renhidas disputas. Um reflexo da animação nas duas reuniões está no movimento das apostas, o qual ultrapassou a soma de dois milhões de cruzeiros. A prova mais importante da tarde de domingo teve como vencedor *Condurú* pertencente ao sr. José Bastos Padilha.

Reproduzimos aqui varios aspectos daquelas reuniões turfistas.



As atividades agrícolas da Grã-Bretanha em tempo de guerra

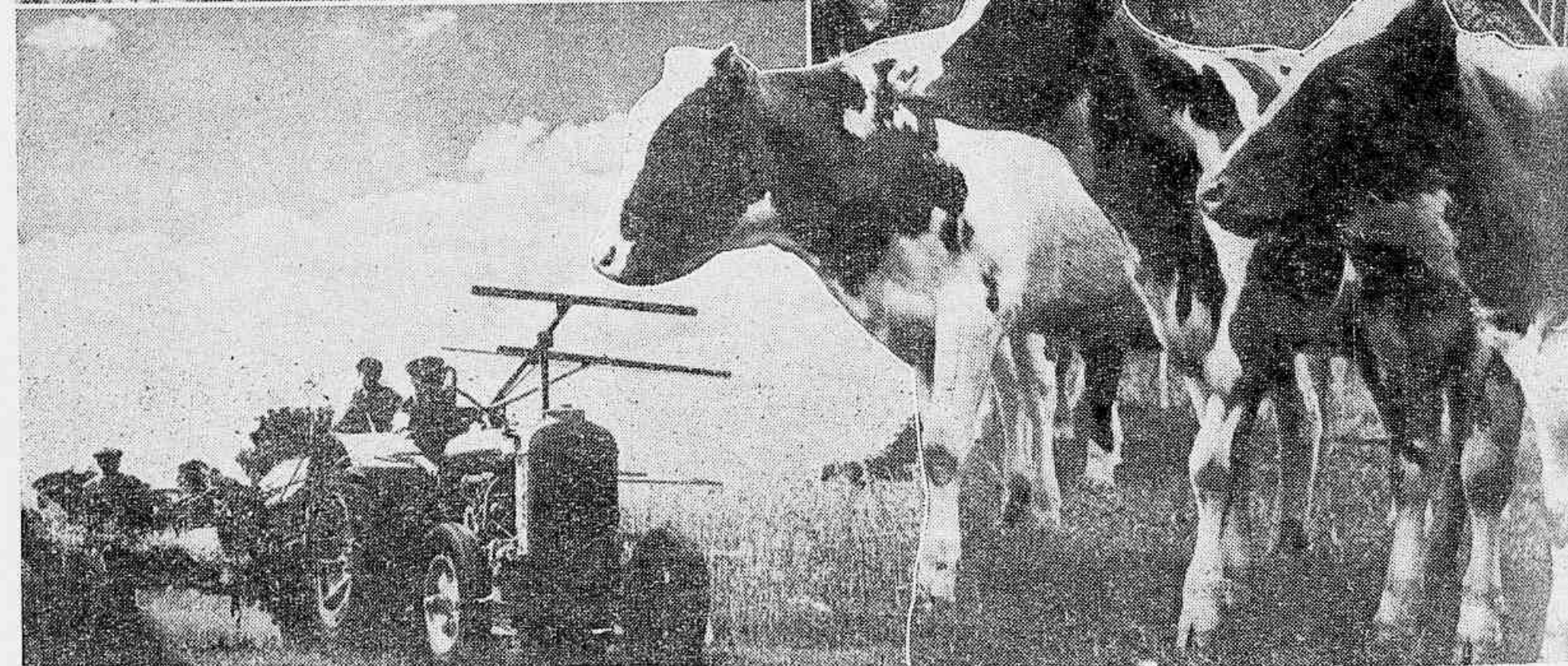
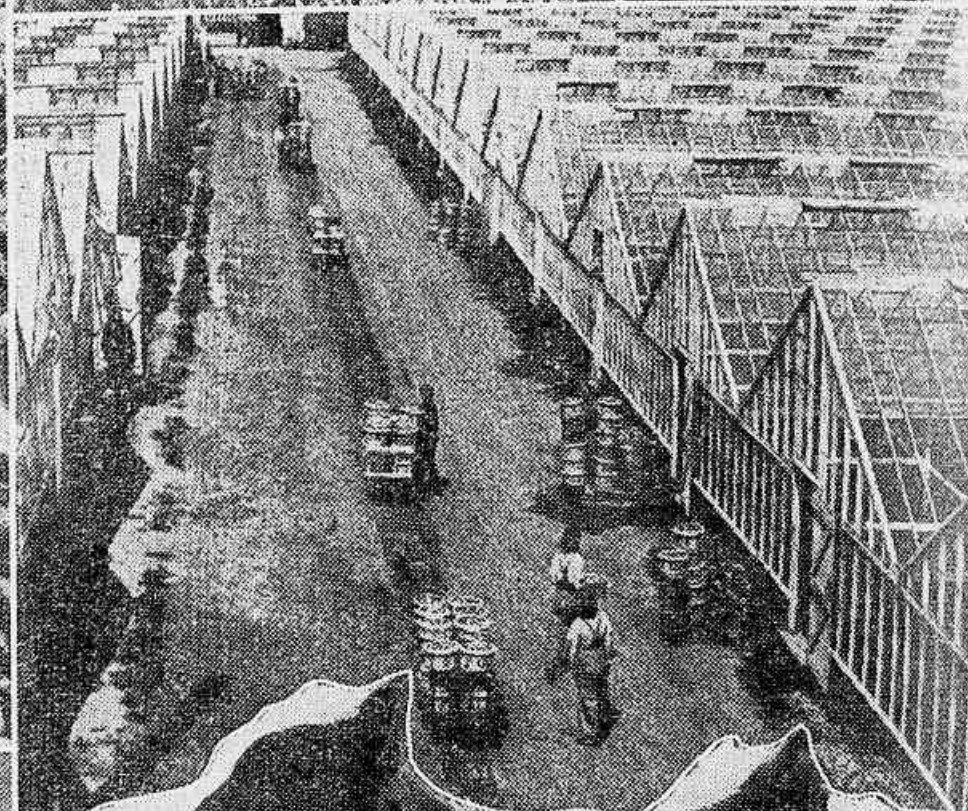
Por *J. Wentworth Day*

(Do B. N. S. especial para a REVISTA DA SEMANA)

Na Grã-Bretanha, em virtude de seu clima temperado e da riqueza natural de seu solo, quase que tudo pode ser cultivado. De fato, a variedade do solo britânico é tão extraordinária que o condado de Somerset, por exemplo, contém mais diversos tipos de terra do que cinco mil milhas quadradas dos grandes trigais da Rússia.

Na Inglaterra e no país de Gales há cerca de 38.132.688 acres de terra, dos quais apenas 24.710.574 eram cultivados antes da guerra. O resto eram montanhas, pantanos e fazendas abandonadas. Outrossim, o país conta com 380.000 fazendeiros, dos quais oitenta e oito por cento cultivam menos de duzentos acres. Cerca de metade deles dispõe de fazendas de sua propriedade. É interessante notar que a proporção dos proprietários de fazendas aumentou de mais de trinta por cento depois da guerra de 1914 a 1918, principalmente no período da baixa da produção agrícola, de 1919 a 1921, o que fez com que muitos grandes fazendeiros loteassem as suas terras.

Pouco antes da eclosão da atual guerra o nível dos valores da produção agrícola britânica tinha caído tanto que a Universidade de Cambridge orientou um exame nos métodos de cultura empregados por mais de duzentos fazendeiros, dos quais nenhum se ocupava com mais de 200 acres. Tal exame demonstrou ca-



Alguns aspectos do renascimento da Agricultura inglesa, que havia sido relegada, durante algum tempo, a segundo plano, em virtude do elevado nível de industrialização do país, mas agora assume um ritmo jamais registado na história da Grã-Bretanha, como uma consequência da necessidade de alimentar 47.000.000 indivíduos que tiveram os seus abastecimentos de ultramar grandemente restringidos pela situação anormal criada pela guerra.

balmente que a média da renda líquida de cada fazendeiro era apenas de 18 shillings por semana. Esse padrão, entretanto, variava um pouco pelos diversos condados.

Hoje, porém, o trabalhador rural conta com uma garantia dispensada pelo Governo de um mínimo de sessenta shillings semanais. Se se trata de um operário especializado, um condutor de trator, por exemplo, poderá perfazer cerca de cinco ou seis libras por semana.

Acresce que todos os preços da produção agrícola são controlados pelo governo, o qual fornece ainda toda a espécie de assistência, desde créditos financeiros até o empréstimo de tratores e orientação técnica inteiramente gratuita.

A orientação seguida pelo Governo britânico afim de elevar ao máximo a produção agrícola do país pode ser sumariada pelos seguintes pontos:

1 — a mecanização dos processos de cultura, especialmente o emprego de tratores e da "combine", a extraordinária máquina que é segadora e recolhadora ao mesmo tempo.

2 — o inteligente aproveitamento dos rebanhos, bovino, ovino e suíno, dos quais nem o estrume se perde, empregado que é como adubo.

3 — a obrigatoriedade das safras mais indispensáveis, como por exemplo a de batatas, milho e beterraba, assim como a adoção

dos métodos continentais de "pequena cultura", para os legumes e para as frutas.

4 — a supervisão de todos os processos de cultura e criação pelas autoridades administrativas, as quais vão de campo em campo fiscalizando e orientando os fazendeiros, relativamente aos meios de produção das quotas que desfrutam de prioridade, destinadas como são a suprir as necessidades mais imediatas do país, como, por exemplo, as que dizem respeito à carne, ao leite e aos legumes. Esse sistema foi empregado com especialidade no Hampshire, mas, segundo anunciou recentemente o Ministro da Agricultura, será estendido, o mais amplamente possível, a todos os outros condados da Grã-Bretanha.

A guerra em todas as frentes

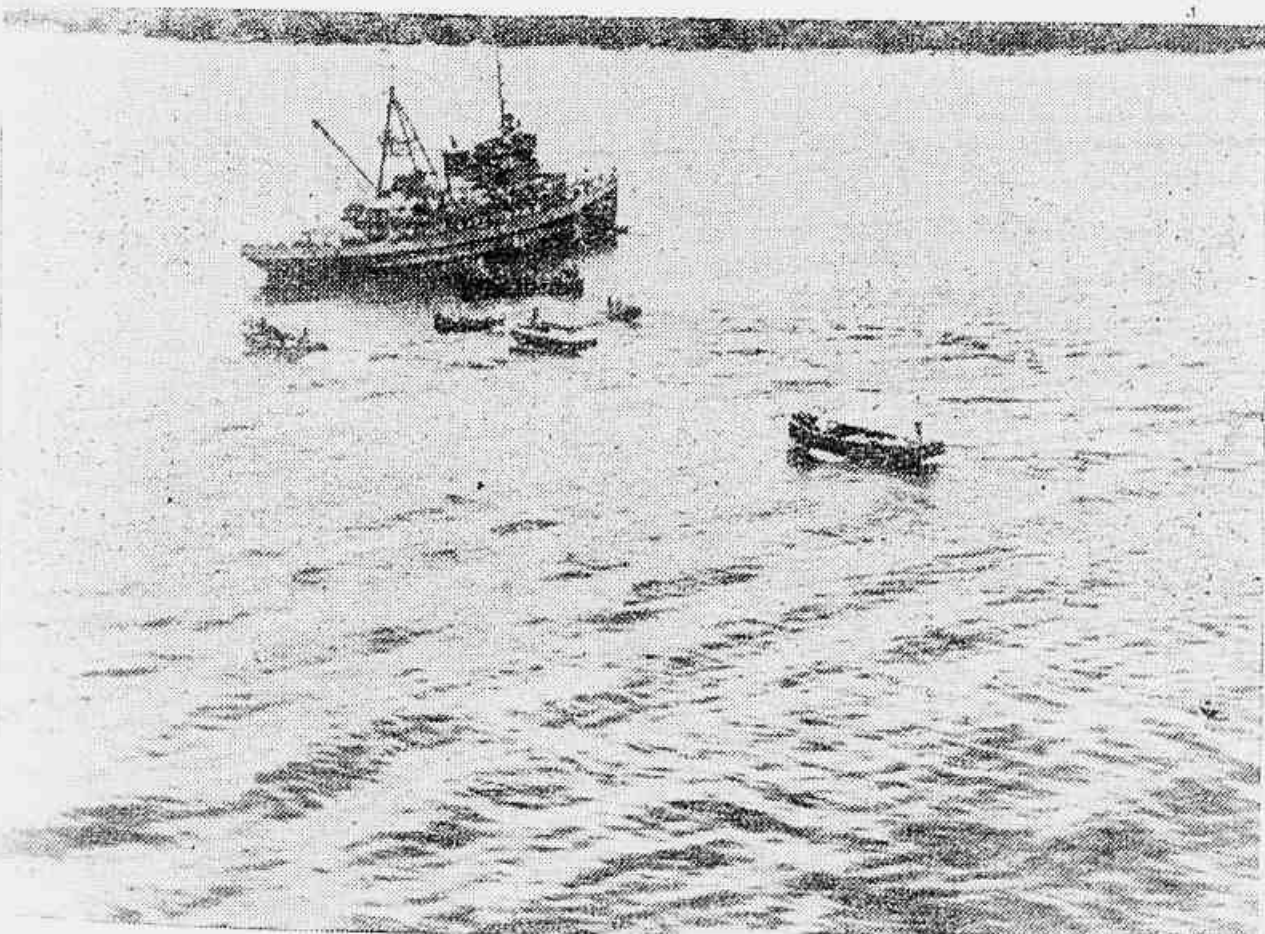
(Fotos especiais da International News).



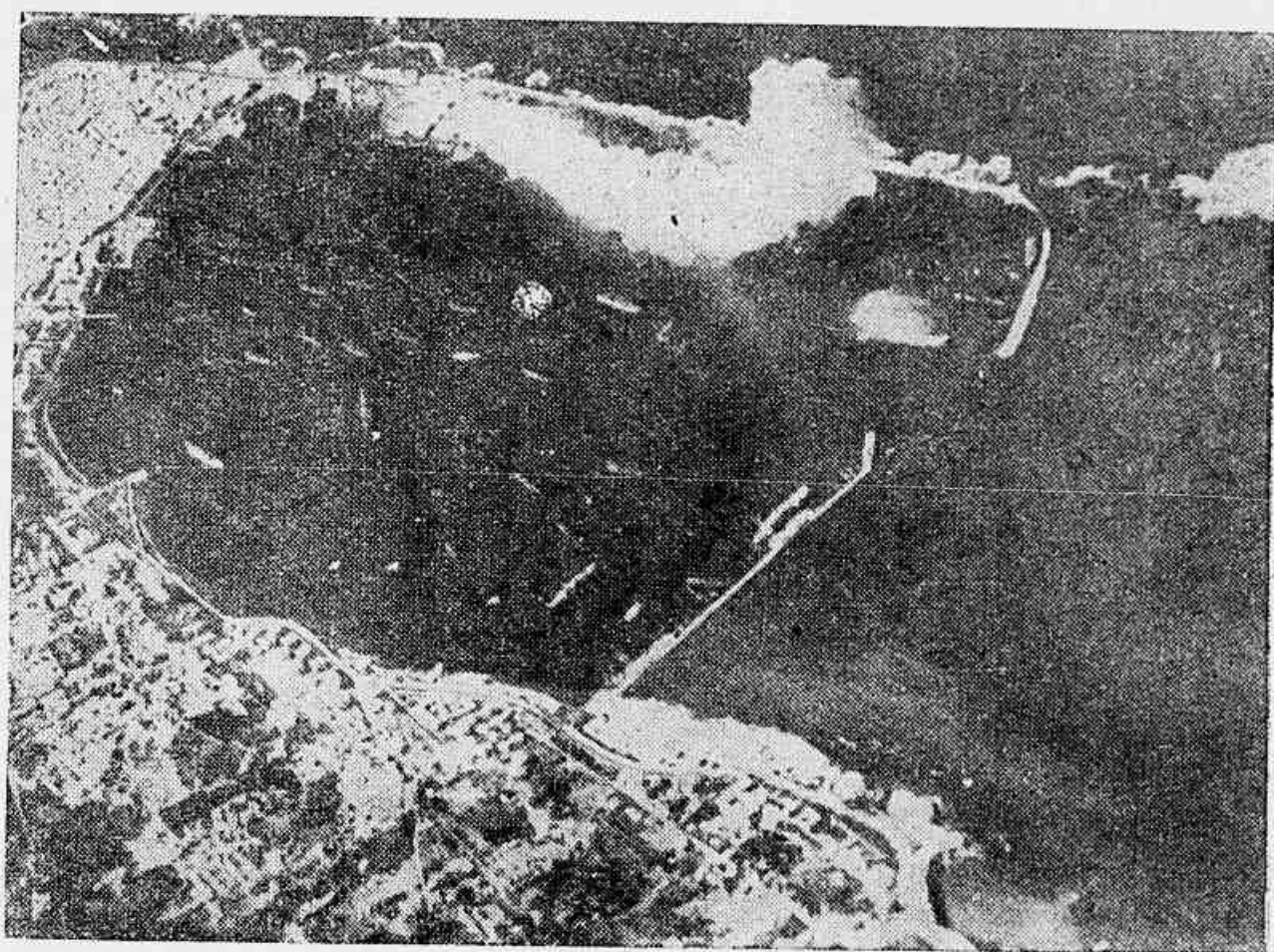
NA CHINA - Esta pequena viveu sob o tacão do soldado japonês na parte ocupada da China e faz agora um discurso ilustrado contra os inimigos da sua pátria. O processo de educação cívica das crianças chinesas é parte integrante do esforço de guerra da grande nação asiática.



EM ALGER - A atual sede do governo francês da África do Norte, Alger, tem sofrido continuados bombardeios por parte da aviação do Eixo. A foto acima foi apanhada após a primeira incursão de aviões alemães sobre essa cidade. Note-se a indiferença dos transeuntes.



NAS ILHAS SALOMÃO - Naufragos de um navio americano afundado por uma mina são recolhidos por um barco auxiliar. Apenas quatro tripulantes desse navio desapareceram no sinistro. Trata-se do S. S. Presidente Coolidge, transporte de tropas.



TRIPOLI SOB BOMBARDEIO - Esta interessante foto, fornecida pelo serviço de informações de guerra de Washington, mostra as docas da cidade de Tripoli no momento em que explodia uma bomba lançada por avião americano. Tripoli é o alvo imediato da atual ofensiva do oitavo exército britânico.



NO PACIFICO SUL - Esta fotografia, apanhada de um navio transporte norte-americano, mostra 2 aviões torpedeiros japoneses projetados no mar, envoltos em chamas. A massa branca que vê por traz vem dos restos de outro avião nipônico abatido. O navio ao lado é um patrulha americano.



NOVOS CADETES DE AVIAÇÃO AMERICANOS - O general Henry H. Arnold, comandante supremo das forças aéreas dos Estados Unidos, dirige a palavra a milhares de cadetes de aviação. Foi esta a maior concentração já realizada nos Estados Unidos, de oficiais aviadores. Milhares de homens cobrem o vasto pátio da escola de Santo Antonio, no Texas.

DE SÃO PAULO



Os engenheiros e industriais de S. Paulo, recebidos pelo interventor Fernando Costa, no Palácio do Governo.



Aspecto da distribuição de brinquedos aos filhos dos soldados da Força Policial.



Em comemoração ao aniversário de sua fundação, a diretoria da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S. Paulo realizou varias festividades, entre as quais a entrega dos premios "Oscar Freire", de 1942, conferidos aos drs. João Paulo Vieira, Salvador Rocco e Pedro Paulo de Franca Bueno, que se vêem na foto acima.



HOMENAGEM AO GENERAL JOSÉ AGOSTINHO DOS SANTOS — Na séde do "Centro Cívico Major Sucupira", realizou-se há dias, significativa homenagem ao exmo. sr. general José Agostinho dos Santos, Comandante da Infantaria Divisionária da 5.ª Região Militar. Fez uso da palavra o sr. dr. Francisco Monteiro de Araripe Sucupira, presidente do "Centro", que pronunciou eloquente discurso, saudando o homenageado e colocando em relevo suas patrióticas qualidades de ilustre militar, que muito honra o nosso glorioso Exército Nacional.



Realizou-se no salão de festas do Colégio Santo Alberto, a festa de formatura da turma de 1942. Aqui vemos os jovens ginásianos em companhia do seu paraninfo, dr. Alberto Cottini.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Successora de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE ALVEIDO - S. PAULO

O Mundo não vale o seu Lar

SOL. Sol bonito, brilhante, dependendo luz nas cortinas das suas janelas. Seu marido saiu agorinha mesmo. Foi trabalhar. E dentro da sua paz ha uma algazarra de crianças aí perto, debaixo do sol.

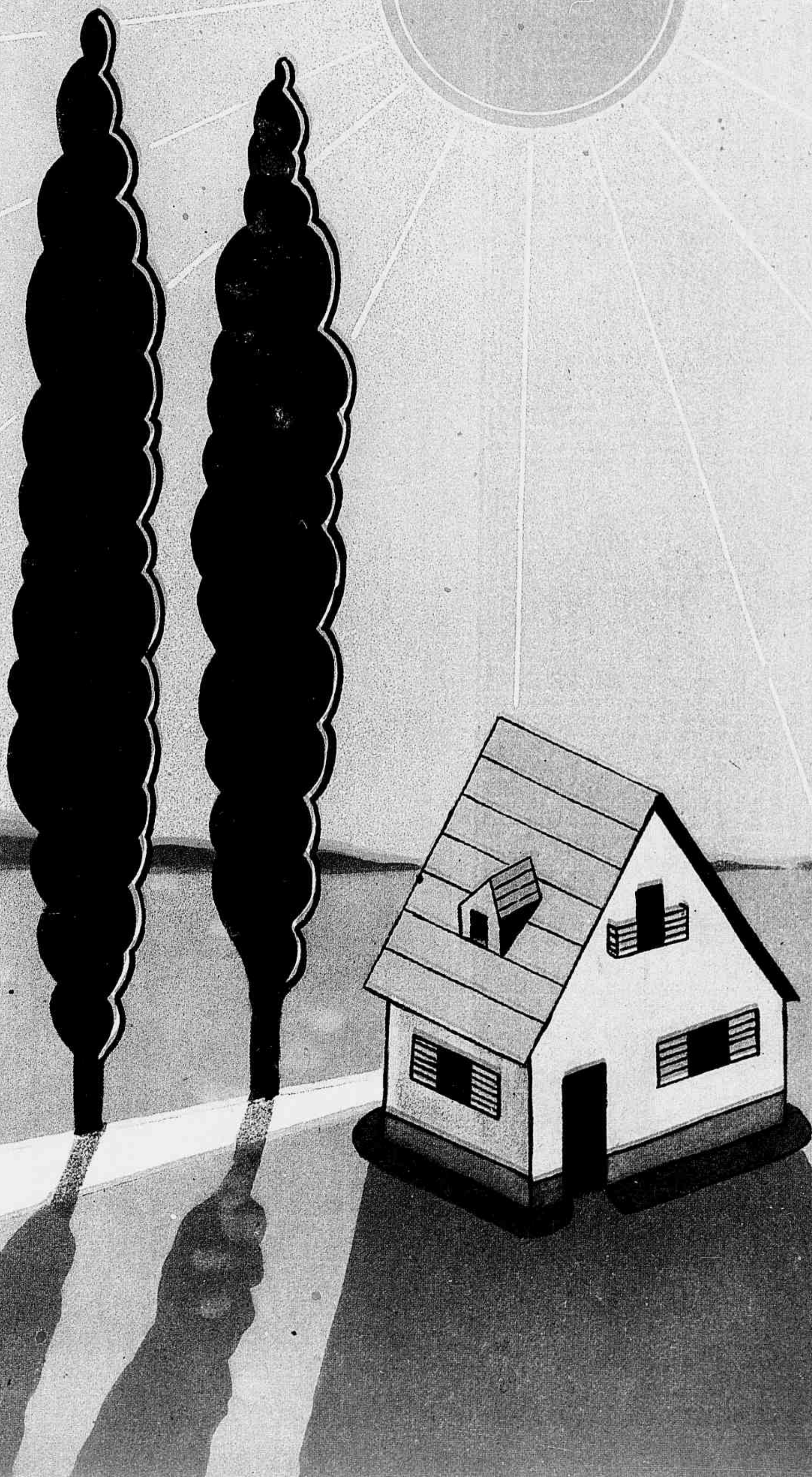
Você é, agora, a dona solene do seu lar. Para você, entretanto, lar é só isso: sua casa batida de sol, seu marido bom e amigo, seu filhinho forte e ousado. Dentro do seu egoísmo (o egoísmo sublime do ser feliz), você se esquece dos outros lares, em que os maridos não são como o seu, e até uma criança doente pode estar chorando sosinha e infeliz.

E já que não podemos, nem eu nem você, remediar a infelicidade do mundo e a desgraça inevitável de tanta gente, vamos fazer por nós o que outros não fizeram: defender o nosso lar, a nossa felicidade. Essas duas coisas andam juntas dentro da vida e quando uma desfalece é certo que a outra acaba de desaparecer. E para que isso não aconteça só uma coisa é preciso saber: lar não é apenas família, quatro paredes, tranquilidade. Naquele dia de uma leve rusga, em que seu marido não veio jantar, ou naquela noite, quando seu filhinho estava muito doente — você chegou a pensar em seu lar destruído. Mas não. Passada a tempestade a felicidade voltou, a vida voltou.

Contra isso é que é preciso defender seu lar: contra o medo de que ele possa acabar, destruir-se. Ele atravessará tudo, substituirá a tudo, viverá sobre todas as coisas. Existirá com esse sol, com chuva, feliz ou infeliz que você possa estar. Seu lar lhe devolverá, sempre, seu filho de novo forte, seu marido de novo amigo, sua paz de novo refeita. O lar é terno, infinito e intangível no seu espírito de carinho e amor — e só ele cria e faz frutificar essa etérea e imponderável felicidade que é nosso fim e nosso bem comum.

E como o mundo, por maior, melhor que seja, nunca lhe dará essa felicidade, você repetirá baixinho: "O mundo não vale o meu lar".

SAGRAMOR DE SCUVERO.



MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza, ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal de Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos

ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUÇAS
A VENDA EM TODA A PARTE

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

CASPA! CABELOS BRANCOS!
use **LOÇÃO XAMBÚ**
CABELOS
BRANCOS ou GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL

**MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos

LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, atenuar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o



O grosso "crochet" feito a maquina está em plena voga.



E' um erro usa-lo como esporte, qual] acontece entre nós.



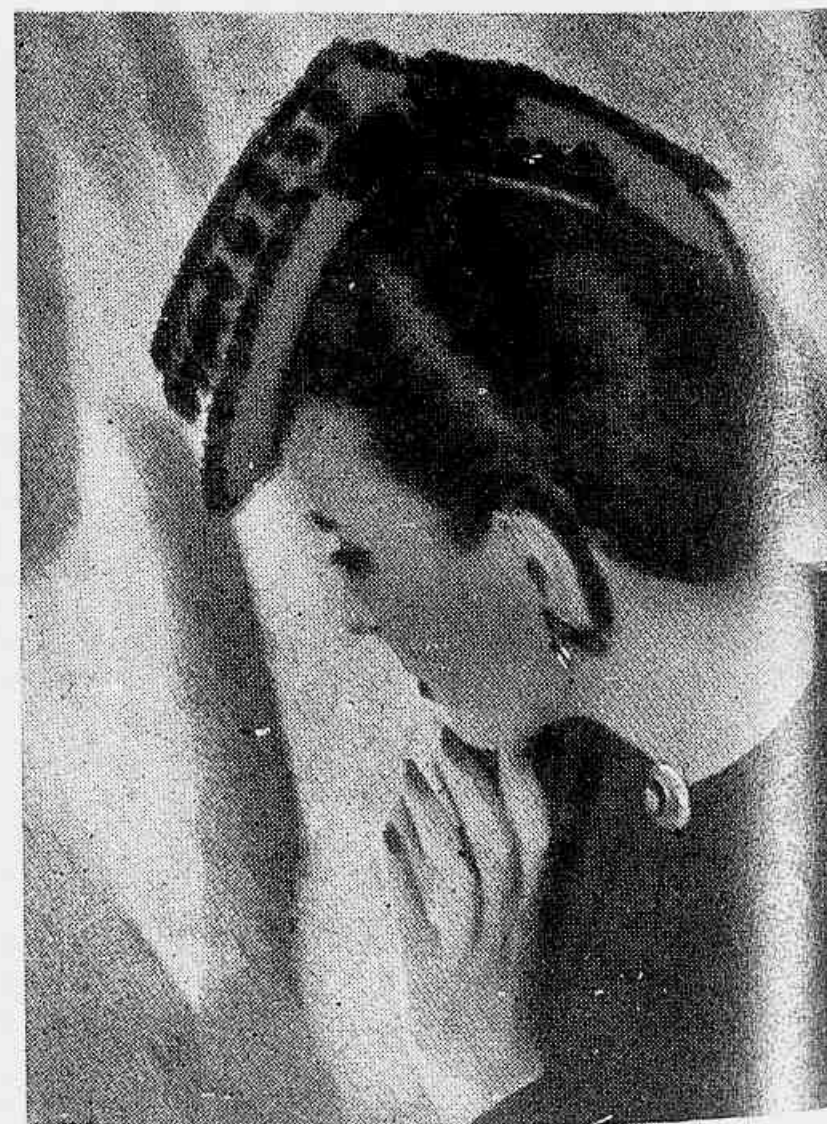
O primeiro é para alta toilette de passeio. Os outros dois acima, para a noite.



Para acompanhar um vestido escuro de mangas compridas, numa silhueta fina, não haverá um mais elegante.



[Palha ou feltro com plumas, e a nota colorida de uma pena audaciosa.



Um chapéu « toilette » para senhoras: feltro com bordado e borlas delicadas.

CHAPÉUS

Novas tendencias para os chapéus que algumas julgavam desaparecidos e que continuam sendo complemento de uma « toilette » elegante. Seja ela « toilette » ou « trotteur ».



Em um chapéu escuro, discreto, uma única nota de vida: o ramo de flores.



Para as senhoras moças: chapéu escuro com flores claras, delicadas.



Para a noite, um toque claro: azul pastel on bois de rose, envolto em penas asperas de tom escuro.

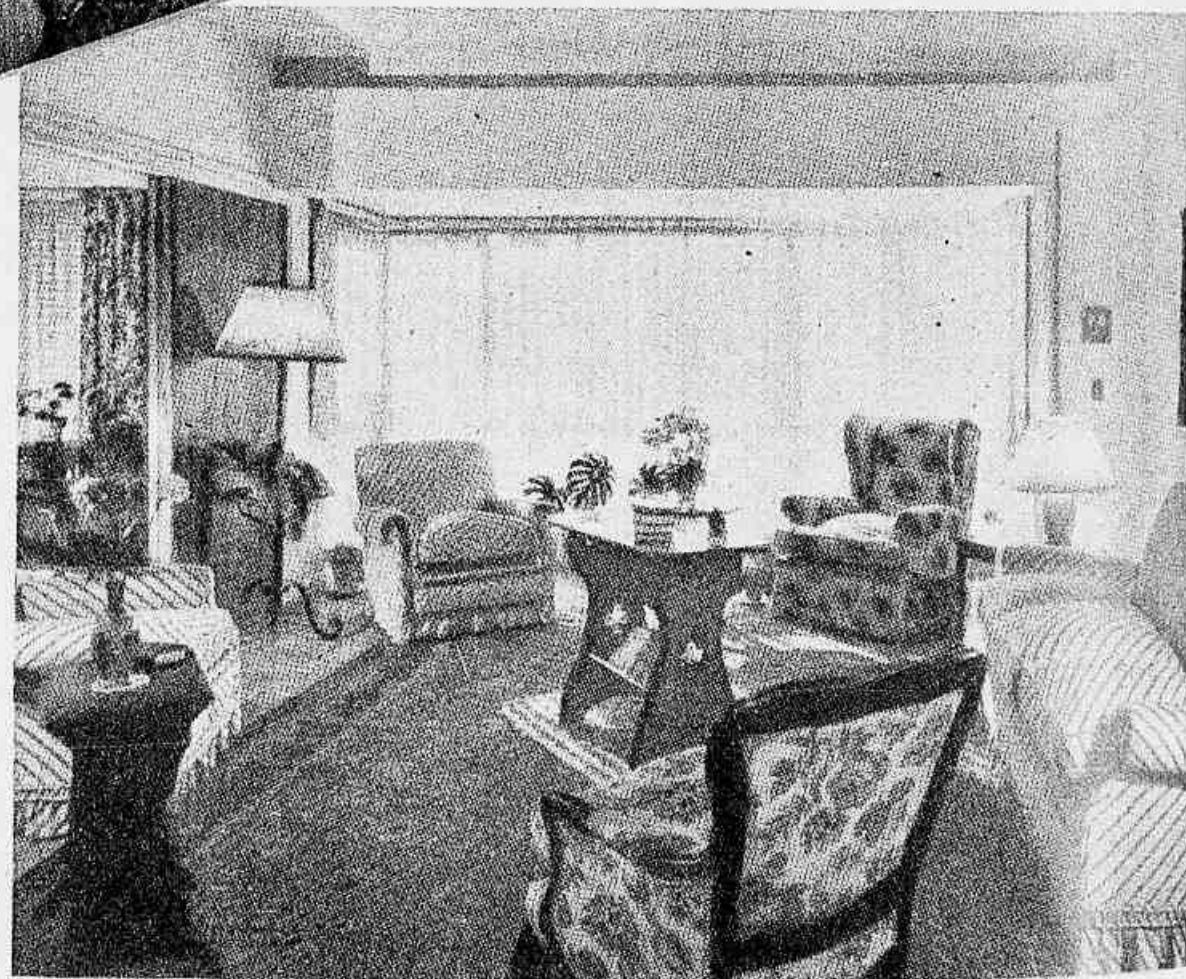


Esta « toilette » não seria tão elegante sem o chapéu negro adornado de plumínhas brancas.



CONFORTO

O vão de uma janela poderá ser bem aproveitado, da maneira interessante como a vemos acima: adaptando-se uma mesa, a qual se poderá tornar muito útil, apesar de só poder ser utilizada em um dos lados. Nas demais fotos reproduzimos diversos modelos de moveis em estilo provençal. Pela singularidade de que se revestem poderão servir para mobiliar os apartamentos modernos que não possuam um aspecto muito imponente. Tudo simples, para ser adaptado a ambientes também despretenciosos.



MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Figuras femininas: SELMA LAGERLOF, a fada de Marbacka

por
Elsa Thulin

Ha dois anos e meio, em seu solar de Marbacka, na Suécia, o coração sangrando pela desgraça que se abatia contra a Escandinávia que tanto amara sempre, morria esta velhinha adorável, que foi a contadora de histórias mais lindas do nosso tempo. Vivendo na casa de fazenda que abrigara três gerações de antepassados, a antiga professorinha primária, que o prêmio Nobel havia de coroar um dia, tornara-se uma espécie de deusa familiar do coração da sua terra. Milhares de turistas, anualmente, procuravam visitá-la, o que a idade ultimamente impedia. O artigo que oferecemos aos nossos leitores foi publicado em NOUVELLES LITTÉRAIRES, quando a grande escritora completou 80 anos.

Vejo ainda Selma Lagerlof, em Marbacka, no seu vasto gabinete de trabalho, com as paredes ornadas de belos desenhos originais de George Pauli, para ilustrarem a *Saga de Gosta Berling*. Sobre um painel, estendia-se, com iluminação especial, um grande mapa da Suécia e deante desse mapa havia uma escultura em madeira, Nils Holgerson, montado no dorso dum pato selvagem, parecendo voar sobre os bosques e sobre os lagos.

No Varmland, mora a Saga — como sabe muito bem toda criança sueca. E a Saga — essa linda e boa fada — estava dum humor excepcionalmente benevolento, quando se debruçou sobre a pequenina que nasceu em Marbacka num dia de Novembro, ha 80 anos.

A família Lagerlof tinha o culto das velhas tradições. As origens varmlandesas da família remontavam ao século XVII: a fazenda de Marbacka tinha sido habitada pelos Lagerlof desde o fim do século XVIII e entre os seus antepassados figuravam varias mulheres e homens famosos, notadamente escritores, Anna-Maria Lenngren, Tegner e Froding.

A afilhada da Saga devia passar por muitas provas, antes que os dons depositos no seu berço lhe fossem revelados. Tinha apenas três anos, quando suas pernas se recusaram a carregá-la.

Selma não podia mais tomar parte nas brincadeiras das outras crianças, ao ar livre. Mas, se refugiava num canapé, ao lado da avó, ou ia ficar com a velha cozinheira e estucava avidamente as historias de que essas duas mulheres possuíam reservas inesgotáveis.

Foi portanto numa atmosfera de lenda que Selma Lagerlof cresceu; seu universo enriqueceu-se e se povoou de figuras que se tornaram pouco a pouco suas companheiras tão queridas como o são os camaradas para os outros meninos.

Mas os pais de Selma procuravam dia e noite o meio de lhe restituir a saúde. Tinham ouvido dizer que os banhos e os tratamentos em Stromstad — pequena cidade balnearia na costa ocidental da Suécia — tinham feito maravilhas e se decidiram a tentar uma cura. Alugaram quartos em casa dum comandante de longo curso, que trouxera de suas viagens mil objetos exóticos. A mulher contava que ele tinha a bordo uma ave do paraíso. Uma ave do paraíso! Eis que a imaginação da criança se acende: é a ave do paraíso que protege o comandante contra os malefícios do mar. E quando, para o fim da estadia em Stromstad, o comandante volta com o seu navio, Selma quer ir a bordo para ver com seus proprios olhos as maravilhas de que ouvira falar. Levada para o ponte de comando, e se achando sozinha por um instante, olha para todos os lados. Percebe um grumete e lhe pergunta onde está a ave do paraíso. "Venha comigo" — responde-lhe ele — "eu vou mostrá-la a você". Estende-lhe a mão e desce com ela, a recúos, a escada do salão, para impedir que ela caia. Ah! esse salão de paredes de acajú espelhante! E a ave do paraíso estava lá, efetivamente, ainda mais bela do que a pequena a imaginara. Selma subira primeiro para uma cadeira e daí passara para cima da mesa. Estava em extase, deante do prodigio. "Olhe — disse o grumete — repare que ela veio do Paraíso. Ela não tem patas!". Isso estava de acordo com a ideia que Selma fazia do Paraíso: bem que ela havia pensado que não era preciso ter pés, podendo-se passar perfeitamente com um par de asas!

Depois da morte da avó, as crianças, forçadas a se distraírem, procuravam substituir pelas brincadeiras as horas passadas ao pé da contadora de historias. Mas o tesouro que lhes fôra legado, guardaram-no no fundo do coração e não o esqueceram jamais. Restavam, além disso, o pai com as duas irmãs, que, do melhor modo, procuravam substituir a avó nos momentos de folga. O tenente Lagerlof era muito culto, erudito, musico, cheio de verve e de replica sempre pronta. Gostava de tocar e de cantar, especialmente canções de Bellman, e se compreende a felicidade das crianças quando se reuniam em torno do pai, sentado ao cravo, acima do qual dominava o retrato do poeta, com a lira entre os braços.

Aos sete ou oito anos, a menina descobriu o mundo dos livros, a biblioteca da família, onde o lugar de honra era ocupado pelos grandes poetas épicos do XIX século sueco, Tegner e Runeberg. O conhecimento da Bíblia, Selma o aprofundou pela idade de dez anos, durante uma grave doença do pai. Ela fez o voto secreto de que, em caso de

cura, se comprometia a ler a Bíblia duma ponta a outra, sem saltar uma linha. E cumpriu a promessa.

Depois de sua estadia em Stromstad, Selma recuperara o uso das pernas, porem estava longe de se sentir completamente curada. Teve que recommençar o tratamento em Stockolm. Apesar das belezas da capital e da solicitude de que a cercavam primos, tios e tias, toma-se de saudades. Anseia voltar a Marbacka, porque, diz nas suas memorias, "em Marbacka não ha preocupações nem tristezas."

Lá, os heróis dos contos e lendas lhe aparecem tão vivos que só difficilmente consegue distingui-los da realidade. Entre os familiares de Lagerlof, muitas figuras se ajuntam ainda á galeria tão rica e tão diversa dos personagens que se tinham tornado seus, graças ás narrativas de que sua infancia se nutrira. A maioria das figuras que encontraremos mais tarde nas suas grandes obras, serão transposições directas das que povoavam sua imaginação infantil ou que frequentavam sua casa paterna.

Entretanto, o pai de família envelhece; um belo dia, vai se juntar aos antepassados. Já os ultimos anos de sua vida tinham sido atormentados por preocupações materiais e quando ele morreu, em 1885, foi em vão que os filhos se esforçaram para salvar a fazenda que durante varios seculos fôra o lar dos Lagerlofs. Com o seu imenso amor por aquele lugar sagrado, com todo o seu ser profundamente enraizado neste cantinho de terra que é a patria da sua alma, Selma Lagerlof vê Marbacka passar para mãos de estranhos.

Deixando, com o coração despedaçado, sua Marbacka querida, decide-se a um supremo esforço, para realizar o projeto que sempre nutrira — o de se tornar escritora. E é sob a influencia dessa dura prova que escreve os primeiros capitulos definitivos da "Saga de Gosta Berling".



Selma Lagerlof no seu gabinete de trabalho.

Quando, acompanhada de sua mãe, teve de deixar Marbacka — para sempre, acreditava ela — obteve um lugar de professora de liceu numa cidade do sul da Suécia. Foi então que a revista *Idun* abrindo um concurso de romance-folhetim, Selma Lagerlof, encorajada pela irmã, se decidiu a mandar a parte terminada de *Saga de Gosta Berling*, alcançando o premio. Esse premio não tornou Selma Lagerlof imediatamente celebre nem seu Gosta Berling popular. Mas a escritora continuou e terminou o romance, achou um editor para o apresentar em volume e o critico dinamarquês George Brandes chamou de maneira definitiva a atenção da Escandinávia para essa narradora de estilo eloquente e lirico, apaixonado e veemente.

Em 1896, Selma Lagerlof foi-se instalar numa cidade da Dalecarlia, provincia vizinha do Varmland, e cuja natureza, bem mais que a da Suécia do sul, lhe lembrava a de sua infancia. Um dia, leu por acaso, num jornal local, algumas linhas sobre um estranho movimento dum grupo de camponeses dalecarlianos. Esses, tomados de grande entusiasmo religioso, tinham emigrado para a Terra Santa, para lá fundarem uma colonia com o espirito dos primeiros cristãos. Selma Lagerlof ficou tão comovida que decidiu sua amiga Sofia Elkan a fazer com ela uma longa peregrinação, nas pegadas daquela gente simples. As duas partiram em 1899 e ganharam a Palestina, pelo Egito. Chegadas a Jerusalem, viveram no seio da propria colonia dalecariana e Selma se impregnou da atmosfera dos lugares biblicos. Voltando dessa longa viagem, pela Grecia, Selma lançou-se ao trabalho com entusiasmo e os dois volumes de *Jerusalem* foram editados em 1901-1902.

Foi por essa epoca que pediram a Selma Lagerlof um livro de

(Continua na pag. 50)

VESTIDOS LAVAVEIS



1 — Modelo esportivo de muita linha, para a tarde. No bolso, na prega falsa para os botões, em torno da gola duas linhas de pesponto. Corte inteiro, meio cinto atrás, prega na frente.

2 — Algodão lavavel, estampado. Modelo de saia ampla para talhe 42.

3 — Linho grosso, em tom escuro; dois bolsos esportivos. O cinto com um unico botão. Pespontos em toda extensão.

4 — Crepon americano, liso, enfeitado em pespontos.



BRAÇOS E AXILLAS SEM MACULA

LIVRES DE PELLAS QUE
TANTO AFEIAM E ESTRAN-
GAM COM O SUOR OS SEUS
VESTIDOS

As grandes estrelas de Hollywood e do velho mundo não usam já mais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pelos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal *Racé* destrói instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pelos mais grossos. *Racé* é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado; não contém substancias prejudiciaes á pelle e não tem máo cheiro.

Racé elimina os pelos com incrível rapidez, não irrita a pelle e evita que os pelos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS
INUTILIZADOS

pelo suor originado dos pelos das axillas, que exhalam cheiro desagradavel.

Use *Racé* e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.



"LABORATORIOS VINDOBONA"

RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 25-1100
RIO DE JANEIRO

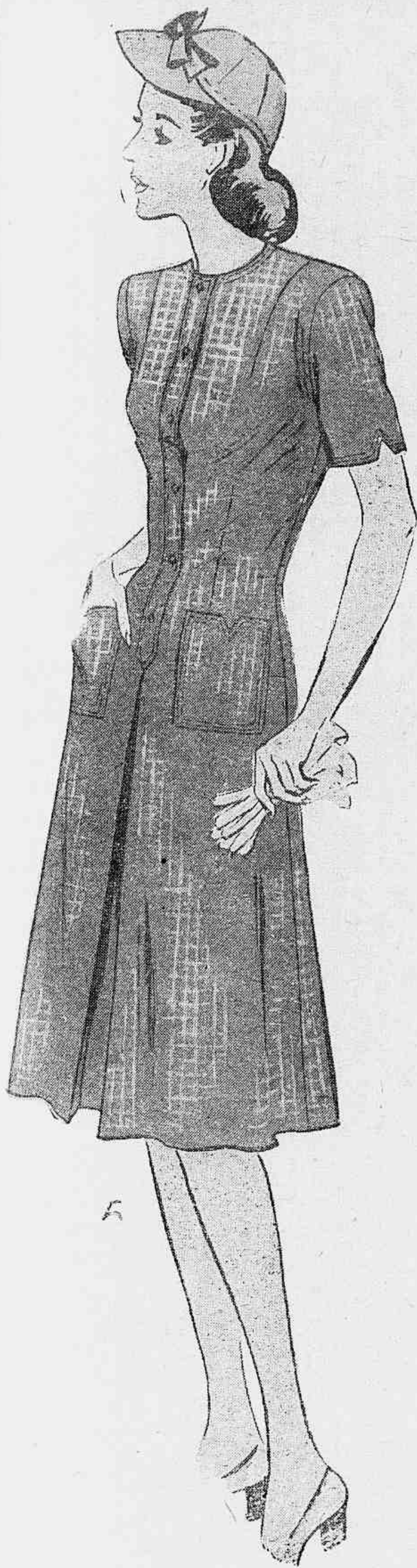
PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA.

Racé
o perfeito destruidor do pelo

LABORATORIOS VINDOBONA (R. S. R-9)
Rua Uruguayana, 104 - 5.º and.
Rio de Janeiro

Queira enviar-me o folheto explicativo ao
DEPILATORIO RACÉ

Nome
Rua
Cidade Estado



5 — Algodão americano listrado num modelo para mocinhas, leve e alegre.

6 — Shantung lavavel e quasi toilette.

7 — Shantung lavavel num modelo para a tarde.

8 — Conjunto para a praia em linho e cambraila. A blusa fechada com zip em toda extensão. A saia godet em panos.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PARA CERR. SANTY. N. 55-J-6



BELEZA EM TODAS AS HORAS

Só o uso continuado de Cilion faz a beleza de todas as horas.

Cílios engomados e cobertos de tinta, são uma falsa beleza torjada em poucos instantes, que desaparece em poucas horas.

CILION — um produto da ciência para a beleza — destrói os parasitas da raiz das pestanas, e dá a cada cílio a força necessária para ser recurvo, escuro, sedoso e belo.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL

Para Você, Mãezinha

O Bebê vai nascer:

(RELAÇÃO DE ENXOVAL)

- 1.º — Cinteiros — 10 centímetros de largura e 80 de comprimento.
- 2.º — Fraldas — 18 bem finas e 12 de morim, mais encorpadas. Atualmente existem fraldas esterilizadas uteis para os primeiros 7 dias de vida do bebê ou melhor, até a queda do cordão umbelical.
- 3.º — Cueiros — E' a parte do vestuario que cobre a fraldas.
- 4.º — Sapatinhos — De lã feitos em *crochet* ou *tricot* — 12.
- 5.º — Toucas — Apenas 3 e de malha para saída e para os dias frios.
- 6.º — Babadores — 12.
- 7.º — Capa — uma — sêda, lã ou flanela.
- 8.º — Manta — Uma — flanela ou *tricot*.
- 9.º — Macacões — Uteis dos seis meses em diante.
- 10.º — Calças de borracha — 2 — Nunca usar diretamente sobre o corpo e sim cobrindo a fralda e só para sair. Não pode ser usada constantemente.
- 11.º — Lençóis — 12.
- 12.º — Fronhas — 6 — depois dos três meses de idade. Geralmente não se usa travesseiro para antes dessa idade.
- 13.º — Cobertor — 1.
- 14.º — Coberto impermeavel para cobrir o colchão — 1.
- 15.º — Casaquinhos — 6.
- 16.º — Camisinhas de Pagão — 12, bem fininhas.

FARMACIA DO BEBÊ

- Solução de Argirol a 4% — 10 gramas. Para os olhos.
- Solução de mercurio creme
- Solução de agua boricada.
- Pasta neutra para assaduras.
- Agua oxigenada.
- Solução antisética para o nariz. Solução fisiologica 20,0; Borato de sodio, 0,30.
- Pomada de Lassar para feridas com purgação.
- Dermatel — 10 gramas em pó para curativo de umbigo.
- Algodão — 2 pacotes de 100 gramas.
- Gaze esterilisada.
- Sabão proprio para crianças.
- Talco neutro.
- Oleo esterilizado.
- Talco antisético.
- 1 colher de chá de prata.
- Cálice de 100 gramas para dar agua.
- Banhos a 37 gráus de calor com a duração de 3 a 5 minutos.

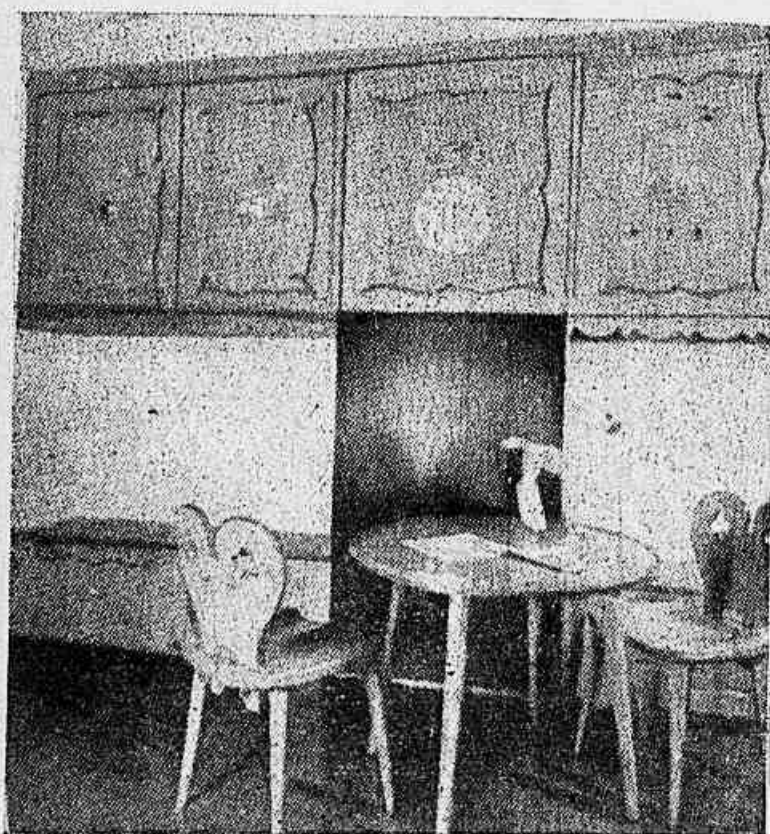
Tests e brinquedos para um ano de idade

Testes:

1 — reconhecimento dos páis. 2 — acompanhamento do olhar para coisas preferidas. 3 — ensaio das primeiras palavras. 4 — decisão dos primeiros gostos. 5 — ensaio dos primeiros passos, conhecimento de pessoas da familia. 6 — preferencia de brinquedos.

Brinquedos:

Aneis de borracha dura, com a cabeça de um animal no centro. Podem ser fervidos e de borracha sem pintura. Bonecas de borracha de um só pedaço. Choram quando apertadas. Animais de borracha indestrutíveis. Porquinhos que riem quando apertados. Bolas de borracha, vermelhas, brancas e azuis e em desenhos espirais. Menor o bebê, maior a bola — diz o proverbio. E assim deve ser. Bolas grandes distraem o garotinho de pouca idade. Bolas de borracha que precisam ser sopradas. Bolas de madeira, em pratos de madeira que têm bordos que não deixam a bola cair. Bom brinquedo para a criança que senta no chão. Bonecos, patos e pintos que rolam de madeira pintada. Bom para desenvolver o musculo dos olhos e dos braços. Castanholas que fazem barulho e exercicio para mãos pequenas demais. Cubos pintados. Cada côr com um barulho especial. Os vermelhos com um som mais forte, o azul mais fraco e o amarelo mais baixo. Contas de madeira enfiadas em elastico formando bonecas ou animais. As caixas de contas podem ser compradas para se organizar em casa.



MEZA DE ESTUDOS, ARMARIOS SUPERIORES EMBUTIDOS, INFERIORES FORMANDO BANCOS.

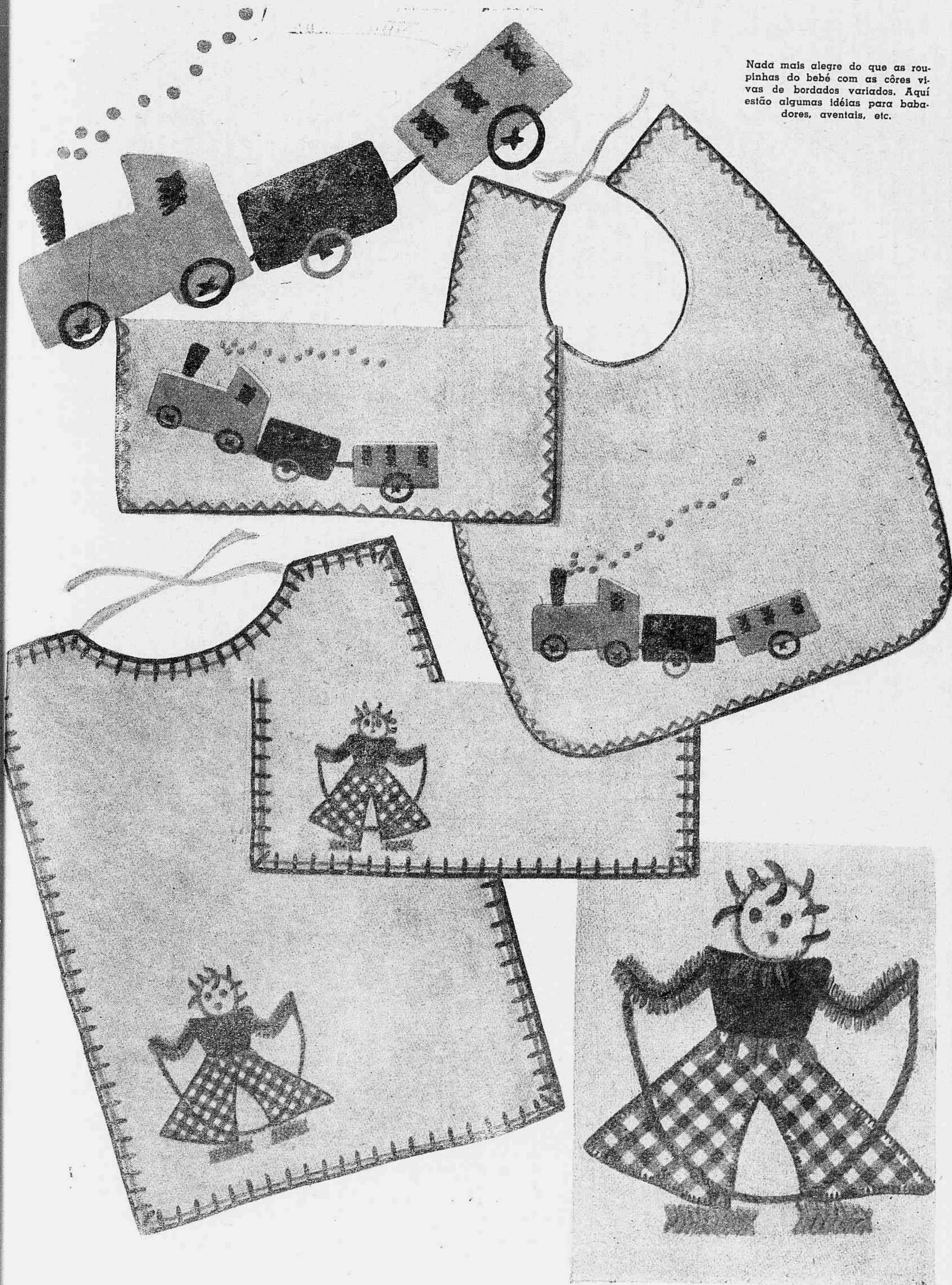


O QUARTO DO BEBÊ INTERESSANTE, AGRADAVEL E DIFERENTE.

A mesa do bebê está posta

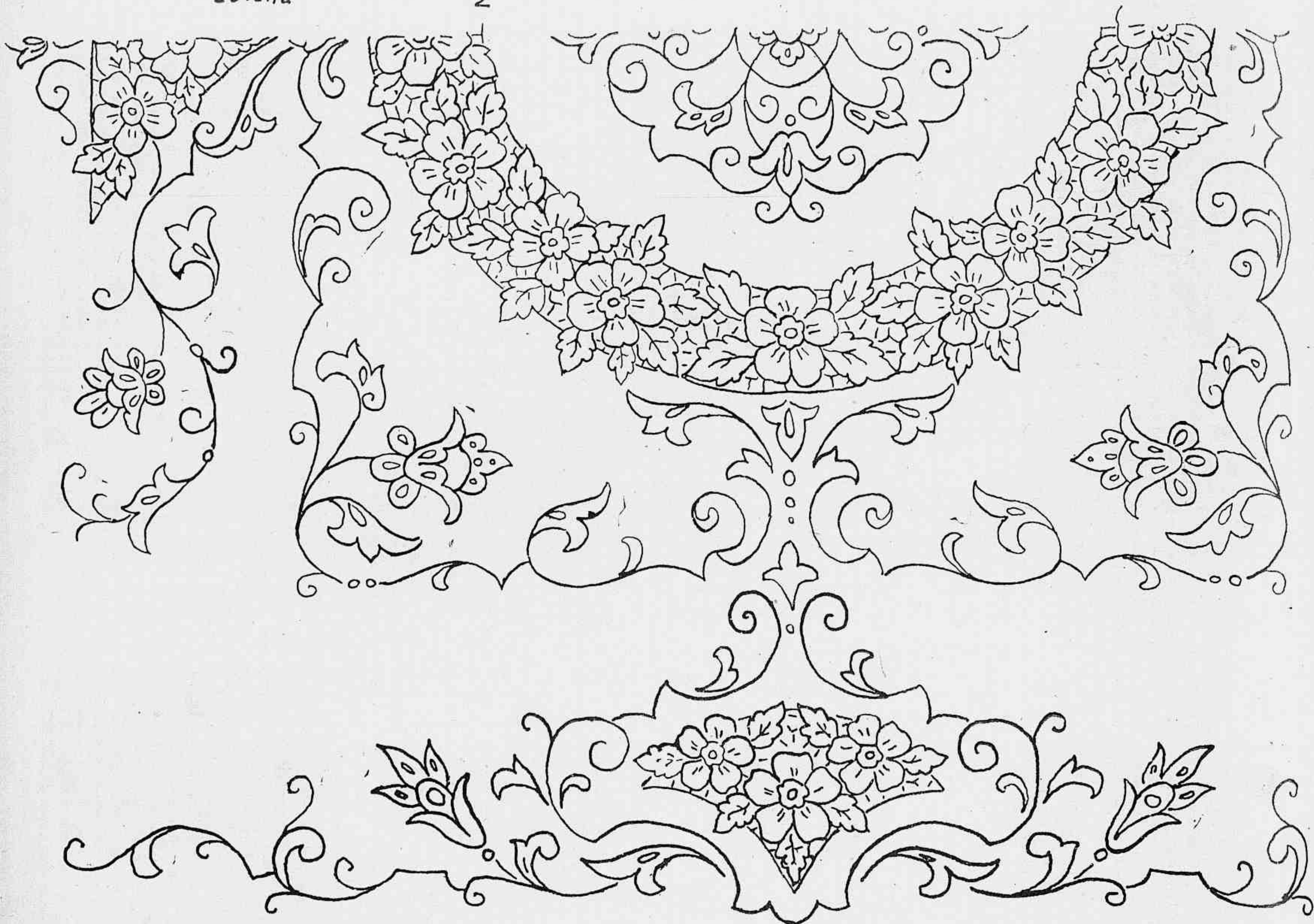
O bebê não deve usar guardanapos e toalhas dos adultos. Tudo que se refira á sua vida deve ser exclusivamente seu. Marque os pertences do seu bebê com estes lindos motivos infantis. Mesclando bordado com aplicação de fazenda aplique-os á toalha da bandeja, guardanapo, bordado e porta guardanapo.

Nada mais alegre do que as roupinhas do bebê com as cores vivas de bordados variados. Aqui estão algumas idéias para babadores, aventais, etc.



B O R D A D O S

colcha

 $\frac{1}{2}$ 

Um motivo para colcha de difícil confecção mas belíssimo aspecto. Em bom linho, trabalhado a mão, a colcha ficará riquíssima. Ou mesmo a máquina. Para ambientes infantis, essa colcha bordada a mão em cores harmoniosas será uma peça valiosa e belíssima. A miniatura que ilustra esta página, ampliada, constituirá metade da colcha.

Leitura para a vida rural

Não é apenas de calendário e informações sobre o ano que se compõe o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943.

« Avicultura para todos », artigo ilustrado sobre os métodos modernos de criação de galinhas — « Plantas ou cisternas? » — « As diversas raças de gatos » — « E' preciso saber mungir as vacas » — « Defesa as batatas » — « E' preciso saber criar rosas » — « Insetos que curam » — são alguns dos muitos assuntos que o ALMANAQUE reservou para os seus leitores do campo.

Informações, curiosidades, notas uteis, conselhos, etc..

O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, por Cr. \$ 8,00.

Redação: Maranguape, 15 — RIO. Fazem-se remessas pelo Correio, mediante vale postal ou pelo reembolso.

Aviso aos Católicos

Encontram-se nas trezentas páginas da preciosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 além de utilíssimos calendários, assuntos de interesse dos católicos, como: « Os animais na vida dos Santos e os Santos na vida dos animais » — « São Francisco de Assis, segundo um quadro pouco conhecido » — « A virgem da árvore » — « A cerimonia do fogo no sepulcro de Cristo » — « A Trappa e os trapistas » — « As festas religiosas do ano » — « Os dias santificados » etc. — e muitas outras informações oferecem ao mundo católico leitura útil e divertida.

O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 está á venda em toda parte, ao preço de oito cruzeiros. Pedidos á Redação: Maranguape, 15 — RIO, pelo Correio, mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso.

CONSELHOS ÚTEIS

FRESCURA DA PELE

Um bom tratamento para conservar ou restituir a frescura da pele é o que se faz por meio de inalações.

Por numa tigela folhas de hortelã pimenta, pétalas de rosa, flores de violeta, sumo de limão, água de colônia e tintura de benjoim. Deita-se em cima um litro de água fervendo. Assim que o calor se tornar suportável, recebê-lo no rosto, tapando bem os olhos e os cabelos. E' bom pôr uma toalha cobrindo a cabeça, de modo a aproveitar bem o calor. Ao fim de dez minutos terá preparado sua pele para um aspecto juvenil e cheio de frescura. Evitar correntes de ar e ventilação do aposento, por algum tempo depois da inalação.

PARA AS MÃOS

Para o suor das mãos, esfregá-las bem com bicarbonato de sodio.

Para as branquear, usar a seguinte imersão: mel branco, 50 gramas; sabão branco líquido, 20 gramas; goma 15 gramas; óleo de amendoas doce 150 gramas; gema de 1 ovo; essencia de amendoas amargas. Esfregar bem as mãos e deixar passar um pedaço, lavando-as em seguida com água, morna. Depois enxugá-las e empoar com talco.

**NÃO SOFRA
POR GÔSTO...**



A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicado nas dismenorréas

A PADROEIRA DOS PRIMEIROS COMUNGANTES

de CAROLINA NABUCO



Marlise, filha do casal Alberto Florindo, no dia de sua primeira comunhão.



Therezinha, filha do sr. Antonio Rodrigues dos Santos — Sapucaia — E. do Rio.



Carmen Maria Barradas Fontoura, aos 6 anos, no dia 25-10-1942.

A menina Imêlda, filha da nobre família Lambertini, de Bolonha, entrou para o convento por determinação dos pais. Naquele tempo eram os pais que decidiam o futuro dos filhos e, sem os consultar, escolhiam noivos ou noivas, ou conduziam as meninas aos conventos. Os casamentos naquela época realizavam-se muito cedo. Crianças em idade de brincar tomavam os votos sagrados do matrimônio. Outras entravam para conventos.

No caso de Imêlda Lambertini, o desejo dos pais coincidiu com o desejo da filha. Imêlda não tinha outro sonho senão viver na paz de uma casa religiosa e no amor de Jesus Cristo.

Entrou pois como noviça para o convento das Dominicanas em Bolonha, mas tinha tão pouca idade que não lhe permitiram fazer a primeira comunhão. É verdade que naquele tempo a primeira comunhão se fazia mais tarde que hoje, em geral entre doze e quatorze anos. Era preciso ter um sólido conhecimento da doutrina cristã. E também a gente grande não comungava frequentemente como hoje; só por ocasião das grandes festas e com licença especial do confessor. Nem freiras comungavam diariamente. Tudo isso se fazia pelo respeito ao sacramento, pelo desejo de chegar a Jesus com o coração e o espírito bem preparados. Imêlda tinha o coração cheio de amor a Deus, mas não sabia responder a todas as perguntas difíceis que lhe faziam nos exames de doutrina. Varias vezes teve a esperança de ser aprovada, e varias vezes tivera que adiar esta esperança. Chegou enfim uma grande festa em que todas as freiras iam comungar. Imêlda esforçara-se muito, e tinha quasi certeza de que, desta vez, conseguiria licença de fazer sua primeira comunhão.

Mas veio a costumada decepção. No exame de catecismo, não pôde responder a uma das perguntas do examinador.

— Precisa esperar ainda, minha filha, disse-lhe o capelão.

Imêlda ficou desolada, mas resignou-se humildemente, por amor a Deus. No dia seguinte, á hora da missa, foi com as outras para a capela. Só ela não comungaria.

Entraram todas, a passo lento, olhos baixos, mãos cruzadas. Tomou cada uma seu lugar. Houve, ao meio da missa, um sermão sobre o sacramento da Eucaristia que quasi todos os presentes iam receber.

Chegou o momento da comunhão. Tiniram três vezes as campainhas, enquanto o celebrante repetia: "Senhor, eu não sou digno de receber-vos, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva."

Só Imêlda continuou ajoelhada. Uma após outra, silenciosas, recolhidas, o véu caído sobre o rosto, a grande capa negra cobrindo o habito branco das dominicanas, levantaram-se as freiras, e caminharam de mãos postas para a mesa de comunhão.

O padre começou a distribuir as sagradas partículas. Imêlda unia-se ás companheiras em pensamento. Sabia que muitas resavam por ela, pela menina que ficara tão triste de não poder comungar.

Então, á vista de todos, uma hóstia desprendeuse das mãos do padre. Foi até Imêlda, e parou, no ar, sobre sua cabeça. O sacerdote seguiu a hóstia milagrosa, tomou-a nos dedos tremulos e deu, ali mesmo, a comunhão a Imêlda, que não saíra do seu lugar. A menina comungou com tanta alegria, tanto amor, tanta emoção, que desfaleceu. Sentiu seu coração bater com violência e caiu sem sentidos. O choque e o deslumbramento do milagre foram tão fortes que seu coração não tornou mais a bater. A freirinha dominicana morreu de alegria.



Rosane Maria Balbi de Almeida, filha do sr. Patricio de Almeida e senhora Irene Balbi de Almeida, no dia de sua primeira comunhão.



Franklim e Gracinda, filhos do sr. Amadeu Rodrigues Albino e d. Maria José Tavares Rodrigues, no dia de sua 1ª. comunhão.



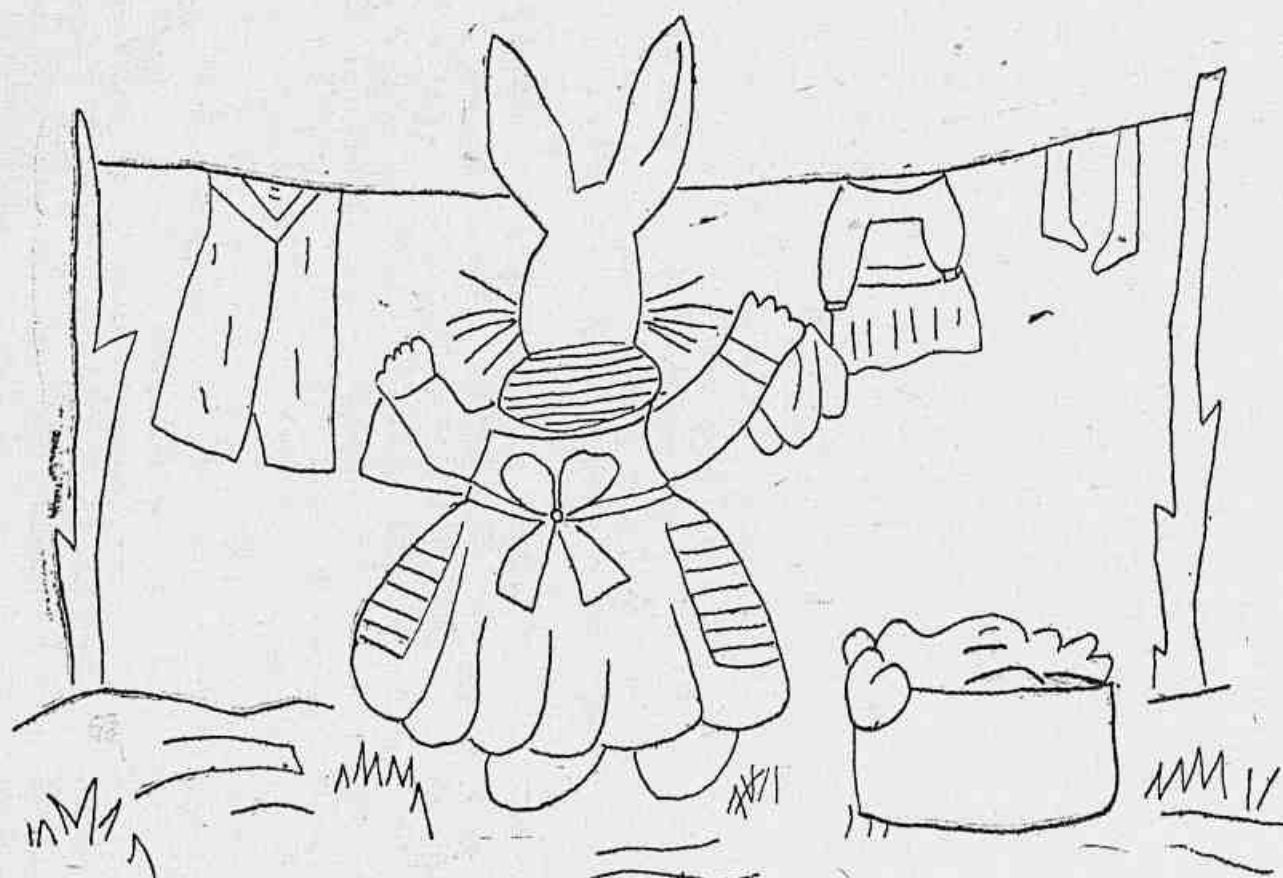
Joaides, filha do sr. Paulo Gomes Ferreira e d. Virtulina Gomes Ferreira, no dia de sua primeira comunhão.

(Do livro CATECISMO HISTORIADO)

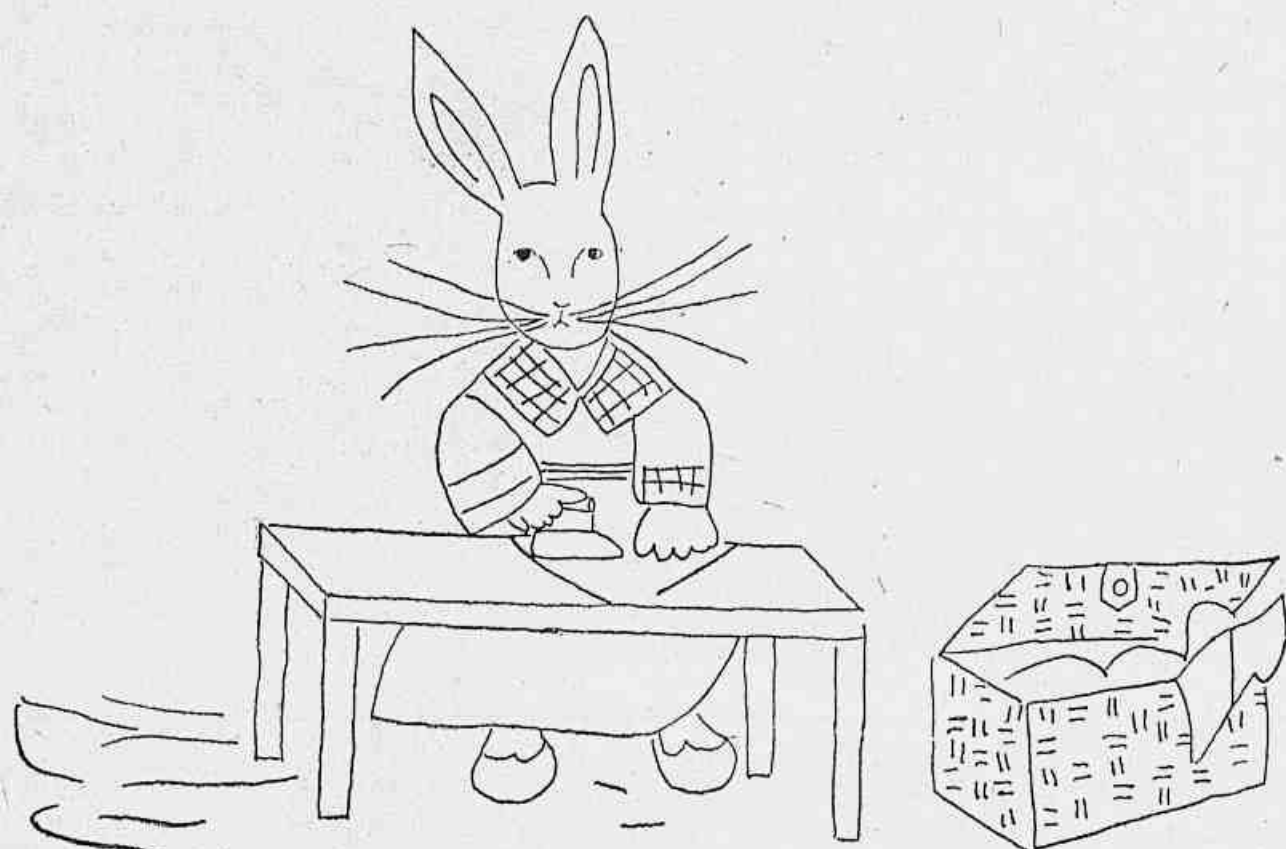
A Semana de Madame Coelho

Uma interessantíssima sugestão para o adorno da sua cozinha: um pano de prato para cada dia; todo o conjunto para pano de cozinha ou toalha para cobrir o fogão.

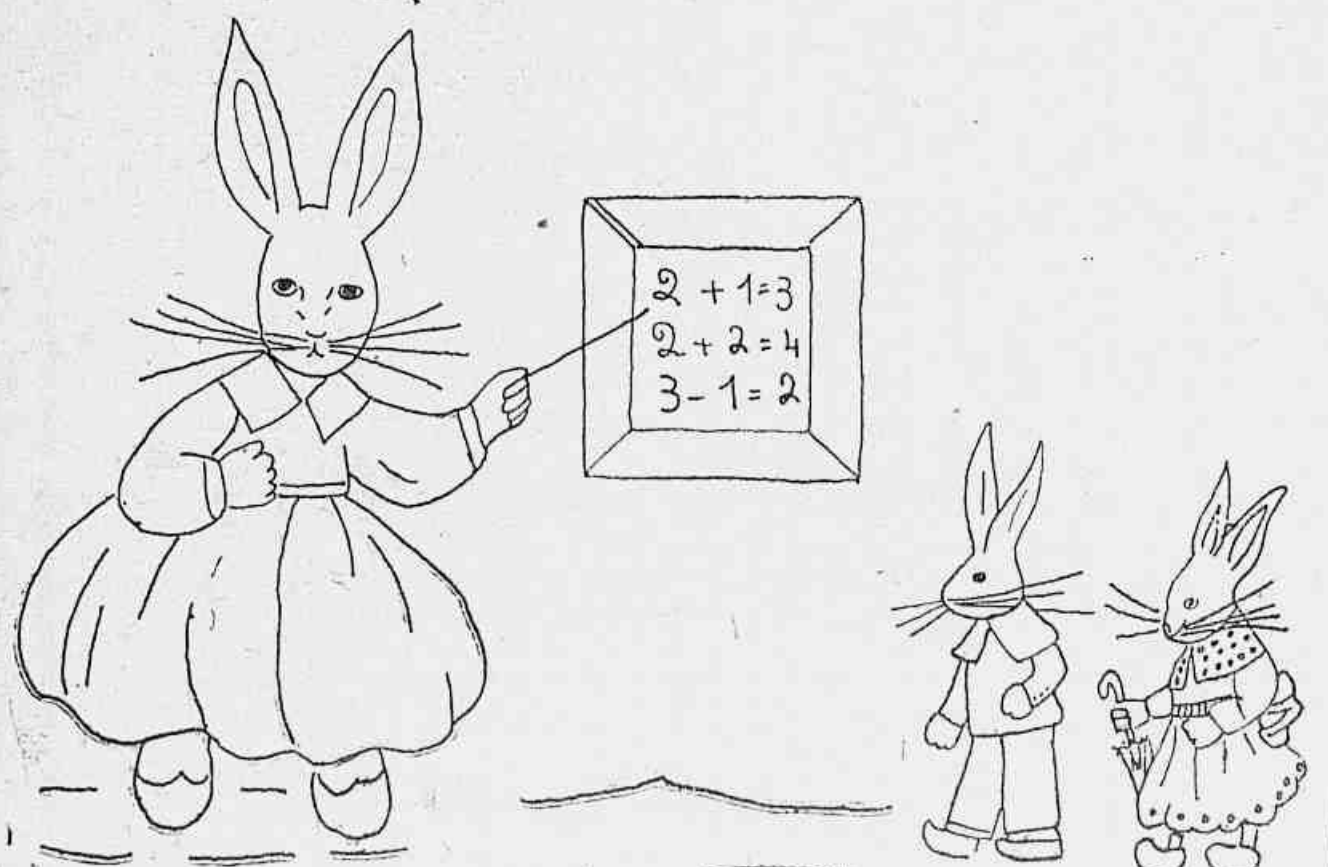
S. de S.



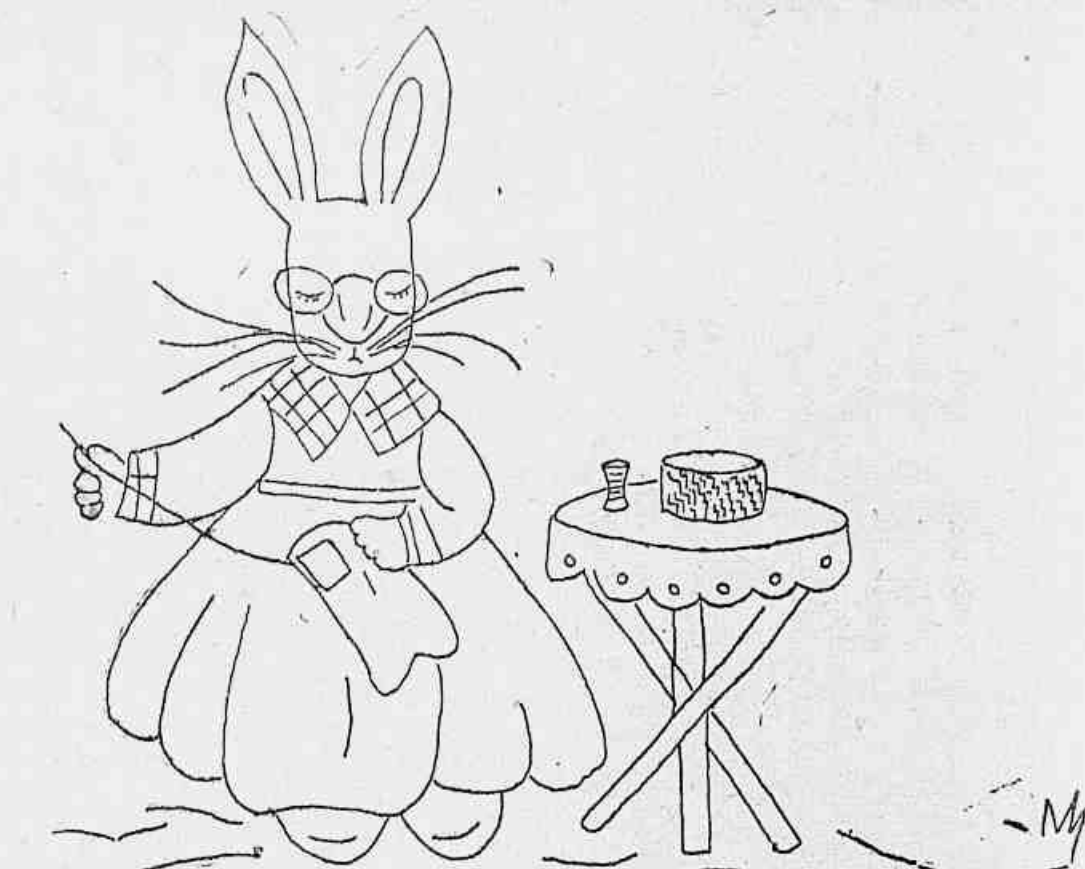
SEGUNDA-FEIRA



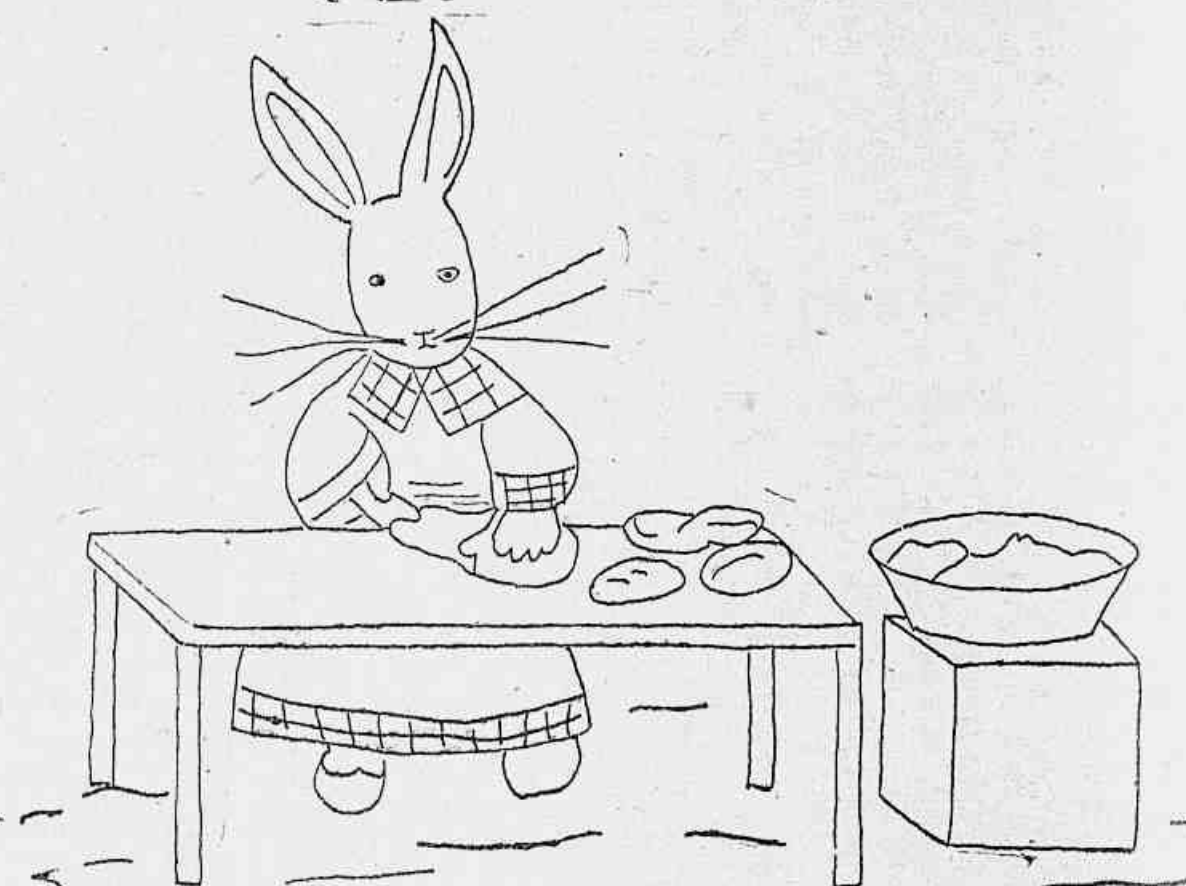
TERÇA-FEIRA



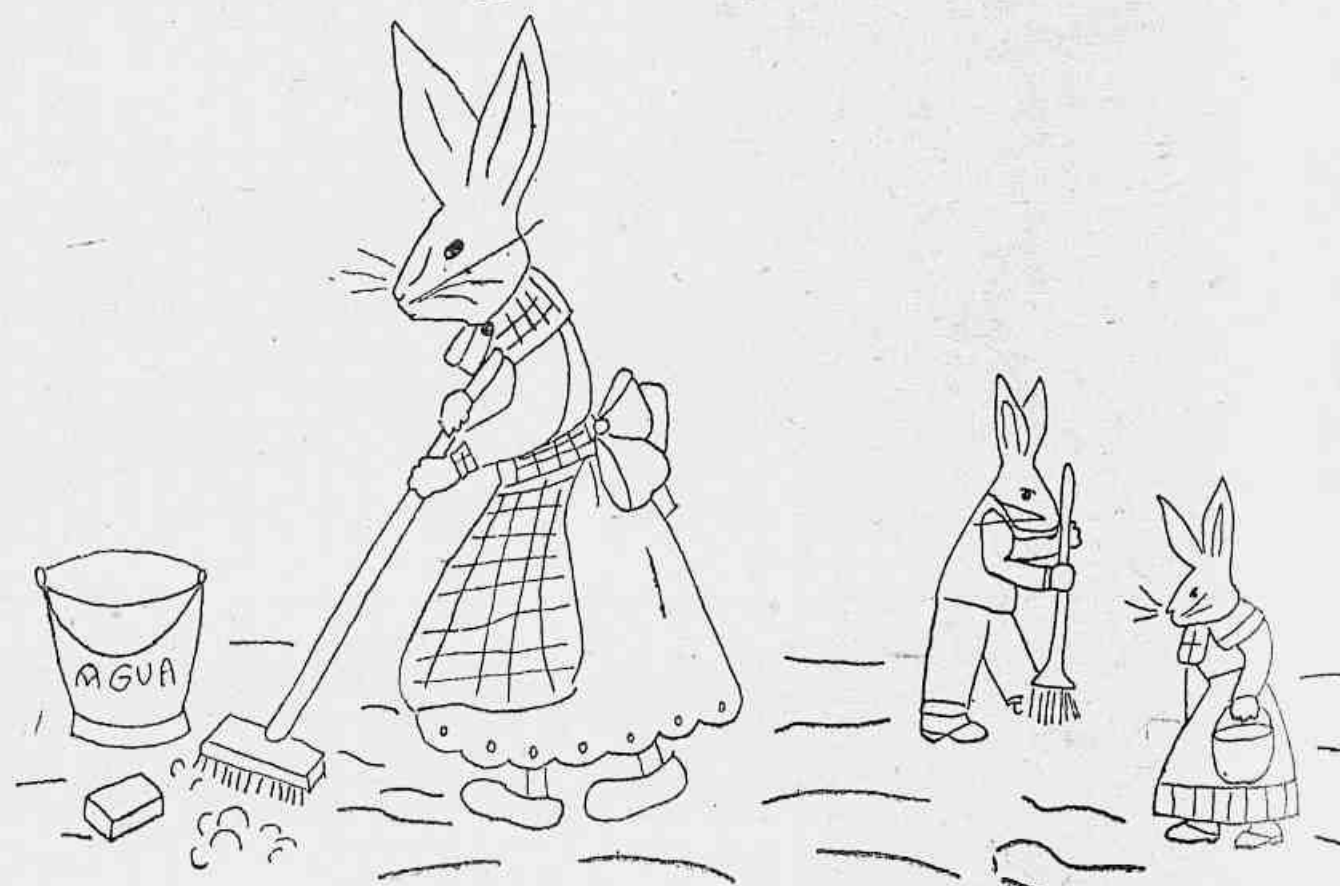
QUARTA-FEIRA



QUINTA-FEIRA



SEXTA-FEIRA



SABADO



DOMINGO

A graça da roupa íntima



A noite, hora de repouso, a casa em silencio, as crianças dormindo, ela dentro de uma « robe », o radio, um jornal - é a sua hora, a hora da sua elegancia: que deve ser muito mais cuidada que a elegancia dos vestidos da tarde, do « troteur ». Nessa hora você é elegante, bonita, só para ele. Uma beleza feita de gazes, rendas, tulle, setins. Nesta pagina algumas sugestões.

1 — Em sêda lingerie rosa ou azul: delicadas pregas dão amplitude á blusa e mangas.

2 — Finissimo « déshabillé » em setim: formando decote; na cintura e toda a extensão da frente aplicação de renda racine.

3 — Camisola em gaze: alças saindo da cintura, de « rouches ». Blusa franzida, saia triplice; três panos de gaze cruzados. Delicado babado na barra.

4 — Camisola em sêda lingerie: modelo e bordado de inspiração russa.

SEUS MOVEIS
FICAM
mais bellos

usando **PEROBA**
OLEO DE

Massas e Tortas

NHOQUI

Cozinhe 1 quilo de batatas descascadas, escorra, passe no passador, deixe esfriar bem, junte meia colher de manteiga, 2 claras de ovos, 4 gemas, sal e 150 gramas de farinha de trigo. Amasse tudo muito bem, até formar furos na massa. Tire aos bocados, enrole como cordões da grossura de um dedo mais ou menos e corte aos pedacinhos. Depois cave enrolando-os na ponta dos dedos. Devem ir para água fervente com sal. Pode-se servir com molho comum de macarrão ou do seguinte modo: arrume num prato camadas de nhoqui e de queijo ralado. Regue com 2 colheres de manteiga derretida e leve a tostar em forno quente. São servidos no próprio prato.

TALHARIM

Tome meio quilo de farinha de trigo, deite em monte numa taboa e faça um poço no meio. Aí vá deitando 6 ovos, gemas e claras. Junte 1 colher de chá de sal. Misture tudo muito bem e si estiver difícil de ligar junte mais um ovo. A massa verdadeiramente boa não deve levar água. Amasse até ficar boa de ser trabalhada mas não muito mole. Divida em 3 bolas e abra uma a uma com o rolo de estender. Quanto mais fina ficar tanto melhor. Polvilhe uma toalha com farinha e deixe a massa estendida para secar. Quando estiver seca que possa ser enrolada sem grudar, enrole e corte com uma faca bem afiada em tiras bem fininhas. Abra e espalhe para não grudar. Prepara-se como o macarrão comum. Depois de seco pode ser guardado em latas para ser usado alguns dias depois.

PASTEL

250 gramas de farinha de trigo, em monte numa táboa. Faça um buraco e deite nele meia colher de banha e meia de manteiga. Misture bem e vá pondo água morna salgada até tomar consistência muito branda. Sove bastante.

EMPADAS

Misture 500 gramas de farinha de trigo com 2 ovos, 2 colheres de banha e vá amassando com manteiga até formar a massa bem macia e fácil de trabalhar.

PASTEIS DE BATATAS E SEMOLA

Cozinhe batatas, passe por espremedor. Junte duas gemas, 1 colher de sêmola, 2 colheres de queijo ralado, sal, pimenta do reino, meia colher de manteiga. Leve ao fogo mexendo sempre até cozinhar bem a massa. Retire a massa do fogo e deixe esfriar.

Faça um guizado de carne com toucinho *bacon*, junte pedaços de ovos cozidos. Abra a massa e com o auxílio de uma caneca corte em rodela. Recheie a gosto. Faça os pasteis, passe um ovo batido e farinha de rosca e frite em gordura.

TORTA DE QUEIJO

Faça metade da receita de massa doce para tortas, forre 1 fôrma ou 1 prato de vidro (desses que vão ao forno), e leve ao forno quente, tendo tido o cuidado de furar o fundo da massa com 1 garfo, para que ela não estufe. Depois de assada encha a torta com o seguinte recheio:

Ingredientes: — 1 chicara mal cheia de açúcar, 2 de leite, 1 de queijo de Minas ralado, 4 ovos, 1 colherinha das de chá de essência de baunilha e 1 pitada de sal. (Se a torta for grande dobre essas medidas).

MODO DE PREPARAR O RECHEIO: Bata os ovos, ligeiramente, misturando as claras com as gemas e vá juntando o leite, previamente fervido, a baunilha e o sal, tudo bem devagarinho e sem deixar de mexer. Quando tudo estiver bem mistura-

do, junte o queijo de Minas, ralado, torne a misturar bem e então encha a torta que já foi assada, levando-a novamente ao forno brando. A torta estará pronta quando, metendo-se 1 palito, até o fundo do recheio, o mesmo sair seco.

TORTA DE COCO

Basta seguir as indicações da torta de queijo, substituindo apenas a chicara de queijo ralado por uma de côco ralado.

TORTA DE MAÇÃ (simples)

Fôrre 1 fôrma de torta com a massa doce própria e encha-a com fatias finas de maçãs já descascadas sem as sementes, alternadas com qualquer geleia de frutas, de maneira que a ultima camada seja de geleia. Cubra a torta com 1 gradeado feito com tirinhas de massa doce, pinte o gradeado com gema de ovo misturada com manteiga derretida e leve a torta ao forno bem quente para corar bem. Sirva com creme Chantilly.

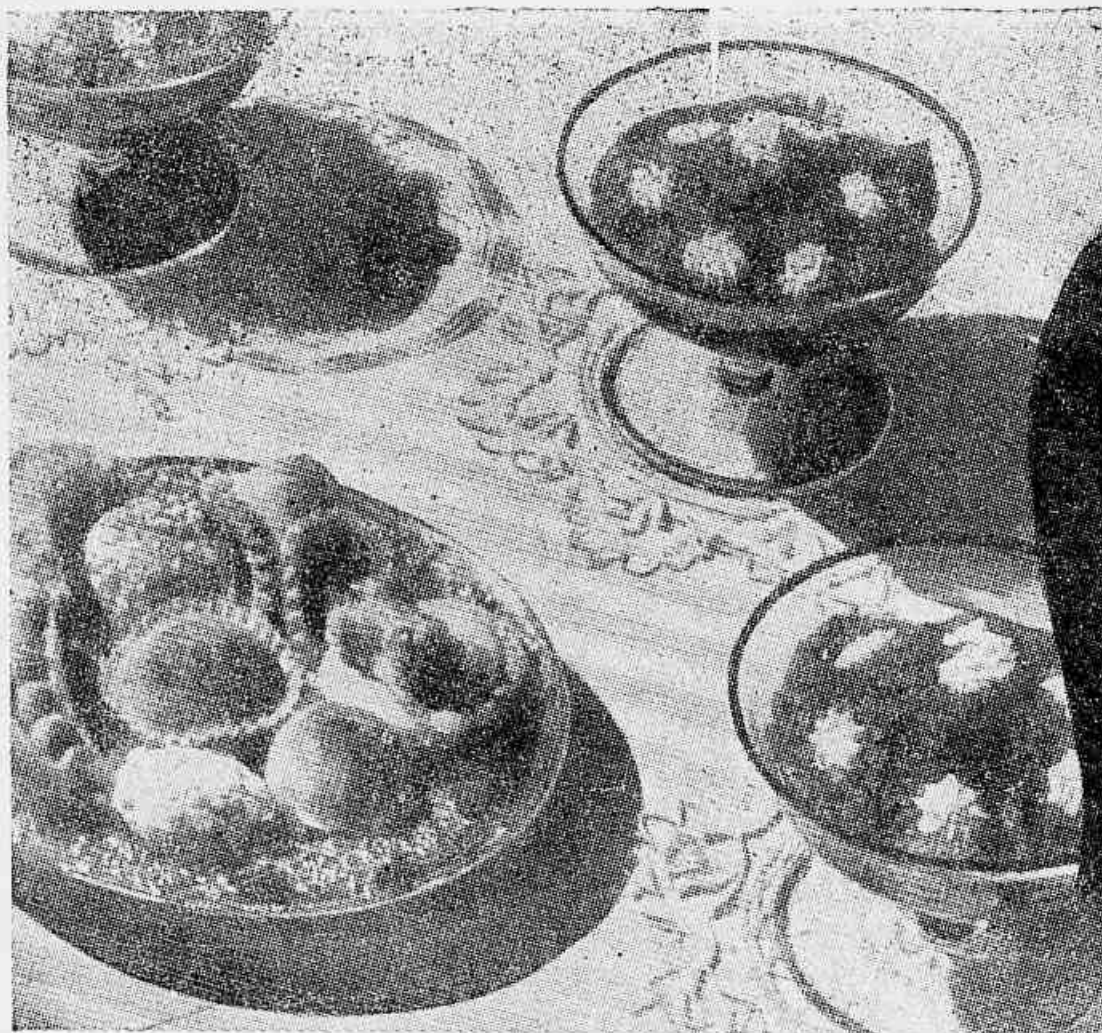
MASSA DOCE PARA TORTAS

500 gramas de farinha de trigo peneirada e sem mistura, 125 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar, 4 ovos e 1 pitada de sal fino. **MODO DE PREPARAR:** junte a farinha num monte sobre o marmore da pia ou sobre a mēsa, faça 1 cova no centro, onde deitará o açúcar, a manteiga, os ovos e o sal. Misture com os dedos estes ultimos ingredientes e depois comece a amassá-los com a farinha. Se a massa ficar dura e quebradiça, junte mais 1 ou 2 ovos. Quando ficar lisa e uniforme, estenda-a com o rolo até ficar da grossura de meio centimetro. **MODO DE PREPARAR AS FORMAS PARA FAZER A TORTA:** quando a massa estiver estendida, como ficou dito acima, corte em rodela mais ou menos do tamanho da boca da fôrma ou do prato de vidro se não fôr fazer em fôrma apropriada ou se não tiver o aro proprio. Se for fazer em assadeira, corte um retangulo mais ou menos do tamanho dela. Unte bem a fôrma, ou o prato, ou a assadeira, tōme a massa que cortou, coloque-a sobre a fôrma e com um pedaço da mesma massa carregue no centro para levá-la ao fundo; depois, com os dedos polegares, faça a massa se unir às paredes laterais da fôrma e

apare com 1 faca as sobras da massa, bem rente às bordas. Se a torta for coberta, faça 1 roda menor de massa e, depois de recheada, cubra-a com essa roda apertando-a com os dedos em toda a volta para que as 2 partes se unam bem.

TORTA DE BANANA, AMERICANA

Prepare a massa doce de tortas, estenda-a com o rolo e forre com ela os lados e o fundo de 1 fôrma de torta, bem untada com manteiga. Encha com farinha de trigo e leve ao forno para assar. Depois de assada, deixe esfriar, despeje a farinha que estava dentro e cubra todo o fundo da torta com fatias de banana, nata batida e pedacinhos de leite americana; ponha outra camada de fatias de banana maçã, outra da mistura da nata e assim até encher toda a torta de modo que a ultima camada seja de nata batida. Enfeite com rodelinhas de banana-maçã e sirva.



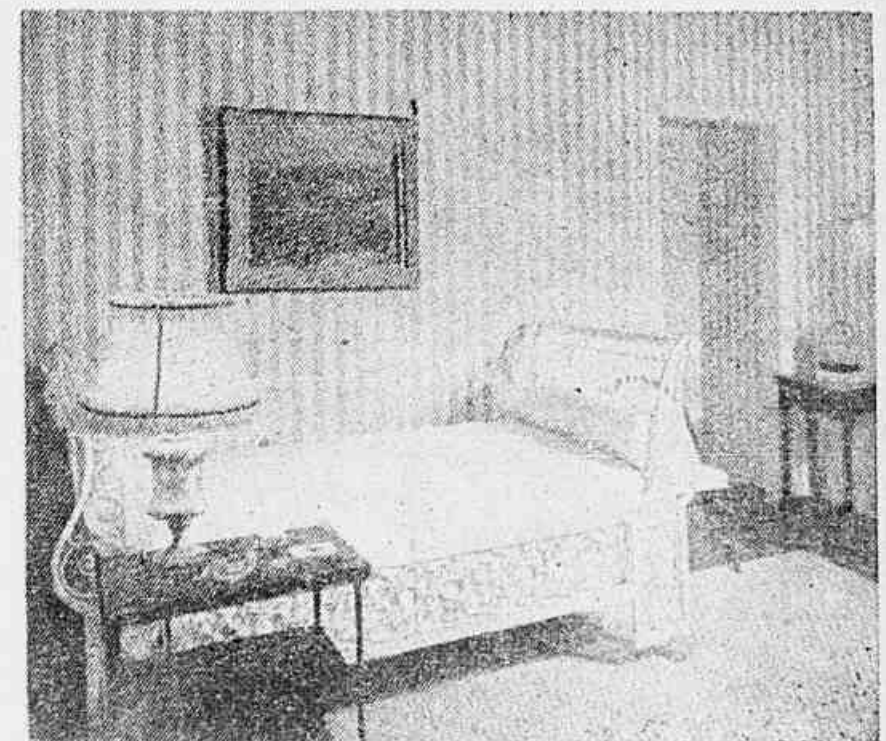
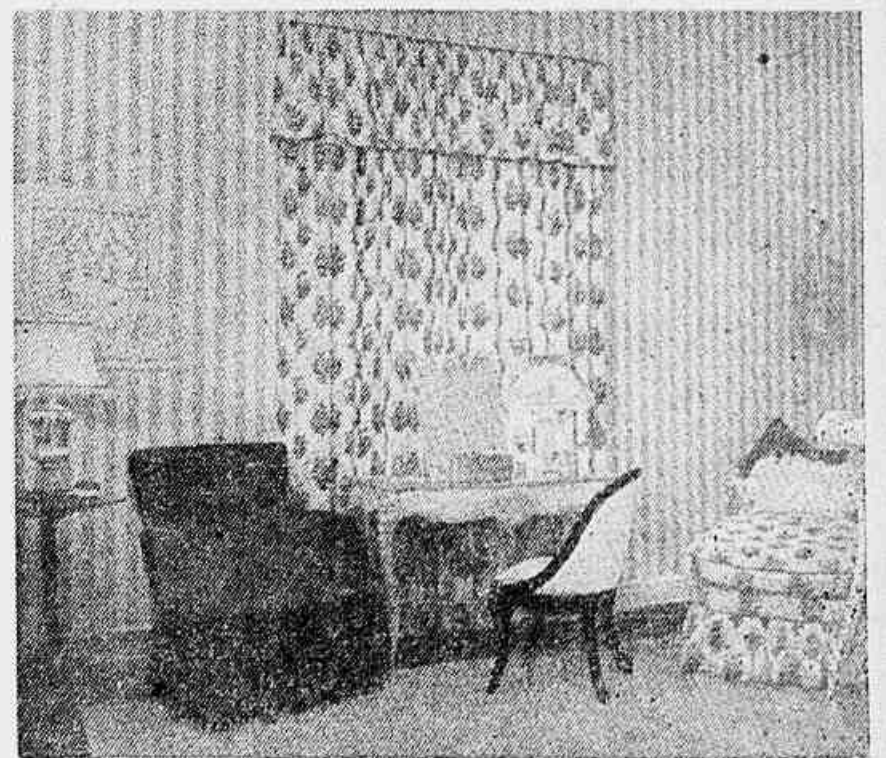
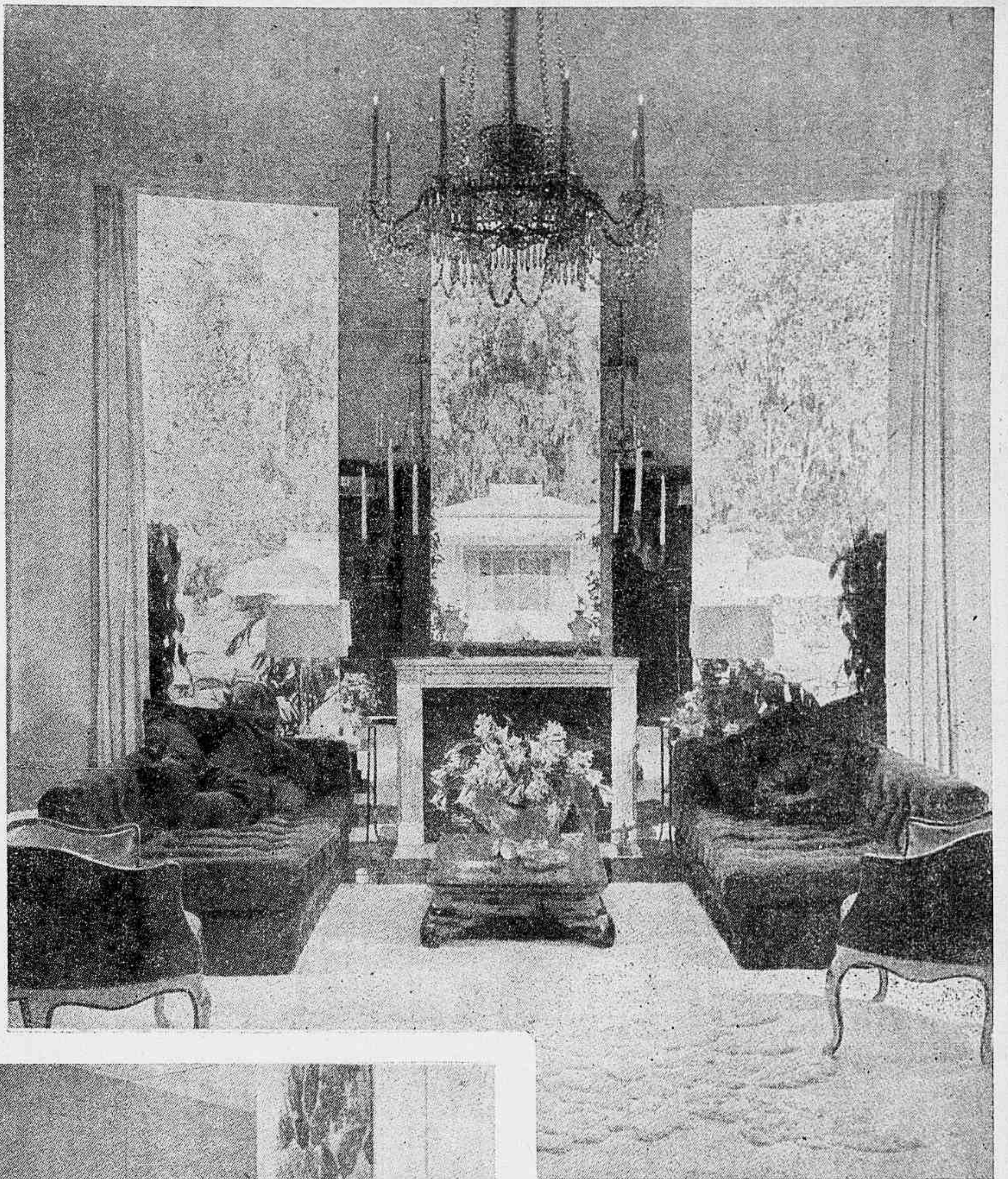
Afinal de contas, o trabalho valeu a pena. Aqui está um canto de mesa bem atraente.

O Lar

Móveis de luxo... casa de rico... Nem tanto. A beleza monumental de certo mobiliário nem sempre está na dependência de custosas aquisições. A arte de escolher supre muita vez aquilo que não seria possível obter sem largos dispendios. A leitora observa com cuidado estes conjuntos.

**PASSADEIRAS
CORTINAS
DECORAÇÕES**
SORTIMENTO
VARIADO

CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO À AVENIDA



Gonzaga Duque foi uma figura de esteta dos mais requintados das nossas letras. Duma sensibilidade aguda e duma vasta e fina cultura artistica, as suas impressões a respeito dos nossos artistas, pintores e esculptores, bem como de outras figuras estrangeiras do realce de Puvir de Chavannes, Felicien Rops e Gustave Doré, valem pelo que de melhor se escreveu em materia de arte, entre nós. Nesse particular não é possível compreender como sua ARTE BRASILEIRA, esgotada ha dezenas de anos e valendo por uma verdadeira raridade bibliografica, não tenha ha muito despertado as atenções dos nossos editores, ás vezes tão facéis de convencer deante de certos descabridos literarios atirados á rua á guisa de BEST-SELLERS.

Ao mesmo tempo que nos deixava as paginas admiraveis daquele livro, de GRAVES & FRIVOLOS e de CONTEMPORANEOS, sempre em torno de assuntos de arte, Gonzaga Duque, filiado desde cedo ao grupo dos nossos simbolistas, na irmandade de Lima Campos, Mario Pederneiras e Cruz e Souza, trabalhava, com a mesma emoção e o mesmo requinte a prosa de ficção, fosse no romance MOCIDADE MORTA ou nos contos de HORTO DE MAGUAS.

Não é um escritor para a massa do grande publico, talvez. A narrativa, que apresentamos hoje aos nossos leitores, extrahida da serie de HORTO DE MAGUAS, tem tudo, porem, para constituir um magnifico exemplar de conto brasileiro. A aura de mis-



terio que envolve as figuras, a apresentação dos tipos, o cenário á Poe, a violencia romanesca do episodio final, tudo isso a torna bem digna de ser lembrada ainda uma vez, entre as nossas boas paginas do genero.

Na maneira de evocar o ambiente e o climax de suas situações, é facil de achar sempre o grande visualista que ele foi, atraído a todas as horas para a sedução das cores e das formas puras, que amava acima de tudo e de que fez seu credo para toda a vida.

Confirmação

(Continuação da pag. 13)

Dobramos por outro corredor, vaziamente branco como o primeiro, descemos uma escada. Este silencio, estas paredes brancas, este caminhar não me aterrorizavam, deixavam-me o cerebro frouxo, sem uma comoção que me predispuzesse para o que ia assistir.

Carlos caminhava em minha frente, tambem mudo. De repente o cenário mudou. Do patamar da escada passamos a um escuro terraço. Tive um pressentimento, o arrepio do misterio. Mestre Poncio, que nos precedia, desenganchou os ferrolhos de pesado portão, fez-nos penetrar as estreitas ruazitas de um jardim poeticamente sossegado ao luar.

Na friagem noite clara, toda aveludada de luz nas alturas, toda segredo de frondes na terra, o aroma das violetas derrama-se como a tentação suspirada das serenatas sevilhanas, e, sem cuidados, antegozei a surpresa que me esperava, porque á bruxaria de mestre Poncio ia-se transformando em delicias imprevisitas... modernismos de higiene hospitalar, com os quais as dores fingem discretos sorrisos de coragem, portões de cenografias dramaticas, jardins amaciados pelo plenilunio... e quando mestre Poncio, aproximando-se de um solitario casinholo escondido entre arbustos, feriu com os dedos três pancadinhas cabalisticas na porta apoderou-se de mim uma volupia, prevendo surgirem dali teorias bailantes de criadas seminuas. Mas, a porta cedeu sem ruido.

Achamo-nos numa pequenina sala, desprovida de moveis e em face de uma mulher, a quem só se podia determinar o sexo pelas vestes. Era alta, magrissima, ruiva; tinha o rosto comprido e sardento e no seu olhar de gata havia o esfuziar estranho de uma alucinação.

Passamos logo a um quarto proximo. Mal transpús a sua porta recuei com um abalo no coração. As paredes forradas ou pintadas de negro, como as camaras dos ocultistas, o teto negro, pareciam abalar a pequena chama do gás que ardia.

Num leito colegial, junto á parede, permanecia um corpozinho raquitico, esterificado sob os lençóis, cuja brancura iluminada em contraste com o negrume dos muros punha em relevo ceroso uma cabecita ossea, de um lindo perfil de martir, envolta na mantilha desgrenhada de seus longos cabelos negros.

Aproximamo-nos do pequeno leito de ferro. A rapariga agonizava sem contrações. Os seus olhos, que, sem duvida, deviam ter sido ardentemente negros, agora embutidos nas cavas cianosas das orbitas, transluziam um esverdeado sombrio; a boca fora-lhe pequena, armada em beijo e, meio descerrada, descobria uma orla de dentes certos. Arfava-lhe o peito sumido; ao longo do corpo, suas descarnadas mãos viscosas, dum branco laivado de roxo, jaziam imoveis, com os polegares dobrados para as palmas.

Carlos observou-a. Pareceu-me vê-lo inclinar-se ao leito numa pesquisa de minudencias. Mas o Dr. Poncio nos levou ás nossas cadeiras d'espectadores, pouco distantes do leito; diminuiu a chama do gás.

— Vão assistir á materialização do espirito — segredou-nos como para não perturbar o lento trabalho da morte. — Tenho a prova contraria á teoria espirita, quando o astral se desprende o espirito o segue, o corpo fica abandonado, é o casulo vazio...

E para a mulher que permanecia de pé á entrada d'alcova:

— Miss Edwiges, ao seu lugar!

A mulher obedeceu como um animal domesticado. Assentou-se defronte do leito. Mestre Poncio arregaçou os punhos, ajustou os oculos.

Apesar do estado nervoso em que me sentia, tive um sorriso com a mimica do illustre professor, desconfiei dele. Carlos, porem, o seguia sério e interessado. Pouco a pouco deixei-me dominar por seus gestos, que eram vagos, como simples esboços de sinais aos terríveis olhos da medium.

Miss Edwiges ganhara uma imobilidade de estatua. Ao principio, o fosforescer de seu olhar lembrava a pupila tragica dos felinos na treva, depois alquebrou-se-lhes a intensidade fixadora, viera-lhes um torpor sonambulo que os manteve paralizados e vazios.

Então mestre Poncio tocou-me levemente no ombro, chamando-me a atenção para o leito. Agucei o olhar. Esperei. Os segundos segundos corriam menos velozes que o meu coração. Ouvia, bem distintamente, o respirar opresso de Carlos. Subito o corpo de miss Edwiges estremeceu, e eu tambem estremei, quasi sufocado. Doiam-me os olhos no esforço do atendimento. Em torno de nós a escuridão aumentava, viamo-nos, uns aos outros, como infinidades espectrais que a concentração atenta deformava. Poncio, de pé, apenas tocado pela cochilante luz do gás, parecia-me satânico e os reflexos de seus oculos me davam a impressão de orbitas vazias; o busto anguloso de miss Edwiges, a sua cabeça imovel, os seus olhos vitreos e sem pestanejar, afiguravam-se-me um morto que ali o tivessem assentado.

Outra vez miss Edwiges estremeceu, percebi-lhe a mão direita, sobre o regaço, contrair-se. E vi, bem claramente vi, vi com estes olhos que tenho, vi com a consciencia que possuo, um halo de cor azulada, incerto, estonteado, ondulante como a primeira chama de um punch a crescer no espaço. Não tinha forma, era unicamente um farrapo de nevoa luminosa.

A mão crispada de Carlos agarrou-me o braço, ouvi a sua voz surdamente dizer-me: E' assombroso! E devagueando o olhar desviado de um para o outro lado, de pessoa em pessoa, notei que o rosto de miss Edwiges se alterara, seus cabelos ruivos eriçavam-se, as narinas inflavam-se-lhe num resfolego esfalfante. Era, em verdade, assombroso! E continuei a olhar. A nevoa luminosa densava-se. Devagar, demoradamente, com a lentidão de uma chama que a aragem castiga, doudejava no ar, alguns momentos ameaçou extinguir-se mas de novo se refez, de novo se recompôs. Já se lhe adivinhava o debuxo duma forma humana, a silhueta indicativa de um corpo desenhado a enxofre sobre a escuridão de um muro. A cabeça tomara contorno preciso. O sombrio dos cabelos acentuara-se, tal se fosse conseguido com fumaça negra; e todo o oval do rosto afirmou-se num traço de luz. Dir-se-ia uma imagem de vitral pintada, em tons brancos, com uma tinta maravilhosa. Viam-se-lhe os olhos negros, o nariz direito e fino, a boca rubra tão delicada que lembraria um ninho minuscuro de coral para o sono de-nupcias de uma abelha feita de neve.

E essa figura criada no vazio do espaço, viva da intangibilidade de suas formas, parou deante de nós, olhou-nos demoradamente e estranhamente até que, num lento volver de cabeça, fixou suas pupilas transparentes, mas ardentemente negras, no rosto transfigurado de Carlos.

O meu amigo ergueu-se num impeto de terror, e quis fugir, mas o braço luminoso do espectro o conteve e como Carlos, assombrado, voltasse o rosto para ela, vimo-la tomar-lhe a cabeça entre as mãos ambas e beijar-lhe na boca.

Um grito rompeu o terrível silencio da alcova, um grito que nava-lhou os recessos dos que o ouviram e se resumia todo no pavor de um nome que fora amado — Flavial... E Carlos Fragoso desabou no chão, com todo o peso do seu corpo para sempre inutilizado.

Figuras Femininas

(Continuação da pag. 39)

leitura para os meninos das escolas. Como, nesse interim, ela conseguira readquirir a casa paterna de Marbacka, foi lá que se recolheu para escrever a admiravel historia de Nils Holgerson, o garoto que vai, montado no dorso da velha pata selvagem, da ponta sul da Suecia até seu extremo norte.

Doravante, ela conhecera todas as glorias. Em 1904, recebe a grande medalha de ouro da Academia sueca; em 1907 é nomeada doutora honoris causa da Universidade de Upsal e em 1909 o Premio Nobel de literatura lhe é conferido. Esse premio, para Selma Lagerlof, era bem mais que a honra e a abastança: permitia-lhe comprar de novo as terras de seus maiores, esse solo onde todo o seu ser mergulhava raizes tão profundas. Quando lhe perguntaram que importancia tinha para ela o donativo de Alfredo Nobel, respondeu que lhe permitia pagar uma divida de reconhecimento, podendo enfim devolver a Marbacka o que esse lar lhe havia dado.

O apogeu da gloria de Selma Lagerlof foi sua eleição em 1914, como titular da Academia sueca, onde pompeia, como se fosse uma rainha de cabelos brancos — unica mulher até agora admitida no circulo dos dezoito imortais suecos.

Selma Lagerlof pôs sua vida, não sómente ao serviço de sua arte como ainda ao serviço de seu ideal. E seu ideal será conhecido por estas respostas ao questionario de uma de suas camaradas da Escola normal:

"Sua virtude preferida? — A misericordia.

A qualidade que prefere no homem? — A seriedade e a profundidade.

Sua ocupação predileta? — O estudo dos caracteres.

Que considera a maior felicidade? — A fé em si mesmo.

Seu autor preferido? — Um talento nascente.

Sua divisa? — Vanitas vanitatum et omnia vanitas."



Magnifica a edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943. Calendarios, informações uteis, curiosidades, contos ilustrados, muitas paginas coloridas, historia e literatura, etc. etc. Está á venda em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil.

Redação: Maranguape, 15 --- RIO DE JANEIRO
Pedidos á redação pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.
PREÇO: Cr \$8,00.

DI GELIO
R. 10



ELMO

O CIGARRO DO MOMENTO

COMPANHIA
DE CIGARROS

Souza Cruz